

COMUNICAÇÃO, UMA ATITUDE RELACIONAL

Deus, Comunicação e os Relacionamentos

"As palavras que eu lhes disse são espírito e vida."

– Jesus

Palavras para os leitores

Vivemos numa época onde se fala muito sobre comunicação. A maior parte destes comentários sobre o assunto se tratam das funções mais aparentes: vendas, ensino, inspiração, entretenimento, e assim adiante.

O mundo da mídia social adiciona uma outra dimensão a estas considerações. Qualquer um tem uma real possibilidade de se tornar conhecido por multidões e de exercer uma influência que antes era possível para poucos. A dificuldade reside na multidão de idéias e causas. Como saber o que é verdadeiro e digno de nossa consideração?

Tem também um certo fascínio com as novas possibilidades que a tecnologia tem aberto para nós. A inteligência artificial e realidades digitais inventadas pelo homem se encontram entre os assuntos que nos empolgam e também nos assustam.

A comunicação foi democratizado. Se tornou mais disponível, mais poderosa e mais potencializada. Se tornou mais importante que venhamos a entender as raízes da comunicação; os motivos, os interesses, os propósitos de Deus em nos fazer comunicadores e as fontes espirituais das mensagens sendo promovidas.

Neste livro o Hiago nos leva para estas raízes mais profundas da comunicação. Ele pondera os motivos amorosos e relacionais no coração de Deus ao nos criar. Examina também o papel fundamental da espiritualidade em comunicação. Nos ajuda a construir a casa da nossa vida e da nossa comunicação sobre a Rocha. A linguagem é clara e esclarecedora. Os pensamentos são práticos e orientadores. Este é um livro que te dará um contexto para guiar a sua comunicação e para te ajudar a avaliar as enxurrada de comunicações que chegam até você.

Se você quer pensar e comunicar conforme os caminhos de Deus, este livro será para você uma ajuda bastante efetiva.

Jim Stier – Fundador da Jocom Brasil

“Inspirado no estilo de Jesus, que formava discípulos contando histórias, fazendo perguntas que despertavam e servindo com autoridade, este livro recoloca a comunicação em seu devido lugar: um ato espiritual e relacional. Ele oferece um mapa para ordenar prioridades, atravessar tensões sem endurecer o coração, usar palavras como instrumentos de vida e transformar a sua voz em sinal do Reino em casa, no trabalho e na cidade. Ao lê-lo, você perceberá que as ferramentas servem, mas não salvam. Antes de tudo, são os princípios do Reino que restauram vínculos, alinham prioridades e tornam sua mensagem íntegra, bela e eficaz em qualquer contexto. Ancorado no Evangelho, Hiago Angelucci une teologia e prática, reposiciona valores, cura relações, afia a linguagem e ensina a contar histórias que convocam para a missão. Leia e leve saúde relacional às suas equipes, clientes, igrejas e famílias.”

Anderson Bonfim – Músico, teólogo, atualmente é diretor e docente da Plataforma Legado de Estudo Online e no seminário Teológico Academia da Família, na Igreja Família em Sorocaba, onde atua no colegiado pastoral.

Hiago Angelucci apresenta, neste ensaio argumentativo de leitura prazerosa, uma reflexão sobre a comunicação que remonta à eternidade da Trindade. Em linguagem acessível e sempre ilustrada por exemplos do cotidiano e das Escrituras, o autor desenvolve uma compreensão bíblica da comunicação, destacando os efeitos nocivos da Queda sobre os relacionamentos e mostrando como o evangelho restaura esse cenário.

Longe de tratar o tema de forma abstrata, Angelucci propõe a comunicação como um estilo de vida marcado pela verdade e pelo poder restaurador. Para isso, ele se apoia no enredo bíblico — Criação, Queda, Redenção e Consumação — e demonstra que comunicar não se limita à mídia, mas percorre todas as esferas da existência humana.

A obra intercala devocionais, diretrizes práticas para a comunicação em público e um estudo do modelo adotado por Jesus. O resultado é uma visão crítica e, ao mesmo tempo, redentora da comunicação, fundamentada em princípios eternos e aplicada às demandas contemporâneas.

Recomendo vivamente o livro — e seu autor — pela integridade que permeia vida e texto. Prepare-se para uma leitura agradável, relacional e transformadora.

Dr. Christian Maciel De Britto: Sociólogo e atual pesquisador colaborador no Centro de Inovação Tecnológica Offshore (OTIC), da Universidade de São Paulo.

A essência da natureza divina e de toda a sua Criação é o relacionamento. O próprio Deus se expressa como sendo a Palavra, o Verbo, uma comunicação ativa de onde provém toda a Criação e também a nossa Salvação. Jesus foi a personificação de uma mensagem dos Céus, uma carta de alforria para uma humanidade decaída. O maior problema da humanidade não é a insuficiência de recursos, mas reside nos relacionamentos. Você se torna na mensagem que comunica. Este é um dos pontos nevrálgicos da guerra espiritual que permeia todas as instâncias da vida. Grande parte dos conflitos humanos tem a ver com o caráter da comunicação. Ter uma ideia e conseguir comunicá-la de maneira íntegra pode parecer fácil, mas quase sempre é o que não acontece. Comunicação é a arte de se fazer entendido. Esse é um tema muito amplo, desafiador e que merece muita dedicação. Recomendo a todos essa

inteligente leitura que é o resultado de anos de dedicação e prática ministerial do autor, dos quais eu sou testemunha.

Marcos de S Borges (Coty) – Fundador da Editora Jocum Brasil e Jovens Com Uma Missão

Almirante Tamandaré

Hiago compartilha sua jornada pessoal como missionário e comunicador, desafiando-nos a redescobrir a comunicação como uma expressão viva do caráter de Deus, o Grande Comunicador. Com sensibilidade, vulnerabilidade, sabedoria e paixão, Hiago escreve de forma que este livro se torna não apenas uma leitura, mas um convite à transformação — em autenticidade e intencionalidade, segundo a imagem de Cristo. É uma contribuição preciosa para todos que desejam comunicar com propósito no Reino de Deus. Recomendo este livro com entusiasmo e alegria.

Adriano Estevam – Centro Gênesis da Universidade das Nações UofN

Vale a pena ler esta abordagem inovadora sobre o tema da comunicação que o Hiago traz no livro. Ao fazer a conexão entre temas como vulnerabilidade, sentimentos, emoções, tensões, bloqueios, proteção e defesa, e sua influência na comunicação e, mais do que isso, ao trazer o assunto para a esfera espiritual (trazendo o exemplo de Jesus e de situações bíblicas), leva o leitor a fazer uma auto avaliação de como tudo isto influencia sua vida, e também como influencia o sucesso ou fracasso nos relacionamentos. Parabéns pelo belo trabalho.

*Gerhard Fuchs. Empresário. Presidente do CECOV – Centro de Combate a Violência
Infantil e do FCI – Fundo Cristão de Investimento Estratégico.*

Em uma sociedade tão distraída, viciada em entretenimento, hiperconectada, reféns das telas, ruídos, vozes e narrativas, Hiago de uma maneira leve e fundamentada nos leva a refletirmos sobre o poder em comunicarmos a verdade do Reino de Deus.

*Achilles Joel de Oliveira – Integra a equipe Pastoral da Comunidade IECON em Curitiba e
Mentor da Missão MOVE*

Agradecimentos

À minha mãe, Luciene. Obrigado por ter dado o melhor de si por mim. Sua força, coragem e entrega são parte da minha história. Que eu possa seguir honrando o seu legado através da minha vida.

À minha querida esposa, Nathalia. Obrigado por ser minha parceira de jornada e minha inspiração de coragem e resiliência. Quero viver e escrever muitas outras aventuras ao seu lado.

Aos meus filhos, Pedro e Mariana. Este livro é para vocês. Que as palavras aqui plantadas se tornem sombra e fruto no futuro de vocês.

À Landa Cope. Obrigado pelo seu legado tão precioso. Sua vida e seu trabalho abriram caminhos para nossa geração na área da comunicação. Este livro também é fruto da semente que você lançou.

Ao Matt Rawlins. Obrigado pela aula de comunicação interpessoal que recebi durante minha escola na Universidade das Nações. Seus insights e ensinamentos ajudaram a moldar boa parte das ideias que compartilho aqui.

A todos os mantenedores e intercessores do nosso ministério. Obrigado por sustentarem conosco esse chamado. Vocês são resposta de Deus para que o trabalho missionário continue. Este livro também carrega a marca da fidelidade de vocês.

Introdução

Ao sentar para escrever a introdução desse livro, lembrei que já se passaram mais de dez anos desde que percebi a possibilidade, que poderia escrever algo para compartilhar com as próximas gerações sobre *"Deus, a Criação e os Relacionamentos"*. Para ser mais preciso, foi em 2013 durante um almoço com a Dra. Landa Cope onde tive várias inspirações sobre o tema e algo mais claro surgiu com relação a comunicação tanto na escrita como na área do treinamento.

Meu objetivo com este livro não se trata de aprofundar-se em questões teóricas ou metodológicas acadêmicas sobre a comunicação. A proposta aqui é explorar, de forma ensaística e sensível, o mundo criativo de Deus e refletir sobre a comunicação de maneira relacional, viva e acessível. Creio que, assim como eu, você seja uma pessoa que deseja explorar o mundo criativo de Deus e pensar sobre a comunicação que envolve o ser humano de maneira relacional, esse livro certamente será interessante para você.

E por que eu faria isso? Por que eu escreveria sobre isso? Quanto mais me aprofundo nesse tema, mais me vejo confrontado. É um assunto vasto, profundo, cheio de nuances. E, para ser honesto, há momentos em que não tenho respostas para os dilemas relacionais que surgem no caminho. E quem tem todas as respostas?

Talvez seja por isso mesmo eu me sinta encorajado para arriscar. Aliás, arriscar sempre foi uma das minhas palavras favoritas. Eu gosto mesmo é de me aventurar nas possibilidades que Deus coloca em minha vida. Sendo mais vulnerável sobre mim, sabe o que eu acho? Eu acho

que Deus tem mesmo é um carinho especial pelos improváveis. Sim, improváveis. Eu sou bem desse tipo de gente: que lutou na vida, que tinha muitas possibilidades de dar tudo errado e que experimentou uma graça abundante e imerecida de Deus.

Sou uma pessoa simples, do interior do Paraná, que cresceu em uma pequena cidade com um pouco mais de 30 mil habitantes. Eu nem gostava muito de estudar. (Pausa para os meus filhos rirem no futuro: o pai de vocês já fugiu da escola algumas vezes...). Eu gostava mesmo era de explorar, estar na natureza, conhecer o campo, brincar na rua com os amigos até o anoitecer, jogar bola... um típico piá do interior que só queria ser feliz. Eu sou mesmo o típico *“Bicho do Paraná, Pé Vermelho”* e se você não é daqui, nem vai entender muito bem o que significa essas duas palavras profundas sobre nosso povo. Puxa, essa pequena introdução não está nada formal. Voltando para o assunto.

Percebo que experimentei uma boa procrastinação na última década. Sim, boa. Ou melhor: necessária. Foi um tempo de maturação das ideias. Elas estavam mesmo num processo parecido com o de um pepino para virar picles, embebido na busca pelo conhecimento de quem eu sou, de quem é Deus e por que Ele me chamou para aprender sobre comunicação e compartilhar isso com outras pessoas. Eu tive que aprender na prática sobre as relações. Deus tem senso de humor! Ele pega um cara como eu, cheio de individualismo, e leva para viver em um lugar com muitas pessoas. Em 2010 fui viver e morar em uma comunidade da Jocum, viver com centenas de pessoas de diferentes localidades, nações e culturas. Esse é um ótimo contexto para aprender sobre pessoas e relacionamentos. Foi aqui, no dia a dia das relações, que eu tive a preciosa oportunidade de me esticar como pessoa. Foi vivendo na Jocum que aprendi que o mundo não gira ao meu redor. E que, apesar de sermos todos muito parecidos, também somos todos muito peculiares. Relacionamento é uma arte mesmo. E dá trabalho fazer uma boa arte.

Deixa eu te contar algo pessoal e importante: em termos de relacionamento, a minha verdadeira universidade foi o casamento com a minha querida esposa Nathalia e a chegada dos meus filhos Pedro e Mariana. São eles que me proporcionam a prática diária das relações. Eu precisei viver tudo isso para finalmente poder escrever. Minha família é o meu lugar de sacrifício diário, que me faz sair do egoísmo, baixar a guarda, ser vulnerável. É na experiência do casamento e da construção da família que posso ser eu mesmo. Eles sabem que eu não sou um super-herói e tudo bem. Aqui em casa sou o Hiago, o marido e pai: ora carrancudo, ora palhaço; ora bagunceiro, ora organizado; ora tentando salvar o mundo, ora tão limitado. Estou aqui, nessa aventura da vida, e sigo na tentativa diária de ser um ser humano. Isso mesmo: estou desistindo de outra ideia. O negócio é ser o humano que Deus deseja que eu seja — marido, pai, amigo das pessoas e com um profundo sentimento de propósito.

A minha proposta através dessas páginas é simples. A intenção é mostrar uma perspectiva de comunicação que começa na eternidade, conectada com o Criador, que tem a graça de compartilhar conosco esse dom maravilhoso. Falo também sobre nossas crises, sobre as consequências do pecado que mudaram as coisas e nos deixaram tão longe da realidade. O ponto alto do livro é mostrar a redenção da comunicação na pessoa de Jesus, como Ele modelou isso nos evangelhos e como podemos colocar em prática em nossas vidas.

Pode ser que eu seja enfático e, em alguns momentos, até repetitivo nas páginas seguintes. Todavia, entendo que isso é importante para destacar a importância da comunicação. Procuro demonstrar as coisas de maneira prática, indicando como transformar princípios em estilo de vida, cooperando para que a Palavra seja expressa através das atitudes. Passei os últimos anos fazendo uma coletânea de aulas, reflexões e apontamentos sobre comunicação. Reuni tudo isso para organizar em formato de livro e, honestamente falando, deu muito trabalho. Foi um

investimento de tempo, tanto meu quanto das pessoas que me ajudaram a organizar as ideias - sou extremamente grato por elas!

No final, temos uma série de devocionais inspirados no livro de Lucas sobre comunicação. Peguei um capítulo por vez e meditei neles a ponto de sentir que havia uma revelação sobre algo de Deus para repartir com as pessoas. Acredito que essa parte do livro será melhor aproveitada se você conseguir ler sem pressa, um dia por vez, recebendo as ministrações devocionais tal como um conta-gotas, que derramam o que precisa ser considerado nessa área da sua vida, sempre convidando Jesus para fazer parte dela.

Seja bem-vindo a esta leitura! Estou animado para ouvir, no futuro, os feedbacks a respeito deste material. Esse é começo de uma nova aventura em minha vida: escrever!

Expectativas sobre a comunicação

Na minha experiência como professor ao longo dos anos, pude receber as mais variadas respostas dos alunos sobre o que é a comunicação. Pude perceber que a maioria delas está ligada ao conceito de transmissão de uma ideia para ser compreendida. Além disso, essas discussões e expectativas em relação à comunicação também se conectam à tecnologia e suas ferramentas, como fotografia, design e as mídias sociais. Apesar de todos esses meios fazerem parte do nosso mundo de comunicação, ainda estaremos muito distantes do entendimento da comunicação e de seu verdadeiro propósito se apenas nos concentrarmos nas ferramentas e meios de comunicação.

Outro ponto muito importante que observo é que, ao convidarmos pessoas para aprender sobre comunicação, principalmente aquelas que fazem parte do nosso meio ministerial, elas tendem a não demonstrar muito interesse e evitam participar. Muitos acreditam que a comunicação é algo para a nova geração ou para as pessoas que estão trabalhando em algum ministério de mídia. Outro pensamento entre os cristãos é que a comunicação não é algo tão "espiritual" e, portanto, não chama muito a atenção no âmbito ministerial. Eu acredito que este é o pensamento mais superficial que podemos ter sobre o que a comunicação significa em nossas vidas. Por isso decidi escrever, para ajudar pessoas a terem um entendimento bíblico sobre a comunicação, como algo que começa em Deus e que Ele inseriu em toda a Sua criação e contínua em toda a Eternidade. Decidi escrever para que, a partir desse entendimento, pessoas desenvolvam atitudes coerentes com o fato de que a comunicação é uma parte indivisível de nossas vidas

Para aqueles que trabalham diretamente na esfera da mídia e que, ao lerem esta introdução, se sentem desanimados por acharem que isso não os ajudará a ter sucesso em suas técnicas de comunicação, meu convite inicial é que sejamos cuidadosos para não colocar nossa paixão pelas técnicas das mídias acima do conhecimento de Cristo. Devemos desejar a Cristo mais do que qualquer outra coisa, como o Apóstolo Paulo disse em Filipenses: *"Mas o que para mim era lucro passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé."* (Filipenses 3:7-10).

Quero conhecer Cristo, o poder de Sua ressurreição e a participação em Seus sofrimentos, tornando-me como Ele em Sua morte. Aqueles que entre nós têm uma paixão primária pela

ferramenta correm o risco de colocar mais ênfase na tarefa do que no dono da tarefa. Quando nossa ênfase está em qualquer coisa que não seja Cristo, diminuimos o impacto de nosso trabalho. Essa foi uma lição que aprendi com o Senhor. Foi ao perder algo que fazia parte da minha paixão que percebi a importância de voltar meus olhos para o Senhor. Esse grande aprendizado aconteceu durante a minha a minha lua de mel, no ano de 2012. Sabe aqueles momentos em que perdemos para ganhar? Então, essa é minha história.

Minha esposa Nathalia e eu decidimos fazer uma viagem para o Sul do Chile, onde tivemos a oportunidade de explorar suas deslumbrantes montanhas, lagos e vulcões. Tudo era muito diferente do nosso lar no Brasil. Como fotógrafo e produtor de vídeos, não pude resistir à tentação de levar meus equipamentos profissionais recém-chegados dos Estados Unidos para registrar toda a viagem, filmando e tirando fotos incríveis. Como missionários, estamos sempre dispostos a abraçar aventuras e essa viagem certamente foi uma verdadeira aventura. Retornamos com experiências que guardaremos para sempre na memória, exemplo disso foi o pequeno terremoto que vivenciamos, algo que é incomum onde vivemos.

O que não esperávamos era que, quase no final da nossa viagem, seríamos vítimas de um furto ao retornarmos para casa. Estávamos na rodoviária quando um jovem se aproximou, aparentando estar perdido e pedindo informações. Interrompi o que estava fazendo para ajudá-lo, sem saber que tudo fazia parte de um plano dos criminosos para nos distrair, enquanto eles pegavam nossos pertences pelas costas, sem que percebêssemos.

Somente depois de algum tempo é que compreendemos o que havia acontecido. Nossos equipamentos, incluindo a câmera fotográfica, o computador e outros objetos pessoais, estavam na mochila que os criminosos haviam levado. Nunca havíamos passado por uma experiência tão desagradável. Nos sentimos extremamente impotentes e tristes.

Após o incidente, permaneci em silêncio, refletindo sobre o ocorrido e tentando entender por que Deus permitiu que isso acontecesse. Muitas perguntas surgiram naquele momento. Por que eu tinha que perder os equipamentos que seriam essenciais para meu ministério de comunicação? Por que Deus nos dá algo e depois permite que seja tirado? Como eu poderia continuar meu chamado ministerial sem os equipamentos necessários?

Lembro-me de que, quando voltamos para casa, já mais calmos, tive a oportunidade de orar. Como todo bom missionário, fiz a pergunta: "Senhor, o que você quer me ensinar com esta situação?" Em um momento de vulnerabilidade, reconhecendo que Deus estava no controle de tudo e que Ele sabia o que era melhor para mim, coloquei-me em uma posição de aprendizado e humildade diante da situação.

Deus não me respondeu de imediato. Levou algumas semanas para que eu pudesse compreender. Na verdade, a maioria das minhas interações com Deus leva tempo para serem plenamente entendidas. O que Ele me comunicou foi simples e direto, mas de uma profundidade que ainda processo e aplico em minha vida. Ele disse: "Hiago, você já era comunicador muito antes de ter qualquer equipamento." Em outras palavras: quem você é sem esses equipamentos?

O interessante é que, além de ficar sem meus equipamentos, fiquei diante de um momento desafiador em termos de aprendizado. Entendi que Deus desejava que eu embarcasse em uma jornada de descoberta sobre o significado de ser um comunicador e o papel da comunicação numa perspectiva verdadeiramente bíblica.

O que ocorre, não apenas na área da mídia, é que frequentemente tendemos a definir nossa identidade com base no que fazemos, usando as ferramentas como um escudo. Por isso, comecei esta história dizendo que perdi para ganhar. Naquele momento, perdi algo

importante, mas que não poderia proporcionar o verdadeiro entendimento que eu precisava para atuar na comunicação.

O mais importante é que Deus esteve ao meu lado durante todo esse percurso. Ouvir a voz Dele nos momentos que consideramos difíceis é fundamental para o crescimento. Infelizmente, muitos ainda “vendem” um evangelho que não admite perdas nem sofrimentos. No entanto, essa não é a verdadeira mensagem de Deus. Enfrentaremos momentos difíceis e passamos por desertos na vida, essas experiências podem contribuir muito para o nosso crescimento e glorificar o nome d’Ele. As ferramentas que temos não podem nunca se sobrepor ao nosso relacionamento com Deus.

Assim, iniciou-se uma jornada que se tornou a minha história de vida, que gosto de compartilhar com amigos que trabalham na área da mídia. Ela sempre serve como um lembrete para exercer um pensamento crítico sobre nossas atividades ministeriais. Quando comecei minha jornada como comunicador, também tinha muitas expectativas em relação às ferramentas da comunicação. Não estou julgando quem pensa assim, pois eu mesmo já estive nessa posição. No entanto, eu não compreendia o propósito por trás de todo o mundo da comunicação. Isso é uma tendência em nossa geração, cercada por inovações tecnológicas que transformaram drasticamente nossa forma de viver. É difícil não associar a comunicação com essas expectativas modernas.

Hoje, tento aconselhar pessoas que, assim como eu, ficam fascinadas pelas ferramentas e tecnologias, acreditando que estas são a solução para o ministério. Devemos lembrar que tudo começa em Deus. Ao ler Romanos 11:36, fica evidente que nada existe sem Ele. As ferramentas estão a nosso serviço, mas não são a resposta que buscamos na comunicação, pois esta começa em Deus e perdura por toda a Eternidade.

“Parte 1 - Os Fundamentos”

Cap 1 - Introdução sobre a comunicação

Quanto entendemos sobre nossa comunicação?

A comunicação é um elemento complexo e profundo, que nos envolve constantemente e que estamos conectados a ela o tempo todo. Seja ouvindo, compartilhando mensagens, recebendo

e-mails, assistindo televisão, navegando na internet ou lendo revistas e jornais. É impossível imaginar nossas vidas sem esses meios de comunicação e, hoje em dia, a internet também se tornou essencial. Em 2019, a empresa de pesquisas GlobalWebIndex estimou que, em média, os usuários de internet dos 45 países com os maiores mercados de comunicação do mundo passam cerca de 143 minutos por dia nas redes sociais. O Brasil é um dos líderes nessa estatística, ocupando o segundo lugar no ranking dos países que mais tempo dedicam às mídias sociais, com uma média de 225 minutos por dia, ficando atrás apenas das Filipinas, que têm uma média de 241 minutos¹.

O interessante é que estamos no topo da lista chamada *"Os Países mais Sociais"*. Sinto que não devemos celebrar tanto esses números. Quando observo a quantidade de ruído de comunicação nas minhas mídias sociais e o tempo que tenho gastado nelas, penso que muitas dessas horas são desperdiçadas e não me aproximam muito das pessoas. Pelo contrário, é desconfortante perceber a quantidade de erros e barreiras de comunicação em nossos relacionamentos causados pelo uso inadequado das mídias sociais. O ponto de reflexão é que, embora a comunicação seja uma parte integral de nossas vidas, a exposição constante a informações e processos de comunicação acaba banalizando essa área importante, sem que assumam compromissos sérios com o estilo de nossa comunicação.

Embora cercados de tamanhos desafios e grande quantidade de informações, certamente nos deparamos ponderando sobre o que precisamos comunicar e como melhorar essa área em nossas vidas, buscando corrigir rapidamente os possíveis equívocos em nossa comunicação. Sabemos por experiência própria que muitos problemas significativos surgem de pequenos erros na transmissão de informações. Um exemplo claro disso é o casamento, a grande

1

GLOBALWEBINDEX. "Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais". Época Negócios, 06 set. 2019, 17h50. Atualizado em 16 out. 2020, 21h36. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

maioria dos problemas conjugais está diretamente ligada à má comunicação. Todos os dias enfrentamos situações que, apesar de fazerem parte da nossa vida cotidiana, nos desafiam para criar entendimento e qualidade nos relacionamentos.

Em nosso casamento, minha esposa e eu precisamos nos comunicar mesmo quando não estamos juntos, seja por meio de telefonemas, mensagens ou lembretes colados na geladeira. Alguns anos atrás, tivemos uma cachorrinha muito especial chamada Shamu, batizada em homenagem à famosa orca que estrelava shows no SeaWorld e ficou conhecida mundialmente pela sua inteligência e carisma. Assim como a Shamu original, nossa pequena Shamu também era esperta. Minha esposa, sempre criativa, escrevia bilhetes e prendia na coleira dela. Depois, soltava a Shamu no campus da Jocum, e lá ia ela, correndo alegremente em direção ao meu escritório. Quando a via chegando, sabia que ela trazia uma "missão especial". Geralmente a mensagem era: "O almoço já está pronto."

Deixo um pouco de lado a história da Shamu e seus bilhetes para dizer que os desafios na comunicação são significativos no contexto do casamento. E a situação se torna ainda mais complexa quando pensamos em estruturas maiores, como as que são enfrentadas por um governo nacional ao comunicar com todos os ministérios e a população do país, por exemplo. Quando a comunicação não ocorre da maneira adequada o caos se instala e é lamentável que muitos governos negligenciam a importância desse aspecto tão crucial. Quando a comunicação falha a desordem emerge. É comum brincarmos que a falta de comunicação é a raiz de muitos problemas. Uma brincadeira que, na verdade, revela a verdade incontestável de que graves problemas surgem quando as pessoas não dedicam a devida atenção para este princípio fundamental.

Entendemos que as pessoas nascem com habilidades de se comunicar, mas tornar essas habilidades eficazes em nosso dia a dia é uma tarefa um tanto complexa. Criar entendimento

é uma arte que demanda tempo e um grande compromisso de cada um de nós. Isso vale para a família, a educação, a igreja, o esporte e todos os outros setores da sociedade, pois nada funciona a menos que haja essa comunicação que gera entendimento. Da mesma forma, no Reino de Deus, aprendemos através da Bíblia que a comunicação tem um valor especial concedido por Deus e é parte fundamental da criação. Quando olhamos para a Bíblia e compreendemos o Reino de Deus, percebemos que tudo funciona e está interligado através da comunicação. Mais adiante, veremos que a comunicação começa em Deus e se estende até a Eternidade.

Nós, como representantes desse Reino, precisamos aprender a partir de uma perspectiva bíblica sobre como nos comunicar de forma verdadeira e eficaz. Isso, com certeza, nos conduzirá para um estilo de vida muito mais saudável. Fico imaginando a capacidade de Deus em comunicar e manter todas as coisas funcionando sob seu completo domínio. Isso deve nos inspirar a crescer como comunicadores e aprender com Ele, que é a fonte de toda inspiração e comunicação. Um dos pilares do Reino de Deus é a comunicação. Sendo assim, o que faço através deste livro é convidá-lo para refletir e crescer nos fundamentos corretos da comunicação em nossas vidas.

Você não tem como não se comunicar!

Tudo comunica algo; a maneira como nos expressamos, nos vestimos, agimos, sentimos, andamos e interagimos. Cada um desses aspectos está intrinsecamente ligado ao nosso estilo de comunicação e reflete um valor ou uma mensagem sobre nós no exato momento em que ocorrem. A verdade é que não conseguimos não comunicar nada; até mesmo o nosso silêncio comunica algo. Existem muitos estudos sobre a comunicação não verbal. Esses estudos afirmam que a comunicação não verbal que as pessoas recebem em nossas interações é de 65%. Em outros estudos, essa compreensão chega ao número de 80%. Nossos gestos,

expressões faciais, tom de voz, comportamentos e outras interações que não são expressas através de palavras são partes essenciais de nossa comunicação.²

Nas nossas comunidades missionárias da JOCUM, especialmente aquelas com muitos estrangeiros, é fascinante observar as interações entre nossos alunos e obreiros. Muitos estão em processo de aprendizado de um novo idioma, frequentemente o inglês, o português e o espanhol. Nesses casos, gestos e sinais adquirem um valor ainda maior do que muitas palavras, uma vez que aqueles que estão aprendendo ainda não dominam completamente o idioma e muitas vezes não sabem como expressar exatamente o que desejam comunicar. Nesse contexto, a habilidade de se comunicar por meio da linguagem não verbal torna-se crucial, é uma verdadeira questão de sobrevivência. Utilizamos a expressão "*o pessoal tem que se virar, né?!*" para descrever essa situação. O que torna isso ainda mais interessante é que a comunicação não verbal efetivamente funciona. As pessoas conseguem chegar aonde precisam chegar e entender o que é necessário entender. Eu, pelo menos, acho que eles me entendem. Toda essa interação e os desafios que a acompanham são componentes essenciais de nossas vidas. A parte fundamental a ser destacada sobre a comunicação é que fomos criados com esse dom extraordinário e uma necessidade intrínseca de nos comunicarmos.

Mesmo sabendo que a comunicação é parte fundamental da vida e que todas as nossas interações são resultado dessas relações, muitas vezes simplificamos e deixamos de acreditar que ela seja tão importante. Estudamos e aplicamos muitas coisas em nossa caminhada, mas não estamos intencionalmente investindo nessa área, que é muito mais profunda do que imaginamos, muito mais intensa e constante, algo que não pode ser definido em poucas palavras. Toda a criação comunica algo; o universo é uma vastidão incontável de frequências e processos integrados de comunicação. O que é verdadeiramente espetacular é que nós

² STEINBERG, Sheila. Communication Studies: Non-verbal Communication. Editora, Juta, p. 45, ISBN 0 7021 5093 2.

vamos além nesse processo. Nós fomos criados para nos comunicarmos de forma relacional, criamos entendimentos complexos e somos dotados da capacidade de criar a partir dessa comunicação, tornando possível novas soluções e possibilidades para a humanidade. Olhe ao seu redor e veja o que criamos somente no último século: a internet, computadores, celulares, energia solar, conforto, medicamentos, geladeiras, água tratada e uma infinidade de outras conquistas que estão ao nosso alcance, tudo resultado de um sistema criativo e relacional da humanidade.

A nossa comunicação não se limita à mera troca de informações, mas é um meio de relacionar-se com o ambiente em que vivemos, criando vínculos e dando sentido às nossas vidas, repletas de inúmeras possibilidades empolgantes.

Comunicação como o Sistema Nervoso Central

Podemos associar a comunicação ao nosso sistema nervoso central. Não o vemos, mas a sua principal tarefa é enviar informações constantes para diferentes partes do nosso corpo. É esse sistema complexo de neurônios, nervos e células que mantém tudo funcionando. Com mais de 100 trilhões de conexões neurais, grande parte desse processo é chamado de "Sistema Nervoso Autônomo" e está ligada ao sistema central que comanda nossos pulmões, coração, estômago, intestino e muitas outras partes do nosso corpo a funcionarem de forma autônoma.³. Não precisamos “dizer” para nosso coração bater ou para nosso pulmão funcionar, eles simplesmente estão funcionando. No entanto, isso não é "mágica". É um processo vital de comunicação que mantém o nosso corpo funcionando. Sem essa comunicação não há vida.

³ JAMES HORTON. “The nervous system: Facts, function and diseases”. Live Science, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.livescience.com/22665-nervous-system.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

Para mim, essa comparação é essencial para entender a importância da comunicação e como ela é vital para nossa vida e para nossos relacionamentos. Não existe vida sem a comunicação. Um trágico exemplo foi a tentativa de criar bebês sem uma comunicação relacional apropriada. No Século XIII, o Rei Alemão Frederico II realizou um experimento cruel. A ideia do experimento era saber qual idioma uma criança falaria sem que houvesse nenhum tipo de interação humana. Havia uma suposição da parte do Rei Frederico II de que as crianças falariam alemão. As crianças foram entregues aos cuidados de enfermeiras que não podiam falar e nem tocá-las, apenas o mínimo de contato possível. Tão logo o experimento foi interrompido de maneira muito triste, as crianças, como você deve imaginar, não falaram nenhum idioma. Pior que isso, todas as crianças morreram bem antes de pronunciar qualquer palavra. Os bebês literalmente morreram por falta de afeto e comunicação.⁴.

“Qualquer coisa que promova sentimentos de amor e intimidade é cura; qualquer coisa que promova isolamento, separação, solidão, perda, hostilidade, raiva, cinismo, depressão, alienação e sentimentos relacionados muitas vezes levam ao sofrimento, à doença e à morte prematura por todas as causas”⁵.

Não existe vida sem a comunicação. O fato é que, assim como o nosso sistema nervoso central internamente mantém a vida fluindo dentro de nós, a comunicação externa e relacional mantém a vida ao nosso redor, conectando-nos uns com os outros e com o mundo que nos cerca.

⁴ DIGMA. Frederick's Experiment. Disponível em: https://www.digma.com/digma-images/video-scripts/fredericks_experiment.pdf . Acesso em: 19 set. 2025.

⁵ ORNISH, Dean. Love and Survival. Editora, William Morrow, p. 29.

A Comunicação não é uma área ou esfera de influência da sociedade

Assim como a comunicação não se restringe à mídia, ela também transcende a esfera de influência da sociedade. Não me interpretem mal, mas é fundamental que aprofundemos nossa reflexão acerca do que compreendemos e executamos no âmbito da comunicação.

O termo "Esfera de Influência" é parte intrínseca do nosso movimento na JOCUM desde 1975, quando Loren Cunningham (fundador da JOCUM) buscava orientação divina no que diz respeito ao discipulado das nações, recebendo de Deus uma lista contendo sete áreas da sociedade que seriam fundamentais para a transformação e o discipulado; tudo isso com o propósito de trazer as nações de volta para Cristo.⁶

Uma das pessoas que mais difundiu esse conceito entre o nosso movimento, reconhecida praticamente em todo o mundo, é a Dra. Landa Cope, com o seu livro "Template Social do Antigo Testamento". Este não é apenas um livro que menciona as esferas de influência. Este é, na verdade, um guia abrangente que explora os princípios bíblicos inerentes a cada uma dessas áreas de influência. Ele lança luz sobre como Deus busca redimir e discipular nações, empregando as esferas de influência como meio. Os materiais criados pela Dra. Landa Cope servem como uma fonte contínua de inspiração para nós, comunicadores, graças à sua dedicação de muitos anos à pesquisa, ao ensino e à inspiração nesse campo.

Tanto Loren quanto Landa ensinam sobre as 7 áreas de influência. Essas áreas incluem a família, governo, religião, educação, artes, economia e mídia. Vale a pena observar que o termo usado é "mídia" e não "comunicação". E este é o ponto que gostaria de enfatizar nesta reflexão sobre comunicação e mídia. Ao longo dos anos, de alguma forma, nos acostumamos a utilizar o termo "esfera de influência da comunicação". Isso não é apenas uma escolha de

⁶ CUNNINGHAM, Loren. "Alcançando as 7 Áreas de Influência". Jovens Com Uma Missão, 3 dez. 2012. Disponível em: <https://www.jocum.org.br/as-7-areas-de-influencia/>. Acesso em: 19 set. 2025.

palavras, essa concepção está enraizada em nosso pensamento e se tornou um equívoco. Devido a essa compreensão equivocada, às vezes consideramos que a comunicação está restrita a uma esfera específica, ou seja, um local onde pessoas lidam com problemas de comunicação.

Eu chamo esse fenômeno de "transferência de responsabilidade da comunicação", pois acreditamos que os problemas de comunicação ou sua influência devem ser tratados ou resolvidos apenas por aqueles que trabalham nessa área. Parece que a responsabilidade recai apenas sobre jornalistas, fotógrafos, designers, programadores, apresentadores, produtores de vídeo, comunicadores e outros profissionais ligados a diversas ferramentas de comunicação. Passamos a acreditar que essas pessoas existem para resolver nossos problemas pessoais, institucionais e comunitários.

No entanto, essas pessoas não são responsáveis pela comunicação e nem detêm o monopólio sobre ela. Embora haja uma tentação de atribuir tanto poder quanto controle a comunicadores, não existe uma esfera de comunicação separada. A comunicação não pode ser isolada do todo; ela está presente em todas as partes de nossas vidas e em todas as esferas de influência da sociedade. A comunicação é um componente essencial de cada esfera e é o que conecta todas essas áreas.

É importante esclarecer que isso não significa que não valorizamos o importante papel desempenhado pelas pessoas que trabalham na área da mídia. Elas atuam nessa área para disseminar informações de forma criativa, alcançando diversas audiências em um mundo globalizado que exige comunicação rápida e eficaz. Além disso, um valor fundamental da mídia é o compromisso com a verdade, e a mídia deve operar com integridade.

Quando interpretamos erroneamente as responsabilidades da comunicação, negligenciamos o exercício de nossa própria autoridade como comunicadores. A mensagem está em cada um de

nós. Todos somos comunicadores com algo a dizer e com a importante tarefa de nos fazermos entendidos. Como comunicadores, temos a responsabilidade de elevar a qualidade da comunicação e promover a transformação. A verdadeira comunicação em cada um de nós tem o potencial de transformar o mundo.

Cap 2 - Deus e comunicação

No Princípio Deus

Toda a escritura da Bíblia é essencialmente comunicação. Este não é um tema que estudamos de modo isolado. A Bíblia representa a comunicação direta de Deus para a humanidade. Ela é verdadeiramente a Palavra viva que perdura através dos séculos até os dias atuais.

De diversas maneiras, a Bíblia revela o caráter singular de um Deus completamente distinto dos "deuses" encontrados em outras culturas e nações. A Bíblia expõe o verdadeiro e único Deus de forma relacional, em um processo de amor, intimidade e comunicação pessoal com toda a criação.

Considero que a declaração bíblica mais significativa para a humanidade seja: "No princípio, Deus"! Essa afirmação em Gênesis 1 é a resposta acerca de nossa origem e identidade. Deus existe desde o princípio e está em um magnífico processo de comunicação com toda a criação, nenhuma outra cultura começa com a afirmação "No princípio Deus". Esse pilar é o que sustenta toda a cosmovisão bíblica e a verdade imutável sobre quem Deus é. Todas as respostas que buscamos são encontradas quando nos voltamos para o nosso Criador, sendo o primeiro capítulo de Gênesis é como uma espécie de bússola que define a verdade, servindo como ponto de partida para todo o entendimento sobre nossa existência.

É uma grande ingenuidade tentar obter essas respostas sobre a vida e a comunicação bíblica somente por meio dos padrões e ensinamentos humanistas que procuram nos influenciar de maneira distante da verdade. O convite primordial sobre comunicação é conhecer, em primeiro lugar, as Escrituras.

Somos imensamente privilegiados e, frequentemente, negligenciamos a facilidade de acesso que temos às Escrituras. A história evidencia que isso nem sempre foi assim; homens e mulheres pagaram um alto preço para que tivéssemos as mais variadas versões bíblicas em nosso próprio idioma. Não compreenderemos as Escrituras até que surja em nós um autêntico

desejo de conhecer a Deus. Somos convocados a conhecê-Lo, e Ele não se oculta de nós; muito pelo contrário, Deus permite ser encontrado e conhecido.

Isso significa que Deus é relacional; esta é a proeza da narrativa bíblica, iniciando em Gênesis 1, com Deus criando e estabelecendo vínculos com a humanidade. Nunca de forma superficial, Deus ansiou por intimidade e profundidade nessa relação. No entanto, fomos nós que optamos por manter distância desse relacionamento e criamos barreiras entre nossa comunicação com Deus".

Nosso DNA da comunicação

Quais habilidades de comunicação você consegue perceber que recebeu de Deus para se comunicar? Observando calmamente o lugar de onde estou sentado agora, percebo que tenho a capacidade de ouvir, falar, ler e escrever. Além dessas habilidades óbvias, neste exato momento, há uma imensa comunicação ocorrendo dentro de mim; consigo discernir meus sentimentos, especialmente os mais intensos. Existem outras habilidades de comunicação em mim também, como a orientação para o norte ou sul; posso apreciar sabores e odores para decidir se quero ou não comer; consigo distinguir cores, captar sons e ritmos com facilidade, e lembrar de algumas coisas. No entanto, a percepção e a identificação dessas coisas é um desafio para mim. Imagino que, se eu estivesse no lugar de Adão, na hora de nomear os animais, seria um desastre; provavelmente eu não lembraria dos nomes que acabara de dar. Por falar nisso, é admirável como Adão conseguiu memorizar e reter tantas informações para transmiti-las adiante. Agradeço a Deus pela existência dos cadernos de anotação e, hoje em dia, pelos computadores, nos quais posso registrar uma infinidade de informações, pois sei que provavelmente não vou me lembrar delas depois.

Enfim, toda essa capacidade de comunicar é sem dúvida um dom de Deus e algo a ser celebrado. Acredito que precisamos aprender a celebrar nossa capacidade de comunicação.

Todas as virtudes nessa área foram concedidas por Deus; Ele colocou a comunicação em nosso "DNA".

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;” - Gênesis 1:26a.

Sim! Somos feitos à imagem e semelhança de Deus. Os comentários de Ellicott sobre Gênesis 1:26 são muito esclarecedores e explicam de maneira profunda o que significa essa imagem e semelhança.

“O corpo humano segue a imagem de Deus apenas como o meio pelo qual o homem alcança o domínio: pois o domínio é o atributo de Deus, na medida em que Ele é o único Senhor. O corpo do homem, portanto, como o de quem governa, é ereto e dotado de fala, para que ele possa dar a palavra de comando. A alma é a primeira, à imagem de Deus. Isso, ao sugerir uma semelhança externa, pode se referir à razão do homem, ao livre arbítrio, à autoconsciência e assim por diante. Mas é, em segundo lugar, à semelhança de Deus, o que implica algo mais próximo e mais interior”.⁷.

Somos a imagem e semelhança de Deus, possuímos autoridade e atributos d’Ele, dotados de fala e domínio sobre razão e arbítrio, contudo, não somos Deus. Tamanha capacidade e, ainda assim, limitados. Quando questionamos de onde vêm as aspirações, necessidades e habilidades do homem em sua comunicação, a resposta, sem dúvida, é de Deus. Ele nos criou para nos comunicarmos uns com os outros, com a criação e com Ele. Somos comunicadores, fruto de um Deus que se comunica eternamente. E Deus disse: “Haja luz” e houve luz. Deus

⁷ ELLICOTT, Charles John. “Gênesis 1”. Ellicott’s Commentary for English Readers. Disponível em: <https://biblehub.com/commentaries/ellicott/genesis/1.htm>. Acesso em: 19 set. 2025.

usa Sua mais alta tecnologia para construir o universo; Ele utiliza Sua voz, Suas palavras. Em uma análise inicial, vemos o poder das palavras, Deus criando todas as coisas por meio da comunicação.

Entretanto, a declaração no momento da criação da humanidade é um tanto mais profunda, em forma de diálogo, Deus diz: *“Façamos o homem...” Gênesis 1:26a.*

Acredito que este seja o ponto alto para a compreensão da comunicação; perceba Deus dizendo “façamos o homem”. Uma questão que surge é: quem estava presente nesse diálogo? Estaria Deus falando sozinho? Por que nos outros sete momentos da criação em que Deus disse algo, o texto está escrito no singular, mas somente no versículo 26 está escrito no plural, quando fomos criados? Deus intencionalmente demonstra Sua trindade, em uma interação com o Espírito e com o Filho para a criação do homem.

Isso não ocorreu apenas na criação do homem; logo nos três primeiros versículos da Bíblia, conseguimos perceber a trindade sendo parte de toda a criação.

1 - Deus, versículo 1: *“No princípio, Deus”.*

2 - Espírito Santo, versículo 2: *“O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”.*

3 - Jesus, versículo 3: *“E Deus disse”.* João tem a revelação perfeita sobre a pessoa de Jesus na criação. João descreve: *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (João 1:1-3).*

A compreensão da doutrina bíblica sobre a Trindade é essencial para apreender sobre a unidade e diversidade do nosso Deus, refletindo diretamente em nossa compreensão da comunicação relacional. A natureza trina de Deus é fundamental: cada uma das três Pessoas da Trindade é Deus, constituindo uma unidade complexa. Entretanto, são iguais em

autoridade, glória e poder. Esta complexidade divina evidencia a profundidade e riqueza da comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Trindade oferece uma visão única de como a diversidade coexistem em perfeita unidade, transcendendo a compreensão humana e ilustrando o ideal de comunicação e interação harmoniosa⁸.

No início do livro de Gênesis, o nome atribuído a Deus é Elohim, uma descrição que transcende o entendimento de singular e plural, representando uma unidade indivisível. Este termo é conhecido por diversos estudiosos como "*Plural Majestático*". É importante reforçar que nossa adoração está direcionada a um único Deus. A essência divina se manifesta em Sua trindade, revelando uma diversidade em relacionamentos que são distintos, embora com UM. Em nossa devoção, reverenciamos exclusivamente um Deus. Porém, Ele se revela em uma trindade que demonstra uma riqueza e complexidade de interação que desafia a compreensão humana com sua natureza singular e plural.

Universo Tridimensional da Comunicação

Vamos estimular a nossa criatividade e explorar as relações dentro da Trindade. Para isso, podemos fazer uma comparação entre a Trindade e a água. Assim conseguimos ilustrar de maneira simples e prática, facilitando a compreensão. Imagine comigo: o composto químico H₂O, a água, pode existir em três estados distintos, variando conforme temperatura e pressão. Podemos encontrá-la no estado sólido, líquido e gasoso. O interessante é que essas três formas não alteram a essência da água. Ela mantém a sua identidade, porém, atua de maneiras diferentes. O mesmo acontece na Trindade divina. Deus se manifesta em formas distintas de atuação, mas permanece sendo o mesmo Deus. Todos com a mesma autoridade, porém, com funções distintas.

⁸ FARIA, Cleverson. "Doutrina da Trindade". Sola Scriptura TT. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/TeologiaPropriaTrindade/DoutrinaTrindade-CleversonFaria.htm>. Acesso em: 19 set. 2025.

Apesar de parecer simples a comparação que escolhi para ilustrar a grandiosidade da Trindade, acredito que os exemplos simples e mensuráveis são essenciais para permitir o exercício da imaginação em nossa busca pelo conhecimento de Deus. Ele frequentemente nos ensina por meio de conceitos acessíveis, usando o mundo físico para revelar aspectos do mundo espiritual. Não se limita apenas ao exemplo da água com seus três estados fundamentais da matéria: sólido, líquido e gasoso.

Deus revelou a sua trindade no vasto universo de maneira tridimensional, presente em quase todos os elementos que conhecemos. Podemos mencionar algumas das formas mais reconhecíveis, como altura, largura e profundidade. Além disso, notamos o tempo, composto pelo presente, passado e futuro. O ser humano, moldado à imagem e semelhança de Deus, reflete essa tricotomia em seu corpo, alma e espírito. Observando sob uma perspectiva científica, encontramos a tríade básica da matéria nos prótons, nêutrons e elétrons. No âmbito da música, tão admirada por muitos, identificamos a tríade composta por melodia, harmonia e ritmo. Esse “universo” tridimensional está disseminado por diversas partes da criação. É a forma que Deus utiliza para comunicar-se com a humanidade acerca da sua própria natureza. Há séculos, de maneira notável, Tertuliano proferiu em suas palavras essa realidade sobre como Deus revela a si mesmo para nós através da criação:⁹

"Não foi a pena de Moisés que introduziu o conhecimento do Criador... A maior parte da humanidade, mesmo sem nunca ter ouvido o nome de Moisés — para não falar de seus livros — conheceu, não obstante, o Deus de Moisés. A natureza é a professora; a alma, a pupila... Uma flor da cerca

⁹ WILKEN, Robert L. “Tertullian”. Encyclopædia Britannica, 27 fev. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Tertullian>. Acesso em: 19 set. 2025.

viva... uma concha vinda do mar... uma pena de uma ave do pântano... falaria a você de um Criador mesquinho?... Se eu lhe oferecer uma rosa, você não desprezará seu Criador."

A beleza e a vastidão da criação refletem a grandeza do nosso Deus. Sua diversidade e grandiosidade estão visíveis em cada parte do universo e em cada indivíduo. Toda a criação mostra a grandeza de nosso Deus, Sua diversidade está estampada em cada esquina, em cada pessoa, em cada tom. *“Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos”*. Salmos 119.1

Nosso Deus é uma comunidade vibrante que nos ama desde o princípio. Toda essa explicação é uma tentativa de criar compreensão, afirmando que Deus é essencialmente relação, e que a habilidade de comunicação que Ele nos concedeu é intrinsecamente relacional. Não há descrição maior nem compreensão mais profunda do que considerar a comunicação como um aspecto fundamental das relações. Essa é a razão pela qual fomos agraciados com tal dom e vivemos diante de um Deus que se comunica desde a Eternidade. Este fato, sem dúvida, é fascinante, pois nos proporciona um entendimento profundo sobre quem somos e quais são os desafios em nossa comunicação

Em nossa busca pelas verdades sobre a comunicação, é crucial estabelecer um marco em nosso entendimento, pois, por outro lado, o oposto se torna evidente: não há comunicação sem um vínculo relacional. Embora isso fique bastante claro, observamos em nossa era uma narrativa significativa no que se refere a constante troca de informações. Nos comunicamos. No entanto, não demonstramos ter uma verdadeira intenção de nos conectar com as pessoas. O fenômeno do nosso século revela que a maioria deseja comunicar, mas são poucos os que

buscam por verdadeira conexão e entendimento. De que adianta tanto ruído se não buscamos compreender verdadeiramente uns aos outros?

Na verdade, o caminho que estamos seguindo diante das ferramentas de comunicação é oposto aos relacionamentos. Em outras palavras, a maior parte de nossa comunicação atual é baseada na simplista troca de informações. Os indivíduos já não são mais a parte fundamental desse processo. A grande tentação diária é simplesmente acionar as pessoas em busca de informação e respostas rápidas e aí daqueles que demoram para responder mensagens.

Deixe-me falar um pouco mais sobre esse ponto importante. A verdade é que dependemos excessivamente de ferramentas que facilmente criam filtros e barreiras em nossa comunicação uns com os outros. Vivemos na era da informação e estamos conectados. Podemos assistir a vídeos, falar instantaneamente com pessoas à distância e acessar inúmeros conteúdos. É verdadeiramente um mundo incrível, porém, ao mesmo tempo, pode ser interpretado como assustador. Junto com todas essas vantagens, surge um dilema: como nutrir relacionamentos saudáveis e promover entendimento em meio à era da tecnologia, onde as ferramentas visam facilitar essas interações?

Ao examinar onde nos encontramos nesse desafio, percebo que transferimos coisas complexas para espaços tecnológicos que não são apropriados. Por quê? As relações humanas são complexas, necessitam de tempo, contato visual, pausas e consideração pelos sentimentos envolvidos. Isso implica trabalho e comprometimento. Então, como lidar com esse desafio de criar entendimento quando resumimos essas complexidades e as transferimos para mensagens instantâneas de texto?

A resposta que encontro é que tal escolha tem levado a um aumento significativo nos problemas de comunicação, inúmeras situações em que se observa falta de entendimento e

relações quebradas. É curioso pensar que estamos tão conectados e, ao mesmo tempo, tão distantes.

Faço parte de uma comunidade, mais especificamente de uma base missionária, onde centenas de pessoas vivem juntas e participam de diversas atividades diariamente. Essa é a minha realidade, é uma ótima oportunidade de vivenciar mais de perto essas questões de comunicação e relacionamentos.

Dentro da nossa comunidade, nos deparamos com a presença dos grupos online e aplicativos de conversas. Essas ferramentas tecnológicas tornaram-se cada vez mais comuns e acessíveis. É notável como somos inundados por um fluxo constante de informações, uma enxurrada diária. Isso nos sobrecarrega, deixando-nos com uma carga excessiva de informações. A suposição comum é que as mais mensagens compartilhadas nesses grupos resolverão nossos problemas e criarão entendimento na comunidade. Acreditamos que elas podem solucionar questões complexas, debater relações ou resolver conflitos. Quem nunca se deparou com essas questões? Creio que seja um equívoco de nossa parte. Na verdade, isso nos afasta do propósito central para o qual Deus nos criou.

Vamos considerar a comunicação de Deus. Ela é pessoal e transcende a mera transmissão de informações ou mensagens breves. Deus estabeleceu a comunicação como algo profundamente pessoal, visando conexões e relacionamentos significativos entre os seres humanos. Ao longo da história, a intenção divina sempre foi a de nutrir uma relação íntima e pessoal com a humanidade. Nunca foi a intenção de Deus de terceirizar a comunicação e simplificá-la em meras mensagens.

Deus nos criou para nos conectarmos diretamente uns com os outros de maneira pessoal, profunda e autêntica. Na narrativa do Gênesis, nos capítulos 2 e 3, observamos Deus se relacionando de maneira íntima com o ser humano. Ele deseja que continuemos a

desenvolver a capacidade de expressar sentimentos genuínos, sermos transparentes e vulneráveis uns com os outros, compartilhar nossas opiniões, promover entendimento e, acima de tudo, aprimorar nossa capacidade de escutar atentamente as outras pessoas. A verdadeira escuta requer não apenas ouvir, mas compreender os sentimentos, as necessidades e as intenções por trás das palavras. A complexidade dos relacionamentos humanos não pode ser capturada ou simplificada pela tecnologia, que muitas vezes oferece apenas uma visão superficial e limitada das emoções e das interações genuínas. Existe uma riqueza nos relacionamentos que não pode ser reduzida a meros bits de informação ou a caracteres digitais em uma tela.

Deus nos convida a retornar a um lugar da autenticidade humana, onde nos conectamos verdadeiramente com outras pessoas, enfrentamos nossos conflitos de maneira direta e pessoal, e buscamos a resolução por meio do diálogo e do entendimento mútuo. Refletir sobre a profundidade e a importância da comunicação pessoal nos leva a uma jornada de aprimoramento e valorização dos nossos relacionamentos, possibilitando uma qualidade mais significativa e genuína nas nossas interações cotidianas.

Ao contrário dessa visão atual humanista utilitarista que busca apenas satisfazer suas necessidades pessoais e desejos por informação, podemos aprender sobre Deus revelando Sua unidade, diversidade e a comunicação relacional como uma das principais facetas de Seu caráter. A comunicação é um ato espiritual e eterno, Deus deseja nos ensinar a nos comunicarmos de maneira autêntica. Essa é a nossa bússola: Deus, o maior comunicador. Precisamos olhar para Ele como aprendizes insaciáveis, em busca da verdade. Este é um convite para valorizarmos a comunicação.

Unidade e Desenvolvimento

A unidade é um valor eterno na comunicação da Trindade, podemos aprender sobre suas aplicações em nosso contexto. No entanto, a unidade talvez seja o nosso maior desafio nas relações. Aprendemos que a unidade foi fundamental no princípio dessa comunicação durante a criação. Certamente devemos aprender sobre a unidade como estilo de comunicação em meio às diversidades em que vivemos.

Talvez passe despercebido pelos nossos olhos ao ler Gênesis, mas toda a criação foi feita em comum acordo. Geralmente não nos questionamos, mas imagine todo o processo de comunicação envolvido na criação. Quais eram as conversas entre a Trindade para a criação do universo? Imagino que houve diálogos e inúmeras tomadas de decisões. O mais impressionante é o resultado dessa comunicação, que possibilitou todas as maravilhas que conhecemos hoje. Tudo é resultado da comunicação baseada na unidade de Deus.

Ele nos mostra que seu estilo de comunicação é inclusivo e expansivo. Não há uma agenda escondida ou egoísmo de sua parte. Podemos ver que não houve conflitos que impediram a criação. Não vemos ninguém desapontado porque suas ideias não foram acatadas. Pelo contrário, vemos harmonia, entendimento e unidade. Para nós, é um grande desafio pensar dessa forma. Não gostamos de liderar e escolher em meio a diferentes opiniões e gostos. Parece sempre mais fácil fazer todas as coisas sozinho, em vez de envolver outras pessoas no processo.

Outro ponto importante sobre o entendimento da unidade relacional é que fazemos parte desse processo de relacionamento e unidade com Deus, o que resulta em criatividade. No jardim, o homem foi incumbido de liderar, cultivar e atribuir significado aos diversos elementos da criação. O propósito era cocriar com Deus. Um dos primeiros trabalhos dados ao homem foi a nobre tarefa de "batizar", nomeando os animais e posteriormente cada nova

descoberta e avanço tecnológico, utilizando a autoridade concedida por Deus. Dar nome não é algo trivial; é atribuir significado e identidade às coisas e aos seres. Quando algo não tem nome, torna-se desafiador conectarmo-nos e relacionar-nos com isso. Esse é um aspecto prático da comunicação. Nossas palavras são a expressão da autoridade concedida por Deus. A primeira grande comissão ou chamado da humanidade para o desenvolvimento está diretamente ligada ao uso de nossa comunicação e autoridade.

Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. Gênesis 1:28

“O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” Gênesis 2:15

Em unidade e em relacionamento com Deus é que fomos chamados para o desenvolvimento da terra. Este chamado implica em produzir novas soluções, expandir, empreender, cultivar as ideias de Deus na terra e adorá-Lo com o nosso trabalho. Tudo isso faz parte da façanha de sermos cocriadores com Deus. Assim como a unidade da Trindade possibilitou toda a existência, Deus nos convoca para viver em unidade com Ele , para cumprirmos o propósito de cultivarmos a terra. Esse é o nosso chamado, com aplicações diretas e práticas em nosso ambiente; em outras palavras, é o nosso mandamento do desenvolvimento.

Precisamos da unidade adequada para conseguirmos cumprir o mandamento do desenvolvimento. Precisamos aprimorar a nossa comunicação para vivermos em unidade com a Deus e com as pessoas. Se compreendemos que a comunicação é parte essencial do avanço do desenvolvimento da humanidade então temos uma responsabilidade global, mas também local, pois entendemos que tudo começa onde Deus nos colocou.

Por fim, aprendemos que a unidade é um processo de confiança em Deus. Novamente, o estilo de comunicação de Deus não controla, não manipula. Este é o estilo de relacionamento que Deus deseja que vivamos; é o estilo de comunicação que devemos buscar. Durante seu ministério na terra, Jesus incessantemente mencionou a unidade que Ele mantinha com o Pai e Seu desejo de que vivêssemos essa unidade, como em João 17:21, onde disse: *“Para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim...”*.

A força da unidade que a comunicação representa é visível em toda a Bíblia. É um princípio universal. Quando o seguimos, edificamos relacionamentos sólidos, famílias e nações. A unidade é a chave para o desenvolvimento.

Cap 3 - Nosso Fracasso relacional

Algo está quebrado nas relações

A maioria das pessoas já ouviu, de alguma forma, a história sobre o primeiro pecado e as consequências da separação entre Deus e a humanidade. Essa é a história da escolha errada e

da desobediência de Adão e Eva, uma parte única da história que descreve como o pecado entrou na humanidade. Talvez essa porção da história bíblica não seja novidade para nós. No entanto, pensar sobre a comunicação e aprender onde erramos nesse processo relacional parece ser algo novo para muitos.

Certamente, muitas coisas se perderam após a separação entre Deus e o homem. Existem várias características, habilidades e dons que o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, perderam no jardim após a queda. A principal área afetada foi a comunicação direta com Deus. Em outras palavras, nossa capacidade relacional foi afetada e nada mais seria como antes. Basicamente, o primeiro pecado ocorreu no campo do relacionamento. Sabemos que a comunicação é parte do relacionamento e que a queda afetou o relacionamento pleno do homem para com Deus e com toda a criação. A própria natureza foi afetada pelo pecado da humanidade, não existindo mais harmonia entre o homem e a criação, tampouco com Deus.

Uma suposição no Jardim

As duas árvores no jardim são um grande exemplo sobre escolha e valores. Podemos pensar que nas relações é sempre mais fácil ter apenas uma opção. No entanto, as árvores são uma demonstração de que podemos escolher. Escolhemos aquilo em que acreditamos ter maior valor para nós. O homem e a mulher acreditaram no engano de que ter “conhecimento do bem e do mal” teria maior valor do que manter um relacionamento com Deus. É importante considerar as escolhas e suas consequências. Podemos pensar que a consequência foi severa, mas obedecer à Deus também acarretava uma consequência de grande magnitude também.

O fruto foi mordido e algo foi quebrado. Todavia, antes mesmo de o homem e a mulher terem comido do fruto proibido, observa-se sobre o processo equivocado de comunicação que afetou esse relacionamento.

“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”. Gênesis 3:1-5

Observa-se alguns problemas sérios de comunicação entre a serpente e a mulher. Problemas estes que servem como exemplos das consequências do pecado, dos padrões repetitivos de que afetam a nossa comunicação até hoje. Obviamente, a serpente estava tentando induzir ao erro e desconstruir convicções muito fortes construídas entre Deus e o homem. A primeira estratégia é que a serpente sabe como agimos diante de declarações universais, tais como: *"Toda vez", "sempre", "nunca" e "jamais"*. Ela diz – *"Não comereis de toda árvore do jardim?"* Esses são exemplos de respostas imediatas que costumamos dar para proteger as nossas convicções. Nosso sistema de defesa é ativado e vamos direito ao ponto. Generalizamos, mas Deus nunca falou para não comer de todas as árvores, havia apenas uma árvores cujo fruto não poderia ser tocado ou comido.

Essa foi a estratégia da serpente para provocar o engajamento na conversa, usando a provocação para chamar a atenção necessária. Hoje, continuamos sendo afetados negativamente pela nossa falta de compromisso com nossas palavras e o uso dessas declarações universais que, na maioria das vezes, não estão comprometidas com a realidade e com a verdade, ferindo facilmente as pessoas ou direcionando as conversas para caminhos indesejáveis.

Após essa primeira parte do diálogo em Gênesis 3, a mulher responde apropriadamente à serpente, comunicando aquilo que Deus havia falado para eles, mas sua resposta abre caminho para um ponto ainda mais difícil. O que fazer diante de afirmações que contradizem a verdade que recebemos? *"No dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal"*. A mulher e o homem, sem questionar nada, cedem à tentação e acreditam erradamente nas palavras da serpente. Ambos se deparam com uma grande suposição que contraria a ordem de Deus, dando assim espaço para pensar que, de alguma forma, Deus estava mentindo para eles.

Existe uma suposição no Jardim, a suposição era que o homem poderia ser como Deus. Podemos permitir que nossa imaginação explore o que poderia ter acontecido se, após as suposições criadas pela serpente, a mulher e o homem tivessem interrompido o diálogo para questionar a Deus sobre as afirmações ouvidas. A verdade é que a história teria sido diferente; suposições são desfeitas quando damos espaço para perguntas e diálogo. Muitas vezes, construímos rapidamente suposições em nossas mentes, ou somos levados a elas, mas como seres dotados de autoridade por Deus, temos a capacidade de perguntar e questionar. Deus não nos criou para vivermos passivamente nesse relacionamento.

É interessante notar que, naquele momento, o homem e a mulher possuíam um canal aberto e pleno de diálogo com Deus; não havia desculpas. Diante desse pensamento, fica claro que o primeiro pecado acontece no campo da comunicação, muito antes da ação de comer o fruto. Algo ruim já estava em andamento. O homem e a mulher estavam passivos diante das suposições e romperam com a confiança.

As suposições continuam a permear em muitos dos aspectos da vida; é algo natural, já que nosso cérebro busca compreensão e, quando não temos clareza, começamos a criar nossas próprias versões da verdade, sem uma leitura nítida. Isso nos leva facilmente a rotular as

peessoas e prejudicar os relacionamentos. Tudo isso ocorre porque ainda não nos abrimos ao diálogo de maneira apropriada. Não perguntamos e optamos por viver com nossas suposições em nossa comunicação cotidiana.

As perguntas são como chaves quando usadas corretamente e direcionadas às pessoas certas. Existem muitas perguntas que Deus espera que façamos a Ele. Certamente, Ele estava esperando por Adão e Eva naquele momento; e eles não teriam sido punidos por isso. Deus era a única pessoa naquela situação que tinha a autoridade para responder com a verdade. Nosso problema é que evitamos perguntas. Isso porque preferimos viver com mentiras confortáveis que validam o que realmente queremos.

Outro ponto muito importante para a nossa reflexão sobre a escolha da humanidade e a natureza e caráter de Deus é a pensar sobre a expressão do risco que se destaca como um elemento crucial no relacionamento entre Deus e a humanidade. Deus não apenas demonstrou Sua autoridade criando seres com liberdade de escolha, mas também optou por um relacionamento onde havia riscos. Quando falo sobre isso a primeira reação é a dúvida, seria Deus incapaz que não pudesse garantir uma relação perfeita e duradoura entre Ele e a humanidade? Certamente o contrário de uma relação de risco ou melhor dizendo vulnerável é o controle, e não podemos dizer que Deus escolheu uma relação de controle entre Ele e a humanidade, pois a partir do momento que você cria algo com escolhas e tomada de decisão você está dando um passo de vulnerabilidade.

As duas árvores no jardim são mais do que meros símbolos de frutos proibidos. Elas são representações tangíveis da liberdade de escolha dada ao homem. Este cenário ilustra a complexidade do relacionamento. Servindo para ressaltar que, para haver relacionamento, é necessário haver escolhas. Deus não controla, mas oferece a liberdade de escolha, revelando Sua vulnerabilidade por meio deste relacionamento. O interessante paradoxo emerge quando

o homem, ao invés de optar pela comunhão desejada por Deus, escolhe um outro caminho, rompendo assim esse elo especial e introduzindo as consequências que alteraram o curso da história da humanidade.

Medo e as primeiras consequências

"E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam." (Gênesis 2:25).

Esse princípio mostra o propósito de nossa criação. Esse versículo de Gênesis revela o objetivo para o qual fomos concebidos. Compreender essa ideia é crucial para compreender onde Deus deseja nos restaurar. Está enraizado na essência da nossa criação a natureza de ser vulnerável, representada pela nudez sem os sentimentos de vergonha ou medo. Esse estado inicial da criação e vulnerabilidade é o padrão que Deus originalmente desejou para a humanidade, uma relação íntima e autêntica, onde não houvesse espaço para a vergonha ou para o medo.

Após a queda do homem, que resultou na separação de Deus, pode-se afirmar que muitas das habilidades que Adão e Eva possuíam foram perdidas, incluindo a plena capacidade de comunicação. Anteriormente, o homem vivia em plena harmonia com o Criador e mantinha um relacionamento diário com Ele. Com a entrada do pecado, essa comunicação com Deus foi interrompida. Quando perdemos o relacionamento, o primeiro sinal de que algo está errado é a falta de comunicação, Adão e Eva escolhem a fuga, iniciando uma era de vergonha e medo na humanidade.

A queda da humanidade representou uma ruptura daquilo que Deus almejava. No momento dessa escolha, será que a consciência humana estava ciente não apenas das consequências imediatas, mas também da natureza egoísta dessa decisão e das implicações profundas que se seguiram? Conscientes ou não, o custo seria alto, isso lhes custaria a própria vida. Contudo,

mesmo nesse momento de separação e perda, logo após a queda, Deus se apresenta de maneira notável: Ele aparece de forma vulnerável, questionando "*Onde você está?*" uma pergunta que carrega consigo uma essência de vulnerabilidade e desejo de reconectar-se com a humanidade. Essa pergunta, aparentemente simples, reflete a busca de Deus por uma reconciliação com o ser humano, apesar do desvio ocorrido.

Quando olhamos para a história depois da queda observamos que a tensão foi a oportunidade de Deus para se aproximar de nós para restabelecer o relacionamento. Isso nos ensina que, quando pessoas erram contra nós, nossa reação tende a ser tratá-las com desprezo e indiferença. Tratamos com o silêncio, mas Deus contraria esse padrão. Ele não pecou, Ele não errou, porém é Ele que dá o primeiro passo em direção à reconciliação com a humanidade. Deus não tem problemas com conversas difíceis!

A compreensão desse estado original sobre nossa vulnerabilidade e o que perdemos com o pecado nos leva a perceber que a restauração almejada por Deus é nos reconduzir a essa pureza de relacionamento, onde a vulnerabilidade não é vista como fraqueza, mas sim como um estado de genuína confiança. Aprender sobre a vulnerabilidade com Deus abre espaço para grandes transformações. Existem alguns problemas em nossas vidas que são grandes demais para resolvermos sozinhos. Intervenções divinas nos lembram que existe um recurso disponível para superar os obstáculos relacionais que nos cercam. Você não está travando essa batalha por conta própria. Deus tem um plano perfeito e uma vontade para sua vida. Confie em Seu plano, que inclui alegria, paz e amor. Este é o pensamento transformacional que fornece luz mesmo nos momentos mais escuros da sua vida.

Proteção e vergonha

Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Gênesis 3:12,13

Outras consequências do pecado narradas em Gênesis, descrevem fortemente sobre o medo, vergonha e a tendência de culparmos a Deus, refletindo profundamente em muitas interações humanas. Pense sobre como transferimos a culpa para outros nos remete à narrativa bíblica. Adão aponta o dedo para o criador da mulher, enquanto a mulher aponta para o criador da serpente, ambos acusaram a Deus pelas suas escolhas. Essa dinâmica das reações diante do medo e da vergonha ecoam em nossos dias. A tendência de culpar Deus por situações adversas e, simultaneamente, culpar outros indivíduos por nossas ações ou escolhas. A relação “Homem X Deus” e “Homem X Serpente” é espelhada nas situações cotidianas, nas quais muitas vezes direcionamos a responsabilidade para Deus e outras pessoas, esse é nosso mecanismo pecaminoso de defesa. Esses padrões de relacionamento revelam a inclinação humana constante em transferir a culpa, evitando a responsabilidade pelas suas ações. Este olhar sobre a responsabilidade e a tendência de culpar Deus ecoa no modo como lidamos com os conflitos.

Toda a história bíblica mostra como a humanidade reage diante do medo, vergonha e falta de vulnerabilidade. A narrativa de Caim e Abel mostra como o medo da aceitação pode levar à violência. A história da Torre de Babel é um exemplo da tentativa humana de se proteger de Deus, mostra como medo pode impulsionar a busca por segurança, mesmo que isso signifique se afastar de Deus e buscar uma falsa liberdade. Abraão e Sara cederam à pressão do medo e optaram por se proteger às custas de sua herança e da promessa divina, revelando como o medo pode distorcer decisões fundamentais. Jacó agiu movido pelo medo, buscando

roubar a primogenitura para proteger a si mesmo, o medo conduz a ações egoístas. A venda de José por seus irmãos reflete a vergonha em torno de um sonho que poderia exaltar seu irmão acima deles, resultando em uma reação extrema e cruel. Saul, em sua busca por poder, tentou matar Davi várias vezes, evidenciando como o medo pode motivar atos desesperados para proteger sua posição. Até mesmo Davi, reconhecido como um homem segundo o coração de Deus, sucumbiu à tentação do adultério, escolhendo tornar-se um assassino para preservar a sua reputação. Essas histórias bíblicas revelam as reações humanas motivadas pelo medo e pela vergonha. Elas nos lembram as profundas consequências da falta de vulnerabilidade em nossas vidas. Ao refletir sobre esses relatos, somos confrontados com a realidade de como a ausência de vulnerabilidade pode gerar reações extremas, crimes e violência. Esses padrões não se limitam ao passado, estendendo-se aos desafios relacionais sociais que enfrentamos hoje.

Colocando um pouco de lado essas histórias antigas, vamos pensar no aqui e agora e como isso nos afeta diretamente. Possivelmente temos uma vida cheia de mecanismos de defesa e proteção que são frutos do pecado, onde não estamos dispostos a abraçar nossa humanidade e vulnerabilidade que nos conduz para uma vida cheia de mecanismos de defesa e as reações equivocadas diante do medo. Entre esses sinais, está a relutância em compartilhar planos, uma atitude moldada pelo medo de ser criticado, corrigido ou até mesmo rejeitado por outras pessoas. Isso decorre do receio de que nossas ideias, sonhos ou intenções sejam invalidados, o que pode gerar insegurança.

Outro sinal evidente é a ocultação das emoções. Muitas vezes, por medo de parecermos vulnerável ou fraco, optamos por esconder nossos sentimentos mais íntimos e pessoais. Isso pode surgir de uma busca constante por preservar uma imagem de força ou controle, evitando a exposição de fraquezas.

Uma vida cercada por competições é outro sintoma marcante. A ideia de que perder implica em uma imagem negativa, leva muitas pessoas a encararem todas as situações como uma luta constante pela vitória. Isso pode também criar um ambiente de constante estresse e pressão, além de dificultar a aceitação em momentos de fracasso.

Existe também um padrão na esfera da defesa que é o uso de argumentos apenas por meio de lógica e fatos, sem considerar outras perspectivas ou sentimentos, essa é uma forma de defesa comum. Esta abordagem se apoia exclusivamente em racionalidade, negligenciando aspectos emocionais ou visões alternativas que poderiam oferecer um entendimento mais amplo da situação. O mantra "faça do meu jeito" muitas vezes surge dessa lógica limitada, impondo a própria visão e minimizando outras ideias ou opiniões.

Esses comportamentos refletem a tentativa humana de se proteger de possíveis ameaças, mas também podem limitar o crescimento pessoal e relacional, impedindo o amadurecimento emocional. Isso não afeta negativamente apenas as pessoas, mas também todas as estruturas da sociedade. Assim, mudanças ocorrem em diferentes domínios de nossas vidas:

O amor se reduz a sexo, o casamento se torna um local de trocas e utilitarismo.

Trocamos a vocação por uma busca pela segurança no trabalho.

As escolas se convertem em meros locais para testes de memória, onde o verdadeiro conhecimento e a sabedoria são ignorados.

Por meio do medo e controle, as igrejas, que deveriam ser locais de relações verdadeiras, humanas e vulneráveis, transformam-se em locais de mera religiosidade.

A comunicação passa a servir como uma agenda de controle.

Os governos, que foram criados por Deus para servir as pessoas, acabam por se tornar meras burocracias, a serviço apenas da elite que detém o poder.

Nossa linguagem, um esconderijo

“A vida é definida pela qualidade de nossos relacionamentos, nossos relacionamentos são definidos pela nossa comunicação. Nossa comunicação é simplesmente as palavras que escolhemos para expressar nosso coração para com os outros.” – Matt Rawlins

Do fruto da boca o coração se farta; a língua faz todo o corpo responsável pelas consequências de suas palavras! A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte; os que a usam habilmente serão recompensados. Provérbios 18:20,21

Devido aos mecanismos de defesa diante da vergonha e da vulnerabilidade resultantes da queda do jardim, tendemos a nos esconder. Qual seria o melhor lugar para nos escondermos? No lugar mais "fácil": em nossa linguagem.

Queremos sermos vistos como desejamos e não como somos, então utilizamos nossa linguagem para manipular a percepção dos outros, comunicando algo que não condiz com a realidade. Na era pós-moderna, a sociedade é guiada pelo lema "podemos ser o que quisermos" ou "comunicar o que desejamos", a verdade é relativa. Essa também é a mentalidade da maioria das estratégias de marketing, que escolhem cuidadosamente o que mostrar, suprimindo a verdade.

A mentalidade da humanidade caída, sem a redenção de Cristo, acarreta em péssimas consequências. Há uma grande carência de significado em nossas relações. Para mantermos relações de qualidade é essencial compreender o significado por trás das palavras e atitudes. É preciso buscar a verdadeira compreensão para entender o que a pessoa está tentando transmitir.

No entanto, isso se torna cada vez mais difícil, já que frequentemente optamos por utilizar nossa linguagem com generalizações constantes. Nossa mente tende a generalizar para

simplificar as coisas, mas isso pode ser problemático, especialmente ao lidar com questões complexas e conflitos.

Podemos, em nossas palavras, deletar informações. Optamos por excluir informações para controlar a narrativa, suprimindo aquilo que não desejamos que outros saibam. Queremos compartilhar apenas o que nos convém, buscando manter o controle da situação ou, ainda, distorcer informações. Ajustamos informações para que se encaixem em nosso ponto de vista, o que é um exemplo claro de manipulação na comunicação.

A linguagem é um dom. Podemos dar sentido às coisas e nos conectar com a criação. Em nossas palavras, cocriamos com Deus. Quanto mais clara for a nossa linguagem, mais expandimos nossa capacidade de entender e criar entendimento.

Lembre-se: as palavras são a linguagem do coração. Se desejamos unir mente e coração nas relações, precisamos aprender a trabalhar com essas palavras e ouvir o que estamos expressando para outras pessoas. A comunicação é um chamado à integridade. Deus requer de nós uma tarefa árdua: ser íntegros em nossa comunicação. Ser vulneráveis para expressar os nossos corações é dar verdadeiro significado às nossas palavras e promover entendimento para as pessoas.

Ao mudar a maneira como nos expressamos, certamente nossos relacionamentos terão maior qualidade. Lembre-se de que temos autoridade de escolha e podemos atribuir um significado mais profundo por meio de nossas palavras. Este é um convite para mudança em uma área essencial de nossas vidas.

O problema está na área relacional

Isso se aplica também às nossas vidas. Se a comunicação está ruim, é provável que existam problemas no relacionamento, seja em níveis interpessoais ou organizacionais. Organizações

que enfrentam problemas de comunicação certamente estão negligenciando esse alicerce. Não basta apenas lançar algo comunicativo, como um estatuto, um código ou uma campanha publicitária. É crucial estabelecer um relacionamento com as pessoas com as quais se deseja criar entendimento e mobilização em direção a elas.

Muitas vezes, cometemos o equívoco de achar que é simples comunicar, como enviar um e-mail. Estou certo de que existem mais implicações para comunicar com eficiência; ser compreendido é tão importante quanto a credibilidade de quem comunica algo.

Com o avanço das mídias sociais, é evidente a questão da eficiência da comunicação. Milhares de pessoas estão se comunicando neste exato momento: grandes causas sociais estão sendo compartilhadas, governos estão fazendo seus apelos, pessoas estão denunciando a corrupção, e muitos outros estão compartilhando suas fotos e vidas. Como isso nos afeta? Toda essa movimentação não teria resultado se não houvesse pessoas que acreditassem e dessem credibilidade a essas informações. Para alcançar essa credibilidade em seu conteúdo, é necessário um relacionamento mais profundo.

Na minha experiência como comunicador na JOCUM, sempre destaco que estamos muito preocupados em promover nossas escolas em vez de manter um relacionamento com os futuros alunos. Comunicar nossos cursos e escolas é, sim, importante, mas é igualmente essencial mostrar quem somos, interagir com o público, compreender suas necessidades e dúvidas. É dessa forma que alcançamos credibilidade.

Devido às nossas limitações, a comunicação precisa ser mais intencional e começar no campo do relacionamento para fundamentar nossas vidas, famílias e sociedades em uma comunicação com os valores do Reino de Deus, em vez de uma comunicação meramente baseada no marketing e no humanismo, onde os relacionamentos não importam e o ato de

comunicar é movido por interesses superficiais. O pensamento humanista que invade nossas vidas dita que a moral não importa desde que possamos nos comunicar.

“Parte 2 - Jesus a Resposta de Deus”

Cap 4 - A autoridade representada por Jesus na comunicação

Jesus e a comunicação

Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas-novas do Reino de Deus.

João 8:11.

Jesus tinha a grande missão de compartilhar a mensagem de Deus para a humanidade, Ele sabia que isso significaria alcançar e tocar as pessoas profundamente, mas qual seria a melhor estratégia para compartilhá-la? Suas palavras não poderiam ser complexas: Ele era a mensagem e Ele foi a ferramenta. Jesus compartilhava de si mesmo com aqueles que andavam com Ele. Suas relações e sua humanidade foram o que impactaram a vida daqueles que o seguiam. A mensagem foi entendida de forma profunda e duradoura, pois Ele encarnou sua mensagem, e sua comunicação era viva e conectada com o próximo. Não se tratava apenas de uma mensagem; era algo extraordinário que falava sobre as boas novas do Reino de Deus.

Somos inspirados por Jesus a encarnar essa mensagem. No livro de Coríntios, somos chamados por Paulo como 'cartas vivas de Cristo', pois as pessoas lerão a mensagem que carregamos onde quer que estejamos. Quando estamos atentos à realidade de que não podemos deixar de nos comunicar então aproveitamos todas as oportunidades para que as virtudes de Cristo fluam através de nós. Eu pessoalmente mudei minha forma de viver o cotidiano. Quando encontro pessoas pedindo dinheiro nas ruas, pessoas que me servem na lanchonete, atendentes de mercado ou pessoas que reclamam de alguma enfermidade, vejo esses momentos como grandes oportunidades para comunicar o Reino e deixar as pessoas lerem a "carta" que carrego. Essa maneira de encarnar a mensagem do Reino e comunicá-la faz toda a diferença e mostra que nossa missão é holística e não se limita apenas à igreja ou a uma base missionária.

Outra grande faceta desse Jesus comunicador é que Ele escolheu comunicar o seu ministério através de parábolas, histórias profundas que atravessam gerações e contêm lições práticas. Ele sabia que seu público aprendia de forma oral e que as histórias seriam passadas de geração em geração. Esse estilo de comunicação é altamente conectado com o coração das pessoas, capaz de inspirar e deixar uma marca poderosa e única em suas vidas. As histórias que Jesus contava eram confrontantes e cheias de valores; elas continuam impactando nossas vidas até hoje. Ele era um verdadeiro mestre na arte da comunicação, compreendendo perfeitamente o poder que as histórias exercem sobre a humanidade. E, assim como Ele, cada um de nós também tem suas próprias histórias para contar. Embora muitas delas precisem de tempo para amadurecer, com o passar do tempo, desenvolvemos uma compreensão mais profunda dos valores que elas carregam. Mesmo que agora pareçam simples ou corriqueiras, em breve se tornarão pérolas valiosas que podemos compartilhar com nosso público.

É importante lembrar que as pessoas estão atentas às grandes histórias de nossas vidas e às lições que elas contêm. Os melhores pregadores que conheço entendem o significado dessas histórias e o poder que elas carregam. Podemos não lembrar exatamente do que foi pregado, mas lembraremos das histórias que foram contadas. Eu confesso que sou péssimo em decorar versículos bíblicos, mas as parábolas de Jesus são inesquecíveis; na maioria das vezes, eu lembro o contexto e a aplicação que cada história carrega, para mim esse é o poder que cada história possui. Isso demonstra que uma das razões pelas quais Jesus contou tantas histórias, Ele sabia que seriam uma maneira eficaz de transmitir seus valores às pessoas.

As 5 Respostas Relacionais de Jesus

1 - TENSÃO

Normalmente, quando falo sobre tensão, gosto de começar pedindo aos alunos que compartilhem suas primeiras impressões sobre a palavra. É interessante observar as reações. Após enchermos o quadro com as palavras que surgem, dá para perceber que a maioria pode ser categorizada como palavras negativas: 'estresse', 'conflito' e 'ansiedade' estão entre as mais citadas. Raramente alguém diz algo como "oportunidade" ou "crescimento". Esse pequeno exercício revela o quanto estamos condicionados a ver a tensão com algo ruim e que deve ser evitada, quando na verdade ela não deveria ser categorizada como boa ou ruim. Tenho que confessar que eu mesmo já tive uma relação conturbada com a tensão e, se você acha que ela não está na sua vida, vamos falar mais sobre ela e como nos relacionamos com essa realidade.

Por exemplo, no início do nosso casamento, uma das maiores fontes de tensão ocorria através de uma pergunta aparentemente simples da minha esposa: *"Para onde você vai?"*. Meu cérebro já começa a soar o alarme: *"Alerta! Liberdade em risco!"*. Em vez de responder com um simples "vou ao mercado" eu ficava em silêncio ou, pior, dava uma resposta atravessada. Isso acontecia porque a pergunta tocava em uma crença interna sobre liberdade. Certamente aprendi que a vida conjugal funciona com a prestação de contas saudável e que essa tensão deveria ser vista como uma oportunidade para criar entendimento em nossa relação. Outro exemplo clássico é quando minhas ideias são questionadas. Se alguém da minha equipe diz que há uma alternativa melhor ou que minha proposta não foi tão boa. Parece que, naquele momento, não era apenas a ideia que estava sendo avaliada, mas o meu valor como pessoa. Para quem não lida bem com críticas, é uma verdadeira aula de autoconhecimento lidar com a tensão quando nossas ideias são contrariadas. Mas aí está: a tensão quer nos ensinar.

Deixe-me contar uma história que exemplifica bem essa questão. Certa vez, voltei de uma viagem ministerial no Chile. Cheguei em casa exausto, sonhando com a minha cama e descanso. Ao chegar me deparei com uma surpresa. Não, não era uma festa de boas-vindas. Minha esposa tinha, literalmente, mudado a casa inteira. E não falo só de trocar os móveis de lugar; ela pintou paredes, mudou a decoração, trocou até os quadros da sala! Para ela, aquilo era a realização de um sonho. Ela, radiante, começou a me mostrar cada detalhe e eu, em vez de agradecer, soltei um “tô cansado” e fui direto para a cama. No dia seguinte, precisei pedir desculpas, porque percebi o quanto a magoei. Ela tinha feito tudo aquilo com tanto carinho, esperando me agradar, e eu fui um completo estraga-prazeres. Esse episódio me fez entender sobre a minha reação diante da tensão causada pela mudança feita. Uma situação que revelou o meu coração porque acionou, em mim, o gatilho de que eu deveria ter sido consultado antes, pois a minha opinião importa. Hoje vejo que essa tensão revelou tanto vaidade quanto a fragilidade do meu senso de pertencimento. E, mesmo eu achando que tinha alguma razão naquela situação, eu deveria ter expressado essa razão de forma correta, não apenas reagindo e ferindo a boa intenção criativa da minha esposa. É dessa maneira que a tensão revela o que há em nossos corações, quando reagimos às situações.

Mas o que tudo isso significa? Significa que, se quisermos amadurecer, precisamos reavaliar e ressignificar o nosso entendimento sobre tensão. A verdade é que ela não é boa nem ruim, ela simplesmente existe. Em todos os relacionamentos, em cada conversa, existe uma dança constante com a tensão. Falar com outro ser humano já é, por si só, um exercício de tensão ajustada.

O problema é que, muitas vezes, estamos tão desconfortáveis conosco que reagimos de forma exagerada a tudo o que nos desafia. Daí a tendência de ver a tensão como inimiga. A tensão é parte da criação de Deus que nos dá escolhas, é o que nos faz sair do lugar secreto e crescer. Em vez de fugir ou lutar contra ela, talvez devêssemos aprender a nos conhecer melhor e

responder de forma apropriada a cada situação desafiadora que surge. A tensão é um foco de luz que revela os nossos corações. Porém, às vezes essa luz não parece ser algo agradável, então tentamos nos proteger de situações em nossas vidas que a acionam.

A tensão, quando encarada sob a perspectiva de Deus, deixa de ser apenas uma força desconfortável para se tornar um convite ao crescimento. Em Romanos 5:3-4, Paulo nos lembra que *"a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança."* Esse processo, muitas vezes doloroso, é a maneira de Deus trabalhar em nosso interior, moldando-nos à imagem de Cristo.

Se olharmos para as tensões que enfrentamos como oportunidades para revelar o que está oculto e transformar o que precisa ser ajustado, seremos capazes de lidar com os desafios da vida com mais graça e confiança. A tensão não é nossa inimiga, mas uma ferramenta divina que nos empurra para fora da zona de conforto, onde nossos valores, crenças e comportamentos são refinados.

Revelando Quem Ele É, Jesus o "causador"!

A presença de Jesus gerava uma tensão que ia além da nossa compreensão. Sendo Deus em forma humana, Jesus podia saber o que as pessoas ao seu redor pensavam e sentiam, o que tornava o encontro com ele desafiador. Ele percebia o que estava oculto nos corações e isso expunha pensamentos, intenções e temores que muitos tentavam esconder. Isso incomodava aqueles que o encontravam, especialmente os líderes religiosos, que sentiam suas motivações questionadas e sua hipocrisia desmascarada. A resposta a essas tensões foi tentar removê-lo, culminando em sua crucificação. A presença de Jesus, portanto, não podia ser ignorada, e sua comunicação desafiava todos que cruzavam seu caminho a confrontarem suas próprias crenças e expectativas. Imagine o momento em que o Jesus "causador" vê o templo sendo

transformado em um mercado, Jesus reage com indignação. Ele não tolerou a exploração disfarçada de religião, a sua reação foi clara e firme. Jesus sabia da hipocrisia e ganância nos corações daqueles que usavam a fé para o lucro, a sua presença ali expôs e desafiou essa prática. A tensão nesse momento era enorme, ao comunicar sua indignação, Jesus ensinou que há momentos em que o confronto é necessário, especialmente em defesa da justiça de Deus e da integridade.

Um pouco mais adiante na história, Jesus estava com seus discípulos em um barco quando uma tempestade se formou e, enquanto o caos tomava conta, Ele dormia. Esse momento se tornou uma aula prática na escola missionária de Jesus: Ele intencionalmente permitiu que seus discípulos enfrentassem a tensão, ensinando-os a não serem governados pelo medo. Não era apenas sobre o poder de Jesus de acalmar a tempestade, mas sobre a chance de sondar o próprio coração e perceber o que o medo pode fazer quando domina nossas reações. Instintivamente, nos deixamos levar pelo impulso, tomamos decisões precipitadas e, em meio ao desespero, rapidamente esquecemos as palavras de Deus que deveriam ser nossa âncora.

Esse é o ministério do Jesus "provocador" das tensões. Tente imaginar você andando no ministério com Jesus e como Ele diariamente desafiaria seus discípulos a sair da zona de conforto, proporcionando momentos únicos. Essa intencionalidade de Jesus está ligada à sua forma de revelar nossos corações e mostrar quais são as nossas convicções. Muitos desistem da ideia do chamado ministerial pois não querem esse lugar de incertezas, muitos preferem a distância e a indiferença, pois estão profundamente alicerçados no medo.

Jesus caminhou ao lado daqueles que o mundo rejeitava, prostitutas, cobradores de impostos, e os esquecidos à margem. Em cada gesto e palavra, Ele revelava a tensão dos corações, ao quebrar normas, de desafiar o olhar severo da religião para revelar uma verdade maior: o amor de Deus não se curva às barreiras, nem se rende aos preconceitos. Brennan Manning,

em *O Evangelho Maltrapilho*, fala desse amor escandaloso que se estende ao mais indesejado, ao quebrado, ao maltrapilho, porque Deus não vê como os homens veem. Jesus, em sua compaixão, não evitou os rejeitados. Ao contrário, Ele os buscava com um fervor que incomodava os religiosos e rompia com as tradições. Sua comunicação era humana, onde a aceitação se tornava em transformação. Com Ele, até os mais feridos e desprezados descobriram que a graça divina era acessível, independente dos erros passados ou das marcas que carregavam. Esse Jesus "causador" revelou através das tensões proporcionadas e intencionais o que verdadeiramente estava nos corações daqueles que o cercavam.

Respondendo ao invés de reagir

Quando uma mulher foi levada até Jesus, de maneira expositiva e vergonhosa, o peso da tensão pairava no ar. A lei gritava por condenação, uma sentença que parecia certa como a morte; mas Jesus, conhecendo o coração dos acusadores, discernia a falsidade nas palavras e olhares que o cercavam. Ele não se apressou a responder; em vez disso, inclinou-se e desenhou no pó do chão, como se deixasse o próprio tempo responder na consciência dos acusadores. Então, sua resposta foi simples e penetrante, um convite à verdade: *“Aquele que não tem pecado, seja o primeiro a atirar a pedra”*. Com essas poucas palavras, ele abriu uma porta para a misericórdia e a autoavaliação. Jesus nos mostrou que, diante do julgamento, devemos primeiro sondar o nosso próprio coração, antes de ousar lançar pedras nos outros. Ele nos mostrou que a verdadeira resposta nasce da serenidade, e que sabedoria é recusar-se a reagir, mas procurar responder com profundidade e verdade, mesmo nos momentos difíceis. Talvez possa parecer simples esse processo, porém nós sabemos como é difícil ter a lucidez e responder de forma apropriada nos momentos em que somos acusados; ou quando nos encontramos diante de grandes dilemas.

Quando nossas atitudes são impulsionadas por reações, o sentimento assume o comando, levando-nos a um estado defensivo ou até mesmo agressivo. É uma resposta instintiva, que, muitas vezes, nos afasta da sabedoria e nos leva para ações precipitadas. As Escrituras falam com frequência sobre a importância de governar nossos impulsos. Em Provérbios 16:32, somos lembrados de que *“melhor é o homem paciente do que o guerreiro, mais vale controlar o seu espírito do que conquistar uma cidade.”* Aqui, a paciência e o autocontrole são elevados como forças maiores do que a mera reação.

Jesus é o exemplo perfeito de como lidar com situações de tensão sem ser dominado por impulsos. Nessa passagem Marcos 14:61, Ele “não respondeu nada”. Ele não se deixou levar pela necessidade de se justificar ou reagir, mas mostrou que o silêncio pode ser um lugar para buscar respostas assertivas.

Esse princípio é reafirmado em Tiago 1:19, onde lemos: *“Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”*. Esse conselho de Tiago nos ensina que ser tardio em falar ou justificar-se nos ajudam a perceber o que realmente está em jogo e a responder a partir de um lugar de sabedoria. Em vez de nos deixar arrastar pelas emoções, busque enxergar o que Deus quer nos mostrar. Nesses momentos de tensão, a reflexão nos convida para ouvir a voz de Deus antes de reagirmos, sendo possível transformar uma reação apressada em uma escolha sábia, uma resposta racional e emocional adequada.

Jesus e as suas histórias

Jesus falava por meio de parábolas, utilizando histórias que conectam o cotidiano de Seus ouvintes às verdades eternas do Reino de Deus. Suas parábolas eram tecidas a partir de elementos simples e conhecidos, tais como: sementes, campos, pescarias, ovelhas, pastor, vinha, relacionamentos humanos e outros códigos bem conhecidos da época. Na verdade, se você tem um pouco de conhecimento sobre agricultura e campo, você pode entender melhor

as parábolas de Jesus. Essas histórias serviam como pontes entre o ordinário e o Eterno. Ao ouvir essas histórias, as pessoas eram convidadas a enxergar realidades espirituais profundas de maneira prática e acessível. As parábolas de Jesus são exemplos de como a tensão pode ser usada para ensinar. Cada uma de suas histórias cria um espaço de reflexão, um momento de desconforto e provocação da imaginação, que desafia o ouvinte a responder. Jesus intencionalmente deixava algumas de suas parábolas sem explicações completas, permitindo que a curiosidade trabalhasse no coração de quem ouvia.

Por exemplo, na parábola do bom samaritano (Lucas 10:25-37), Jesus usa um cenário de viagem e um ato de bondade inesperada para desconstruir preconceitos e redefinir o conceito de "próximo". Essa história não apenas desafiou as normas sociais de Sua época, mas também despertou nos ouvintes uma nova visão de compaixão e justiça. Ao narrar histórias como essa, Jesus não entregava respostas prontas, mas criava espaço para reflexão e transformação, incentivando cada pessoa a buscar ativamente o significado mais profundo.

Eugene Peterson, em *A Bíblia Como Vocação*, descreve como a narrativa bíblica molda nossa imaginação espiritual. Ele argumenta que as parábolas de Jesus não apenas comunicam informações, mas também moldam nossa visão de mundo, convidando-nos a habitar as histórias e internalizar suas verdades. Segundo Peterson, *"Jesus não entregava verdades em formas abstratas; Ele as envolvia em histórias que tocavam o coração e moldavam a vida."*

O mestre Jesus entendia que o aprendizado genuíno vem do engajamento ativo. Suas parábolas frequentemente deixavam os ouvintes com perguntas em vez de respostas, criando um campo fértil para o crescimento. Ele sabia que a tensão ou o desconforto do "ainda não entendido" era parte essencial do processo de descoberta, pois ela despertava a curiosidade e incentivava um envolvimento maior.

Assim como as parábolas de Jesus, suas próprias histórias têm o potencial de despertar reflexão e inspirar mudança naqueles que as ouvem. Jesus entendia que a narrativa é mais do que um meio de transmitir informações; ela é uma ferramenta poderosa para envolver e transformar o coração humano. Em *Storytelling*, Carmine Gallo destaca que as histórias criam uma ponte emocional entre o narrador e o ouvinte, conectando ideias complexas a experiências humanas. Ele afirma que “*narrativas ativam partes do cérebro humano que são responsáveis pela empatia, permitindo que as pessoas não apenas ouçam, mas sintam a mensagem*”¹⁰. Isso é o que entendemos por inspiração. Você sabe muito bem a diferença quando ouve alguém que está informando de alguém que está inspirando a sua vida.

Winston Churchill, reconhecido como um dos maiores comunicadores do século XX, sabia disso profundamente. Ele entendia que as histórias poderiam inspirar nações e mobilizar pessoas em tempos de crise. Churchill afirmou certa vez: “*A verdade é incontrovertível. A malícia pode atacá-la, a ignorância pode zombar dela, mas no final, lá está ela.*”¹¹ Essa convicção sobre o poder da verdade também guiava sua habilidade de usar narrativas para moldar o pensamento e a moral de seus ouvintes. Em seus discursos durante a Segunda Guerra Mundial, Churchill utilizava imagens vívidas e metáforas para comunicar esperança em meio ao caos. Ele sabia que histórias bem contadas criavam uma ponte emocional entre a mensagem e aqueles que a recebiam.

Pense em um momento em que você foi cativado por uma história. O que ela lhe ensinou? É provável que tenha despertado em você não apenas entendimento, mas também um desejo de mudança, uma conexão mais profunda com os valores da história. Essa é a força da narrativa que transforma: ela vai além da mente e atinge o coração. Da mesma forma, as parábolas de

¹⁰ Carmine Gallo, *Storytelling: Aprenda a Contar Histórias com Steve Jobs, Papa Francisco, Churchill e Outras Lendas da Liderança*, 1ª edição (São Paulo: Sextante, 2021), capítulo 2.

¹¹ Winston Churchill, citado em Dominique Enright, *The Wicked Wit of Winston Churchill* (Londres: Michael O'Mara Books, 2001), p. 89.

Jesus não apenas informavam; elas colocavam o ouvinte dentro da história, permitindo que ele se visse como um personagem real. Isso forçava as pessoas a refletirem sobre suas próprias vidas e a confrontarem suas crenças e ações. A verdade é que as melhores histórias não apenas informam, mas transformam, criando conexões significativas entre o ouvinte e a mensagem.

Jesus nos mostra que o poder das histórias está em sua capacidade de capturar a atenção, romper barreiras e revelar o que realmente importa. Ao narrar as verdades do Reino, Ele nos convida a fazer o mesmo: contar histórias que inspiram, desafiam e transformam. O aprendizado mais profundo acontece quando somos envolvidos por histórias que falam ao coração e apontam para algo maior do que nós mesmos.

Jesus e os que estavam à margem da sociedade

Jesus caminhou ao lado daqueles que o mundo rejeitava, prostitutas, cobradores de impostos, e os esquecidos à margem. Em cada gesto e palavra, ele enfrentava e produzia a tensão ao quebrar normas dos religiosos dogmáticos, de desafiar o olhar severo da cultura para revelar uma verdade maior: o amor de Deus não se curva às barreiras, nem se rende aos preconceitos do medo. Brennan Manning, em *O Evangelho Maltrapilho*, fala desse amor escandaloso que se estende ao mais indesejado, ao quebrado, ao maltrapilho, porque Deus não vê como os homens veem. Jesus, em sua compaixão, não deixou com que a tensão fosse o motivo para evitar os rejeitados; ao contrário, ele os buscava com convicção que incomodava até os mais piedosos e rompia com as tradições. Sua comunicação era um instrumento da aceitação, com ele, até os mais feridos e desprezados descobriram que a presença divina se abre a todos, independente dos erros passados ou das marcas que carregavam, Jesus enfrentou os julgamentos e produziu tamanha tensão em quem o seguia.

Imagine caminhar com Jesus e observar Suas relações: sentar-se com cobradores de impostos, tocar leprosos e conversar com mulheres em público. Ações que colocavam em xeque as expectativas sociais e religiosas. Para seus discípulos, isso não era apenas desconfortável, era também perigoso. Seguir Jesus significava enfrentar o julgamento da sociedade e arriscar a própria reputação.

Pense no encontro com Zaqueu (Lucas 19:1-10). Quando Jesus decide hospedar-se na casa de um cobrador de impostos, um homem visto como traidor e pecador pela comunidade, a tensão é nítida. A multidão murmurou: *“Ele se hospedou com um homem pecador”* (Lucas 19:7). Agora, imagine os discípulos, que já lutavam para entender o que significava seguir um Messias que desafiava todas as expectativas. As escolhas de Jesus colocavam Seus seguidores em uma posição de desconforto: *Se nosso Mestre faz isso, o que isso diz sobre nós?*

Essa tensão era um convite para um amor maior. Ao enfrentar a rejeição e o estigma junto com Jesus, os discípulos aprendiam que o valor de uma pessoa não está em sua reputação, mas em sua capacidade de transformação. Zaqueu, tocado pelo amor incondicional de Jesus, responde: *“Vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se extorqui alguém, devolverei quatro vezes mais”* (Lucas 19:8). A tensão gerada por esse encontro produziu frutos de arrependimento e de renovação.

Outro grande exemplo sobre como os relacionamentos de Jesus produziam tensão é o encontro com a mulher samaritana no poço (João 4). Jesus quebrou várias barreiras ao iniciar uma conversa com ela: Ele fala com uma mulher (algo incomum para um rabino), interage com uma samaritana (etnia desprezada pelos judeus) e menciona sua vida pessoal de forma direta, mas sem condenação. Os discípulos, ao voltarem e encontrarem Jesus conversando com ela, ficam espantados, embora não tenham coragem de questioná-Lo (João 4:27). Esse

episódio gerou uma tensão não apenas na mulher, que impactada pela aceitação de Jesus, corre para anunciar Sua presença, mas também nos próprios discípulos, que precisavam reconstruir suas crenças.

A tensão desse encontro não termina ali. Jesus usa o momento para ensinar uma lição poderosa sobre o Reino de Deus, dizendo: *“A colheita está pronta”* (João 4:35). A mulher samaritana, que antes evitava a sociedade por vergonha, torna-se uma das primeiras evangelistas, levando sua cidade a encontrar o Messias.

Como responderemos às tensões que surgem no caminho das nossas vidas quando somos chamados a amar como Jesus amou? Para os discípulos, seguir o Mestre significava desconstruir antigos valores de preconceitos e aceitar que o amor de Deus não fazia tais distinções. Essa lição continua atual. Quem são os "Zaqueus" e "mulheres samaritanas" da nossa sociedade? Quais barreiras estamos dispostos a atravessar para comunicar o amor sem limites de Deus? Jesus nos convida a enfrentar nossos próprios preconceitos e a abraçar a tensão que o verdadeiro amor gera. Ele nos chama a um amor que não é limitado por barreiras sociais, mas que atravessa todas elas para alcançar o coração humano.

O Sacrifício

Em um dos momentos mais tensos e humanos de sua vida, Jesus enfrentou o que parecia insuportável no Jardim do Getsêmani. Ele transpirou gotas de sangue enquanto orava, num nível de tensão e angústia incompreensível, pedindo ao Pai que, se fosse possível, aquele cálice fosse afastado (Lucas 22:44). Essa é uma conversa cheia de vulnerabilidade e de uma comunicação completamente honesta com Deus. Jesus expôs suas emoções mais profundas e entregou sua alma aflita ao Pai. Aqui, a tensão não é evitada; ela é vivida com intensidade, mostrando que mesmo na dor, a comunhão com Deus permanece essencial.

Esse momento possivelmente é a conversa mais vulnerável registrada na história da humanidade. Ele nos ensina que a oração não é um lugar de frases prontas, mas de entrega e verdade. Jesus não escondeu sua angústia, mas também não deixou que ela determinasse sua escolha final. Após pedir que o cálice fosse afastado, Ele reafirmou sua obediência: *“Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”* (Mateus 26:39). Sua resposta à tensão foi um compromisso com a missão que lhe fora dada, mesmo diante de um sofrimento indescritível. No Getsêmani, Jesus viveu a tensão máxima entre o desejo humano de evitar a dor e o chamado divino para abraçar o sacrifício.

O sacrifício está inerente à tensão. É uma luta interna entre o que queremos e o que Deus nos chama a fazer. Assim como Jesus enfrentou essa tensão no Getsêmani e na cruz, também somos chamados a viver uma vida de obediência que, muitas vezes, exige renúncia. No entanto, nossa tendência natural é evitar a dor e fugir do desconforto que o sacrifício traz.

Quando somos confrontados por momentos em que o sacrifício é necessário, muitas vezes reagimos tentando preservar nossa segurança ou justificando nossa resistência. Preferimos os atalhos fáceis, fugimos para zonas de conforto que nos afastam da tensão, mas que também nos distanciam do propósito de Deus para nossas vidas.

Porém, a beleza do sacrifício está na escolha que ele nos oferece. Deus não nos força; Ele nos convida a confiar n’Ele, a render nossos desejos ao Seu plano, sabendo que a tensão é um terreno fértil para o crescimento e para a manifestação de Sua glória. Jesus nos mostrou que o sacrifício não é o fim, mas o início de algo maior, a ressurreição e a vitória sobre a morte.

Finalmente, antes de subir aos céus, Jesus deu aos discípulos uma grande tarefa: *“Vão e façam discípulos de todas as nações.”* Essa tarefa trouxe a maior responsabilidade já dada a homens comuns, uma missão cheia de desafios e tensões. Jesus sabia que essa

responsabilidade seria carregada de sacrifícios, Ele comunicou aos discípulos a promessa de sua presença, afirmando que estaria com eles até o fim dos tempos.

Como Devemos Responder às Tensões em Nossas Relações?

As tensões fazem parte da vida que inevitavelmente surgem em nossas relações, mas a forma como respondemos é nossa escolha, é parte da nossa autoridade como indivíduo. Nosso alvo deve ser agir sabiamente, escolher e responder de maneira apropriada a cada situação em nossas vidas, permitindo que Deus seja expresso através de nossas respostas diante das tensões. Desde a infância, aprendemos a lidar com a tensão de maneira instintiva, muitas vezes como um mecanismo de proteção e defesa. Contudo, essa abordagem instintiva pode carregar consigo traumas e padrões inadequados que influenciam negativamente nossa forma de lidar com os conflitos e tensões nas relações.

Vivemos em um mundo cercado de mudanças, onde é requerido de nós a criatividade para manejar os conflitos que frequentemente trazem consigo uma carga significativa de tensão. Esses momentos são desafiadores porque agem como combustível em um fogo já aceso, amplificando as emoções. Precisamos nos perguntar: como estamos lidando com esses momentos de grande tensão? Deus nos ensina a navegar por essas situações e a Bíblia serve como um guia prático para enfrentarmos os dilemas mais profundos da vida.

Ao transmitir esse aprendizado, nosso objetivo não é eliminar a tensão, mas encorajar para que ela seja encarada com sinceridade e comprometimento; vivendo de todo coração. O verdadeiro problema não é a existência da tensão, mas sim a condição do nosso coração diante dela. A tensão age como um espelho, revelando nossa essência e expondo quem realmente somos. Será que estamos dispostos a deixar as pessoas nos conhecerem?

Se queremos ser pessoas que vivem "de todo o coração", precisamos aprender a responder com sabedoria ao invés de apenas reagir impulsivamente. Jesus nos promete um novo coração, um coração de carne, sensível e apto a aprender novas formas de se relacionar e lidar com os desafios da vida.

Resumo e Aplicação sobre a tensão em nossos relacionamentos

- 1 - Jesus nos ensina que a tensão não é boa nem ruim, mas sim uma ferramenta de Deus para revelar nosso coração, moldar nosso caráter e nos conduzir ao crescimento espiritual.
- 2 - Jesus usava tensões intencionalmente para expor os corações, confrontar hipocrisias e revelar verdades profundas sobre Deus e o homem.
- 3 - Jesus nos ensina a responder com sabedoria ao invés de reagir impulsivamente. Sua postura diante de situações de tensão revela a importância de buscar a verdade e orientação divina antes de agir.
- 4 - Jesus utilizou parábolas para conectar verdades espirituais ao cotidiano das pessoas. Suas histórias envolviam o ouvinte, despertando curiosidade e promovendo mudanças profundas.
- 5 - Jesus se aproximou e amou os rejeitados pela sociedade, criando tensões que desafiavam normas religiosas e sociais.
- 6 - O sacrifício é um terreno de tensão entre o desejo humano e o chamado divino. No Getsêmani, Jesus demonstrou vulnerabilidade, honestidade e obediência ao enfrentar a dor e o sacrifício pela missão dada por Deus.

Aplicações:

- Reflita sobre como você reage às tensões nos relacionamentos e nas situações cotidianas, buscando enxergá-las como oportunidades de autoconhecimento e transformação, alinhando suas respostas à graça e sabedoria de Deus.

- Permita que as tensões em sua caminhada com Jesus revelem áreas que precisam de mudança e crescimento, enfrentando-as com coragem e fé, sabendo que Ele usa esses momentos para moldar seu caráter e alinhar suas convicções ao Seu coração.
- Nos momentos de conflito ou de tensão, procure refletir e buscar sabedoria em Deus, permitindo que suas ações sejam guiadas por discernimento e graça não por impulsos ou emoções passageiras.
- Permita que a tensão do sacrifício molde sua fé e a sua confiança em Deus. Em momentos de desafio, aceite o convite de Deus ao invés de buscar atalhos.
- Inspire-se no exemplo de Jesus ao contar histórias que toquem corações e provoquem reflexão. Use narrativas para transmitir verdades importantes, criando conexões e ajudando os ouvintes a internalizarem valores. Lembre-se do poder das histórias!
- Permita-se demonstrar o amor transformador de Deus. Identifique os marginalizados ao seu redor e esteja disposto a cruzar barreiras sociais e culturais, assim como Jesus fez.

2 - VALORES

Valores não são conceitos abstratos. Eles são profundamente reais e moldam a maneira como vivemos, nos relacionamos e tomamos decisões. Eles são, em essência, uma expressão de quem somos. Não é à toa que Jesus gastou tanto tempo lidando com os valores das pessoas. Ele sabia que, ao transformar os valores de alguém, Ele transformava o coração.

Os valores de uma pessoa começam a se formar na família, nos ambientes em que ela cresce e nas experiências que as moldam. Desde a infância, aprendemos o que é importante por meio de *crenças tácitas*, que são ideias, normas e expectativas que absorvemos de forma implícita, sem que sejam necessariamente verbalizadas ou ensinadas formalmente. James K.A. Smith, teólogo canadense conhecido pelos seus estudos culturais, traduz de forma mais profunda o significado de *crenças tácitas* quando diz: *"Liturgias culturais moldam nosso imaginário de maneira tácita, formando nossos amores e desejos antes mesmo que possamos*

articulá-los como crenças".¹² Esses valores são transmitidos pelo comportamento dos pais, pelas interações sociais e pelas narrativas que ouvimos desde cedo, moldando como nos relacionamentos com as pessoas e como enxergamos o mundo.

Por exemplo, uma criança pode aprender que a honestidade é valiosa não porque ouviu essa palavra repetida, mas porque viu os pais sendo íntegros em situações do cotidiano. Da mesma forma, pode adquirir crenças sobre dinheiro, trabalho ou relacionamentos baseados nas atitudes e emoções demonstradas ao seu redor. Uma frase de Nancy Pearcey em *"Finding Truth"* que destaca essa ideia é: *"Muitas vezes, adotamos ideias e valores da cultura ao nosso redor sem perceber, e essas crenças não examinadas moldam nossas vidas, criando uma desconexão entre o que professamos acreditar e como realmente vivemos"*. Pearcey sugere que os valores e crenças não questionados, que ela chama de "ideias absorvidas inconscientemente", são a chave para entender por que muitos cristãos vivem vidas fragmentadas, desconectadas de sua fé.

Nossos valores não são apenas o que dizemos acreditar, mas o que vivemos na prática, é o nosso comportamento observável. É o que buscamos, o que nos motiva, o que nos atrai. Eles estão visíveis em nossos hábitos, nossas prioridades e até mesmo em nossos sonhos.

Enquanto muitos dos líderes religiosos estavam ocupados lidando com questões superficiais e visíveis, Jesus direcionou sua atenção para o interior das pessoas, trabalhando de dentro para fora. Enquanto os fariseus se limitavam a observar e penalizar resultados externos, Jesus mergulhava profundamente nas emoções em direção aos valores das pessoas, como evidenciado em encontros como o da mulher Samaritana no poço de água, Nicodemos, o Jovem Rico e outros; nos quais Jesus claramente revelou o que estava dentro do coração

¹² Smith, James K.A. *Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2009.

deles. Ele mostrou o que estava escondido por trás das escolhas e qual era o verdadeiro "tesouro" que essas pessoas escondiam.

Ao conectar suas histórias, Jesus destacou a alegria vivenciada por aqueles que renunciaram a tudo para se apegar ao que tinha um valor inestimável. Nas parábolas do homem que encontrou um tesouro no campo e do negociante que descobriu uma pérola de grande valor, ambos venderam tudo o que possuíam para adquirir aquilo que consideravam mais importante¹³. Essas histórias não são apenas metáforas sobre prioridades; elas revelam uma verdade essencial sobre a natureza humana: nossas escolhas são inseparáveis dos valores que carregamos. Tudo o que fazemos, nossas decisões, nossas ações e até os sacrifícios que estamos dispostos a fazer, reflete aquilo que mais valorizamos.

Não tomamos decisões de forma aleatória; elas são moldadas pelos desejos e prioridades que habitam nosso coração. Por isso que a afirmação de Jesus: “Onde estiver o seu tesouro ali estará o seu coração”, é um desafio a refletir sobre o que está nos movendo, pois ele sabe que aquilo que definimos como "valor" é o que moverá o centro de nossas escolhas. Portanto, não é possível separar escolhas de valores: as decisões que tomamos revelam o que realmente importa para nós. Essa conexão é intrínseca à nossa essência. Jesus nos desafia a examinar a escala de prioridades dentro de nossos corações, a fim de discernir se estamos sendo movidos por valores terrenos ou pelo tesouro eterno que só Ele pode oferecer. Quando colocamos o Reino de Deus como nosso maior bem, nossas escolhas naturalmente refletem essa verdade, trazendo propósito e significado às nossas vidas.

Os valores são fundamentais para definir a qualidade da nossa comunicação e relacionamentos. Jesus sabe que, se quisermos ter uma vida abundante em nossa

¹³ Mateus 13:44-46

comunicação relacional, precisamos trabalhar junto com Ele de dentro para fora e considerar se estamos dispostos a sacrificar algo para organizar a bagunça interior dos nossos valores.

Francis Schaeffer, em *"How Should We Then Live?"*, descreve como a cultura ocidental gradualmente substituiu os valores bíblicos por crenças seculares, muitas vezes de forma implícita. Essa infiltração tácita por meio da arte, da filosofia e principalmente das práticas familiares e culturais, moldou gerações que vivem de acordo com cosmovisões fragmentadas e incoerentes. *"As pessoas absorvem sua visão de mundo em grande parte pela atmosfera cultural ao seu redor, sem nunca examinar racionalmente essas crenças."* Essa visão de Schaeffer está alinhada com o trabalho de Jesus em nossos corações e valores. Assim como a fragmentação cultural afeta a sociedade, essa mesma desconexão atinge nossas relações e comunicação. Vivemos em uma tensão entre o que professamos acreditar e como realmente agimos, muitas vezes sem perceber quais são os nossos valores.

Escala errada de valores

A comunicação é uma questão de relacionamentos; os relacionamentos são definidos pelos nossos valores. Então, algo central é quando aprendemos a identificar a existência de algum valor que está fora de ordem dentro de nós. O ponto de partida é saber que a raiz dos problemas relacionais é quando colocamos qualquer pessoa, coisa ou situação fora da escala real de prioridades. A pergunta é: quem define essa escala de prioridades? Na maioria das vezes, não sabemos nem responder a isso e muito menos como definir as prioridades, o problema está na fonte de aprendizagem de nossos valores.

Todos nós viemos de lugares quebrados, fruto do pecado e de muita incoerência. Dessa forma, a definição de bons valores é confusa em nós. Aliás, definir o que é "bom" já é

desafiador. É aqui que precisamos definir a importância central do novo nascimento¹⁴ e da transformação de mente¹⁵, esse é o momento único da nossa existência, quando convertemos nossos valores segundo a escala de valores de Deus, segundo a pessoa de Jesus. A confusão e tamanhos conflitos estão em tentar criar ou dar valores baseados na intuição. Dessa forma alguns valores acabam ocupando lugares importantes e, sutilmente, negligenciamos Deus, família, nós mesmos, pessoas e situações que deveríamos priorizar na caminhada.

Após compreendermos e reconhecermos o problema da nossa incoerência em relação aos valores, agora é o momento de aprender com Jesus. Ele comunica de dentro para fora, mostrando exatamente a centralidade do seu ministério para com os homens, que é a transformação completa pela graça. Jesus revela nosso coração, indicando onde estamos, ou melhor, de que maneira estamos vivendo nossos valores e quais são as consequências dessa possível bagunça interior. Esses valores determinam o que é realmente importante para nós e movem nossas ações e escolhas. Observe esse exemplo no ministério de Jesus onde ele confronta a incoerência religiosa: *"Se um de vocês tiver um filho ou um boi, e este cair num poço no dia de sábado, não irá tirá-lo imediatamente?"* Lucas 14:5. Aqui temos um bom dilema: o sábado ou o boi é mais importante? Jesus está confrontando o sistema de crenças dos líderes religiosos de Israel. Ele mostra de forma simples o significado daquilo que importa no momento exato da escolha. O sábado é importante, porém o animal está prestes a morrer! Ele mostra nosso coração e como facilmente somos hipócritas. Ele sabia que esses homens provavelmente já salvaram algum animal ou até mesmo uma pessoa no sábado, e isso não era um problema, pois a vida é mais importante do que guardar o dia do sábado.¹⁶ Ao

¹⁴ João 3:1-12

¹⁵ Romanos 12:2

¹⁶ Mateus 12:1-8

expor a religiosidade, Jesus estava combatendo a incoerência e mostrando o que realmente importa e como funciona a organização dos valores, dando um novo significado para o sábado e para o amor ao próximo.

É por isso que Jesus várias vezes conectou suas histórias com a alegria de pessoas que largaram tudo para agarrar-se àquilo que tinha tamanho valor. O ensinamento de Jesus é que valores são substituídos e que viver no Reino de Deus implica em fazer escolhas. A pergunta fundamental é: onde está o seu tesouro? Pense naquilo em que você mais gasta seu tempo, sua atenção e, principalmente, seu dinheiro. Você vai chegar a um resultado, vai saber exatamente se o seu amor a Jesus é apenas de palavras ou de atitudes. Dessa forma, Jesus nos prova, dessa maneira Ele examina nossos corações.

A nossa comunicação é um reflexo dos nossos valores e das nossas crenças. Se sentimos fracasso nessa área central, o problema não é porque não aprendemos as técnicas, o problema é que nossos valores precisam ser transformados. Vocês não podem servir a dois senhores. *Amando um, desprezará o outro.* Lucas 16:13. Jesus é muito claro sobre o nosso coração, sobre a maneira que tratamos os valores dentro de nós, sobre a importância de cuidar do nosso coração. Esse é um convite para aprender e substituir o que não deve ser valorizado por nós. É um convite para entender a causa e a raiz da comunicação, bem como das relações interpessoais, em vez de trabalharmos na superfície ou atuarmos nos efeitos dos problemas.

Um novo coração

Deus nos dá um novo coração. Essa promessa extraordinária, descrita em passagens como Ezequiel 36:26 mostra que Deus não apenas nos redime, mas também transforma nossa essência, tornando-nos capazes de viver em alinhamento com Sua vontade.

Deus em Sua bondade nos concede um novo coração, seria um erro pensar que ao receber esse presente significa que nada mais precisará ser feito. O novo coração é como o novo

nascimento, é um ponto de partida, não o destino final. Assim como um recém-nascido precisa crescer, aprender e se desenvolver, nosso novo coração precisa ser nutrido e moldado continuamente. E obviamente o coração aqui descrito não é um órgão. São os nossos valores, sentimentos, tudo aquilo que nos move.

Esse crescimento exige uma boa relação com Deus: somos chamados a renovar nossa mente (Romanos 12:2) e permitir que o Espírito Santo nos transforme. Essa transformação não é passiva; ela requer entrega, disciplina, auto responsabilidade e disposição para alinhar nossas escolhas de acordo com os valores de Deus.

Uma das perguntas frequentes do coração humano é: *"Como posso agradar a Deus?"*. Embora essa pergunta possa parecer nobre, ela frequentemente revela um problema: muitas pessoas buscam agradar a Deus porque não encontram valor em si mesmas. Permita que eu explique melhor sobre essa "heresia". Esse desejo de agradar a Deus pode se tornar uma tentativa de "ganhar" Sua aceitação, como se nosso valor dependesse do que fazemos. Muitas vezes, isso surge de um entendimento distorcido da graça de Deus e do nosso valor. Aprendemos desde cedo que nosso valor está ligado ao que conseguimos realizar ou oferecer. Isso é especialmente comum em um mundo que nos ensina sobre um amor transacional, baseado em trocas e desempenho. Contudo, essa visão é danosa, pois transforma nossa relação com Deus em um contrato baseado em mérito, ao invés de um relacionamento baseado em graça. Precisamos confrontar e corrigir esses valores distorcidos, reconhecendo que o amor de Deus não está fundamentado no que fazemos, mas em quem Ele é. Veja bem, o que estou dizendo é que com esses valores equivocados, nossa relação com Deus será sempre fragmentada e vemos Deus muito distante do que na verdade Ele é.

Aos 16 anos, logo após a minha conversão, eu senti um desejo imediato de servir a Jesus e participar ativamente da Sua missão. Naqueles primeiros anos, eu não percebia que por trás

das minhas motivações havia uma busca por aceitação e validação. Na minha história cultural e familiar, aprendi que o trabalho e o serviço eram maneiras de me sentir valorizado. De certa forma, servir no ministério parecia abrir um caminho para que eu fosse notado pela igreja e pela comunidade local. Porém, essa mentalidade distorcida, onde meu valor estava no que eu fazia e não em quem eu era, acabava me afastando tanto da verdade sobre quem Deus é quanto do real sentido existente nos relacionamentos saudáveis.

Ninguém deseja estar em um relacionamento onde o valor é medido pelo desempenho e não pela essência de quem somos. Sendo assim, aquele serviço ao ministério que no início era cheio de alegria, aos poucos se transformou em desânimo e cansaço. Além disso, comecei a desenvolver uma postura de orgulho e justiça própria, julgando aqueles que não serviam ou trabalhavam no ministério com a mesma intensidade que eu. Essa atitude, sem dúvida, refletia uma visão de orfandade espiritual, marcada por uma desconexão da verdadeira relação com Deus.

Ao longo dos anos, principalmente quando entrei na JOCUM, foi libertador para mim compreender que não precisava impressionar a Deus nem buscar validação das pessoas através das minhas ações. Essa revelação foi como tirar uma tonelada de peso das minhas costas. Reconhecer e mudar os valores internos que governavam minha identidade foi, de fato, um processo de libertação. Isso envolveu aprender a me ver sob a lente da verdade do Evangelho, onde o meu valor está enraizado no que Cristo fez por mim, e não no que eu posso fazer por Ele. Esse é um testemunho de como Deus muda nossos valores, esse é um caminho de transformação contínuo, sabendo que as tensões que vivemos no nosso mundo real está provocando nosso coração e mostrando quais são os nossos valores que carregamos.

Emoções e Valores

Todos nós viemos de famílias imperfeitas, muitas vezes marcadas por conflitos, desafios e, em alguns casos, verdadeiras rupturas traumáticas. Essas experiências moldaram nossos valores e nos ensinaram como vemos as emoções. A maneira como somos criados e o ambiente em que vivemos influenciam profundamente na maneira como interpretamos e reagimos às emoções. Quando enfrentamos situações difíceis sem o devido aprendizado acerca das emoções, nossa tendência é categorizá-las como "ruins" ou "indesejáveis."

Como resultado, passamos a desejar sentir apenas as emoções que nos proporcionam conforto e alegria. Entretanto, a realidade é que não podemos isolar os sentimentos agradáveis e rejeitar os desafiadores. Nosso coração precisa manter um fluxo contínuo de emoções, onde tanto as que chamamos de “boas” quanto as que consideramos “ruins” estejam interligadas,

Para ilustrar isso com meus alunos, gosto de trazer um exemplo que chamo de "cano das emoções." Imagine um cano transparente, pelo qual passam bolas coloridas que representam diferentes sentimentos: alegria, tristeza, raiva, dor, amor e medo. Peço para os alunos falarem sobre cada sentimento. Depois de algum tempo de processamento, ao se depararem com emoções desconfortáveis, tais como a dor ou a tristeza, a maioria dos alunos constata que temos a tendência em "fechar" esse cano; como se pudéssemos impedir que as emoções indesejáveis passem. No entanto, mostro para os alunos que essa decisão acaba bloqueando todo o fluxo emocional, inclusive as boas emoções, impedindo que o coração viva de maneira completa.

No mundo físico, quando temos uma obstrução no coração, geralmente estamos falando de um problema no fluxo de sangue para o músculo cardíaco, o que pode levar a sérias condições, como angina (dor no peito) ou infarto do miocárdio (ataque cardíaco).¹⁷ As consequências são a redução do fluxo de oxigênio, aperto ou pressão no peito, falta de ar e

¹⁷ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. “Doença Arterial Coronariana”. Disponível em: <https://www.cardiol.br>. Acesso em: 19 set. 2025.

infarto, que é a morte de parte do músculo cardíaco por falta de oxigênio. De forma semelhante, no mundo relacional, obstruir os sentimentos pode ter um impacto profundamente negativo em nossas relações e na maneira como vivemos. Quando suprimimos emoções desafiadoras, como tristeza, medo ou raiva, criamos barreiras que interrompem o fluxo natural de relacionamentos saudáveis. As consequências incluem distanciamento emocional, dificuldade em se conectar genuinamente com os outros, insensibilidade ao sofrimento alheio e até ao próprio, além de relacionamentos fragmentados, isolamento emocional e a incapacidade de experimentar a plenitude do amor e da intimidade.

Se desejamos experimentar o amor de Deus em sua plenitude e compartilhar esse amor com os outros, precisamos aprender a lidar com todas as emoções, desde a dor e o medo até a alegria e a compaixão. Existe uma profunda conexão entre sentir e amar: *"Não podemos experimentar o amor sem a mesma capacidade de sentir a dor."* Essa é uma verdade fundamental sobre a condição humana.

A Bíblia nos ensina que a vida emocional está ligada ao coração (valores), instruindo-nos sobre a nossa capacidade de viver plenamente. Observe essas passagens:

Eclesiastes 1:18 *"Pois quanto maior a sabedoria, maior o sofrimento; e quanto maior o conhecimento, maior o desgosto."*

Salmos 34:18 *"O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido."*

Salmos 51:17 *"Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás."*

Romanos 12:15 *"Alegram-se com os que se alegram; chorem com os que choram."*

Ezequiel 36:26 *"Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne."*

Provérbios 4:23 *"Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida."*

Esses versículos nos lembram que viver com intensidade e profundidade inevitavelmente nos expõe a uma gama de emoções e que isso faz parte do plano de Deus para nós.

Os sentimentos em si não são bons ou ruins. Eles simplesmente existem como indicadores do que está acontecendo em nosso interior e ao nosso redor. Nossa preferência pode ser pelas emoções que chamamos de "boas," mas as emoções desafiadoras também têm seu propósito: elas nos ajudam a crescer, nos dão escolhas, nos conectam à realidade.

Jesus é o maior exemplo sobre como lidar com as emoções de maneira saudável. Ele expressou compaixão pelos aflitos, indignação contra os religiosos hipócritas e chorou pela dor e pelo sofrimento da humanidade. Ele demonstrou que as emoções não são obstáculos, mas parte integral de uma vida autêntica.

Uma das grandes lições de Jesus é que não devemos suprimir ou ignorar as emoções. Em nossos relacionamentos com Deus e com os outros é essencial permitir que todas as emoções existam e sejam expressas de forma saudável. Está tudo bem sentir ira, desde que ela não se transforme em pecado (Efésios 4:26). Está tudo bem chorar, *"Quando se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela."* Lucas 19:41-42. Está tudo bem rir e alegrar-se, porque esses momentos também refletem o coração de Deus.

A humanidade e as emoções de Jesus foram fundamentais para estabelecer conexões e relacionamentos marcados pela comunhão. Sua compaixão, ao chorar com os que sofrem, e Seu zelo, ao confrontar a hipocrisia, demonstraram que a vulnerabilidade e a verdade caminham juntas na construção de vínculos autênticos.

As emoções são heranças da nossa imagem e semelhança de Deus, concedidos para nos ajudar a viver de forma completa e íntegra. Elas não apenas revelam nossos valores e prioridades, mas também servem como guias que influenciam nossas escolhas e nos conectam ao coração de Deus e das pessoas ao nosso redor. Cada emoção, seja ela agradável ou desafiadora, carrega um significado que merece ser compreendido. As emoções podem ser comparadas à fumaça que sinaliza a presença de fogo. Elas são indicadores que apontam para algo mais profundo dentro de nós – nossos valores, crenças e expectativas. Quando sentimos emoções como incômodo, frustração, medo ou vergonha, elas atuam como sinais de alerta, indicando que algo em nosso interior está sendo provocado ou confrontado.

A maturidade surge quando decidimos investigar o que esses sentimentos estão revelando sobre nossos valores e crenças. Por exemplo, ao nos depararmos com sentimentos de medo ou vergonha, precisamos fazer uma busca interior para entender o que está por trás dessas emoções. Estamos valorizando algo que Deus valoriza? Ou estamos sendo guiados por valores que precisam ser transformados?

Esse processo de conhecimento deve nos conduzir a questionar nossos valores à luz das Escrituras. É nesse lugar de intimidade que Deus pode validar aquilo que é verdadeiro ou nos mostrar áreas que necessitam de conversão e renovação. As emoções, quando interpretadas corretamente, tornam-se instrumentos poderosos para o nosso crescimento espiritual, alinhando nosso coração ao de Deus e nos aproximando de uma vida mais plena e significativa uns com os outros.

Resumo sobre Valores

1. **Os valores moldam nossa vida.** Jesus mostrou que eles direcionam escolhas e refletem o que é mais importante para nós.

2. **Formação de valores e crenças tácitas.** Absorvemos valores na família e cultura, muitas vezes sem perceber como eles afetam nossa visão de mundo.
3. **A importância do coração renovado.** Deus nos promete um novo coração; esse recomeço exige crescimento e alinhamento com os Seus valores.
4. **Conflito entre mérito e graça.** Tentar ganhar aceitação de Deus pelas obras revela valores distorcidos; Cristo já fez tudo por nós.
5. **A conexão entre emoções e valores.** Bloquear emoções “negativas” impede viver a plenitude do amor e revela valores desalinhados.
6. **Exemplo de Jesus como modelo.** Suas emoções e ações mostraram compaixão e conectam as pessoas a Ele.

Aplicações

- **Examine a origem de seus valores.** Pergunte-se que crenças tácitas recebeu na família e cultura.
- **Observe como lida com emoções difíceis.** Elas sinalizam o que você valoriza e onde Deus quer trazer cura.
- **Confronte a busca de mérito e validação.** Reconheça que seu valor está em Cristo, não no que você faz.
- **Cultive relacionamentos a partir de valores bíblicos.** Viva compaixão, verdade e graça, como Jesus ensinou.
- **Faça escolhas coerentes com o Reino de Deus.** Analise onde está seu “tesouro” para alinhar prioridades a Cristo.

3 - A Defesa "Chamado a Vulnerabilidade"

A defesa é um dom dado por Deus, uma capacidade única que reflete a autoridade conferida à humanidade para dizer “não”. Desde o princípio, fomos criados para proteger aquilo que é valioso, aprendemos que a vida é sagrada e possui um valor eterno. Nossa dignidade e nossos relacionamentos também fazem parte desse tesouro que merece ser protegido. No entanto, essa habilidade de defesa carrega uma dualidade: pode ser uma ferramenta poderosa de proteção, mas, também, pode ser mal utilizada e criar grandes barreiras relacionais.

Em nossa rotina, a defesa se manifesta de forma automática em situações físicas, como ao pisar no freio instintivamente para evitar uma colisão ou ao nos abaixarmos rapidamente quando algo vem em nossa direção. Esses reflexos, que Deus nos concedeu, demonstram o valor prático e imediato deste dom em preservar nossas vidas. Contudo, quando transferimos esse mecanismo de reação para nossos relacionamentos, ele nem sempre atua de maneira saudável.

Quando nos sentimos desrespeitados, constrangidos ou com medo, tendemos a nos defender de formas que podem afastar as pessoas. O silêncio, por exemplo, é uma forma de defesa em que nos escondemos em nossas palavras não ditas. É essencial entender que a mesma defesa que nos protege também pode se transformar em um obstáculo, isolando-nos do mundo e das pessoas ao nosso redor. Neste capítulo veremos aspectos mais profundos sobre como nos relacionamos com os mecanismos de defesa.

Defesa e os Limites Familiares

A família é o primeiro ambiente onde aprendemos sobre limites e defesa. Em um lar saudável, as crianças desenvolvem um senso claro de identidade e aprendem a proteger os seus espaços físico, emocional e mental. Essa proteção envolve a capacidade de dizer “não”, uma habilidade essencial para a saúde emocional.

Por outro lado, em famílias disfuncionais, os limites são frequentemente ignorados, o que pode gerar consequências graves para o desenvolvimento emocional e relacional. Situações de abuso, manipulação e invasão de privacidade tornam-se comuns, levando à perda da identidade e à incapacidade de estabelecer autodefesa eficaz. Em tais ambientes, regras tão restritivas quanto destrutivas prevalecem, como “não fale, não sinta, não confie”, que acabam por sufocar a expressão emocional e a liberdade individual.

Dr. Bruce Litchfield, em seus estudos¹⁸ sobre aconselhamento cristão e terapia familiar, aborda isso com a ideia do “zíper”. Ele explica que, em um sistema funcional, as pessoas conseguem manter o “zíper” de seus limites controlado por dentro, ou seja, possuem autonomia para dizer “não” e preservar seu espaço pessoal. Segundo ele, “a habilidade de dizer não é fundamental para o crescimento emocional; ela permite que uma pessoa defina quem ela é e o que está disposta a permitir em sua vida, construindo relações baseadas no respeito mútuo”. Contudo, em um sistema disfuncional, o “zíper” está do lado de fora, permitindo que outros invadam seu espaço, dificultando a definição de limites claros e saudáveis.

Isso pode ser observado de maneira física, quando não há respeito pela privacidade dentro de casa. Como não bater na porta antes de entrar ou até mesmo comportamentos mais graves, como toques inadequados e avanços não consentidos que podem gerar vergonha e constrangimento. Essa falta de limites também se reflete na incapacidade de romper com relacionamentos nocivos, na tendência de assumir responsabilidades pelas emoções alheias *“Eu fiz com que eles ficassem bravos”* ou no desequilíbrio entre atender às próprias necessidades e as dos outros.

¹⁸ <https://ywam-fmi.org/news/the-remarkable-life-of-dr-bruce-litchfield/>

Lidar com essas questões é essencial para criar um ambiente familiar saudável e restaurador. Quando identificamos as situações e respeitamos as diferenças individuais, sejam elas pequenas, como preferências diárias, ou mais profundas, como visões e objetivos de vida, podemos prevenir conflitos e fortalecer as relações. Por exemplo, casais muitas vezes enfrentam desafios em relação a questões triviais, como onde comer ou quem lava a louça. Mesmo em comunidades, como durante treinamentos missionários, as diferenças no estilo de vida e nos hábitos pessoais podem gerar tensão.

No contexto missionário e comunitário em que eu vivo esses conflitos são bem evidentes. Com frequência, recebemos jovens com grande desejo de se tornar missionários, mas também com enormes desafios em relação a limites e respeito ao próximo. Muitos deles chegam com dificuldade de dizer "não", de estabelecer limites saudáveis, de respeitar os horários e de cumprir acordos. Pequenas situações do cotidiano, como respeitar a privacidade dos companheiros de quarto ou seguir as regras de convivência, acabam se transformando em fontes de conflitos. Esses são exemplos reais e contínuos que refletem o quanto as famílias cristãs estão fragmentadas e enfrentando desafios profundos na área de limites. A vida em comunidade, nesses contextos, torna-se um campo de aprendizado intenso, onde não apenas os jovens, mas todos os envolvidos, são chamados a crescer em maturidade.

Reconhecer essas diferenças e encontrar formas de harmonizá-las exige uma disposição para ouvir, comunicar e compreender. Assim, a restauração da capacidade de defesa saudável começa com a consciência de si mesmo e a valorização dos limites como um reflexo da imagem de Deus em cada um de nós.

Jesus e a Vulnerabilidade

Ao longo da história bíblica, vemos Deus demonstrando vulnerabilidade ao buscar um relacionamento com a humanidade que se rebelou contra Ele. *"Certamente ele tomou sobre si*

as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo, nós o considerávamos castigado por Deus, por ele atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados." Isaías 53:4-5

Jesus Cristo é o maior exemplo sobre vulnerabilidade. Ele tocou os intocáveis, chorou com os que sofriam e enfrentou os poderosos com coragem. Sua vida mostra um Deus onde a vulnerabilidade não é sinônimo de fraqueza, mas um ato profundo de coragem e de entendimento sobre Sua identidade. A vulnerabilidade, como vista em Jesus, é uma força que desafia os padrões da tradição, pois ela transforma a vulnerabilidade em um ato de força.

Matt Rawlins, ao refletir sobre a vida de Cristo, afirmou: *"Jesus é o ser mais vulnerável que já existiu. Ele é o único que verdadeiramente pode definir o que significa vulnerabilidade"*. Essa vulnerabilidade esteve em evidência em seus relacionamentos, que não eram superficiais nem desprovidos de desafios. Ele se cercava de pessoas comuns e imperfeitas, permitindo-se ser tocado por elas e compartilhando suas emoções. Jesus comeu com pecadores, desafiando as normas sociais que separavam os "puros" dos "impuros". Ele permitiu que uma mulher lavasse seus pés com lágrimas, ignorando os julgamentos alheios e demonstrando que valores sociais não definiram quem Ele era. Jesus tocou os pobres e doentes, mostrando que ninguém era tão fraco ou marginalizado que não pudesse ser alcançado por Seu amor.

Ele também revelou a hipocrisia daqueles que supostamente representavam Deus, permanecendo firme em seus valores e em seu coração moldado pelo Pai. Jesus chorou por aqueles que sofriam, demonstrando uma compaixão que não tinha vergonha de expor emoções genuínas. Ele enfrentou a religião vazia, denunciando aqueles que usavam as Escrituras para se esconderem de sua própria falta de compromisso.

Seus ensinamentos eram acessíveis, recheados de histórias do cotidiano, como as relacionadas à vida no campo. Ele falava de maneira que qualquer pessoa pudesse compreender, porque conhecia profundamente as necessidades e realidades de seus ouvintes. Ele era aberto em seus relacionamentos com os discípulos, permitindo que o questionassem sem temer repreensões injustas. Ao se mostrar vulnerável, Ele não apenas se conectava, mas também inspirava aqueles ao seu redor a não temerem sua própria fragilidade, Jesus era livre, controle não fazia parte da sua agenda.

Nossa Nudez

"E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam." Gênesis 2:25

Essa é a imagem do estado original da humanidade: vulnerável. A nudez de Adão e Eva, não era sinônimo de medo ou vergonha, ela simbolizava a transparência e a confiança que tinham um no outro e em Deus. Este sempre foi o alvo da criação divina, o lugar onde Deus deseja nos trazer de volta. Entretanto, após a entrada do pecado no mundo, essa vulnerabilidade foi substituída por vergonha e medo, resultando em um distanciamento tanto de Deus quanto dos outros. O resultado primário do pecado foi o afastamento devido a vergonha, o mecanismo de defesa foi acionado e assim como fazemos hoje, Adão e Eva se esconderam da presença de Deus.

Quando Adão e Eva pecaram, sua percepção mudou imediatamente. Eles se viram nus e, pela primeira vez, sentiram vergonha. Gênesis 3:7-13 descreve como tentaram cobrir sua nudez com folhas de figueira e se esconderam de Deus. O medo tornou-se parte de sua experiência, e a defesa passou a ser um mecanismo de proteção contra a exposição de suas falhas.

Essa narrativa revela um padrão que se repete em nossos relacionamentos hoje. Quando somos confrontados com nossas falhas, nossa tendência natural é nos defender e apontar a

culpa para os outros. Adão culpou Eva e, indiretamente, a Deus: "A mulher que me deste". Eva, por sua vez, culpou a serpente. Esse ciclo de transferência de culpa é uma forma de nos protegermos do desconforto de admitir nossos fracassos. Eu fico imaginando como seria esse diálogo se o homem ou a mulher tivessem admitido que em primeiro lugar pecaram, ao invés de transferir a responsabilidade para Deus.

Esse comportamento ainda é evidente em muitas áreas de nossas vidas. Como, por exemplo, no casamento. É comum que, ao ser confrontado por algo que fez, o cônjuge procure imediatamente justificar as suas ações ou apontar as falhas do outro. Quando minha esposa me chama a atenção sobre algo, minha tendência natural é me defender, muitas vezes desviando o foco para outra questão, apontando seus defeitos e coisas que já aconteceram no passado. Esse reflexo reativo é uma repetição do comportamento de Adão e Eva, mostrando como o pecado impacta nossos relacionamentos.

A cruz de Cristo oferece uma reconexão com essa condição perdida, nos convidando a abandonar o ciclo de culpa e defesa para abraçar uma vida de arrependimento e reconciliação. Em Cristo, encontramos a coragem para sermos honestos sobre nossas falhas e a graça para construir relacionamentos fundamentados no perdão e na verdade. Assim, o processo de restauração da humanidade nos desafia a substituir a vergonha pelo amor incondicional, refletindo a imagem de Deus em nossas interações. C.S. Lewis, em *Os Quatro Amores*, faz uma profunda crítica ao nosso desejo de viver dentro dos mecanismos de defesa: *"Amar é sempre ser vulnerável. Ame qualquer coisa e certamente seu coração vai doer e talvez se partir. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, você não deve entregá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em seus hobbies e pequenos luxos, evite qualquer envolvimento, guarde-o na segurança do caixão de seu egoísmo. Mas nesse caixão – seguro, sem movimento, sem ar - ele vai mudar. Ele não vai se partir – vai tornar-se*

indestrutível, impenetrável, irredimível. A alternativa a uma tragédia ou pelo menos ao risco de uma tragédia é a condenação. O único lugar além do céu onde se pode estar perfeitamente a salvo de todos os riscos e perturbações do amor é o inferno¹⁹."

Defesa e Vulnerabilidade

Ao longo da vida, somos constantemente confrontados pela tensão entre a necessidade de nos defender e a importância de sermos vulneráveis. Este equilíbrio é delicado e, muitas vezes, desafiador. Quais são os momentos certos para baixarmos nossas defesas e nos permitirmos ser vulneráveis? E como essa escolha impacta nossa capacidade de aprender, de nos relacionar e de nos curar?

Aprender exige humildade. Para abraçar o novo, precisamos admitir que não sabemos algo, reconhecendo uma lacuna em nosso conhecimento ou habilidade. Este é um ato de vulnerabilidade. Estudos sobre neurociência e Psicologia da aprendizagem mostram que o aprendizado é mais eficaz em ambientes onde nos sentimos seguros para cometer erros.

O medo de errar, que frequentemente está atrelado à defesa, bloqueia nossa criatividade e limita nossa capacidade de absorver informações. Isso é especialmente evidente na aprendizagem de novos idiomas, onde a vergonha de cometer erros impede avanços significativos do aprendizado. Eu experimento isso em nossas comunidades missionárias. Percebo que as pessoas que não têm medo de falar errado e se expõem com maior facilidade são as que aprendem novos idiomas com maior velocidade. Por outro lado, as pessoas tímidas e que são lideradas pela vergonha se fecham em suas "ostras" com o medo de errar. Obviamente, elas são as que não falam outro idioma ou demorarão muito tempo para esboçar as primeiras palavras.

¹⁹ LEWIS, C.S. Os Quatro Amores. São Paulo: Editora Vida, 2010, p. 121

Minha história com o aprendizado do inglês foi na cara e na coragem. Eu queria muito fazer a Escola de Comunicação da Universidade das Nações. Anos atrás, Deus tinha me desafiado para discipular pessoas nessa área. Além disso, eu tinha em mente que deveria usar o que aprendesse na comunidade da JOCUM onde eu trabalhava, implantando esse treinamento. Mas o desafio era enorme: essa escola não existia no Brasil e só era oferecida em inglês. Depois de um longo processo de preparação, Nathy e eu reunimos uma equipe da nossa base e em setembro de 2015 partimos para a JOCUM de Hurlach, na Alemanha. Ir até lá já foi um passo de fé gigante, mas fazer a escola toda em inglês era um desafio ainda maior. Eu sabia pouco do idioma. Anos atrás eu fiz uma escola de verão de inglês de 21 dias; esse era o máximo que eu sabia e tinha consciência de que isso não era suficiente para ir bem na escola. Aqueles meses foram intensos e bem puxados, mas me comprometi a conversar com as pessoas todo dia: no café, no almoço, no futebol, em qualquer oportunidade. Fui deixando a vergonha de lado e me joguei de cabeça nessa imersão, falando sem medo de errar. Depois de um mês, tudo começou a fluir melhor; eu já estava mais tranquilo com o idioma e acompanhando bem as aulas. Sei que, além da coragem, Deus foi muito gracioso comigo e não posso deixar de reconhecer o toque divino nessa experiência. Então, para quem quer aprender um idioma novo, meu conselho é simples: falem! Conversem sem medo, se arrisquem e tenham a simplicidade de uma criança, que não liga pro que os outros vão pensar enquanto está aprendendo. Para mim, esse foi o segredo de aprender. O tempo passou e hoje sei que isso está totalmente ligado à vulnerabilidade, que é um dos ingredientes principais para aprendermos.

A habilidade de superar essa barreira do aprendizado requer coragem e um ambiente saudável que viabilize aprendizado através da confiança. Quando nos permitimos ser vulneráveis, criamos espaço para questionar, explorar e crescer.

Ser vulnerável não significa expor tudo de forma imprudente, para isso precisamos definir melhor o significado de intimidade. Essa é uma escolha que está dentro da autoridade de cada indivíduo e que de forma alguma pode ser forçada. Ela se constrói lentamente, com base em confiança e reciprocidade. Para termos intimidade com alguém, é necessário que passos de vulnerabilidade sejam dados gradualmente, permitindo que a outra pessoa conquiste espaço em nossas vidas.

O verdadeiro relacionamento é uma escolha, assim como os níveis de intimidade que desejamos ter com as pessoas. Qualquer tipo de relacionamento forçado é um abuso e uma violação da autoridade do indivíduo. Assim como a relação de um casal representa o ápice da intimidade humana e não pode ser comparada a nenhuma outra, a intimidade que tenho com minha esposa é reservada somente a nós dois, e isso é sagrado. No entanto, sei que terei outros níveis de intimidade com meus filhos, familiares, amigos, líderes e colegas de trabalho. Cada uma dessas instâncias representa um tipo diferente de relacionamento e intimidade, construído com base em passos graduais de vulnerabilidade.

Existem níveis de intimidade que variam de acordo com o grau de confiança e conexão estabelecido. Inicialmente, compartilhamos aspectos superficiais, como gostos e hobbies. À medida que a relação se aprofunda, nos sentimos mais seguros para revelar aspectos pessoais, como medos, sonhos e dificuldades. Esses níveis não apenas protegem nossa saúde emocional, mas também servem como filtros naturais para determinar quem merece estar nos círculos mais próximos da nossa vida. Em ambientes onde muitas pessoas buscam restauração, é comum que algumas, mesmo sem conhecer bem umas às outras, acabem compartilhando suas vidas e privacidade logo nas primeiras conversas. Esses comportamentos me levam a pensar que tais pessoas ainda não aprenderam a se amar. Elas não conhecem as pessoas para quem estão contando algo tão sensível, tampouco sabem se

suas histórias serão respeitadas, justamente por desconhecerem a maturidade de quem as está ouvindo.

Dar passos de vulnerabilidade é sempre um risco, mas quando feito com discernimento, permite o crescimento de conexões significativas. É importante observar a resposta das pessoas ao nosso compartilhamento. Aqueles que demonstram compaixão, respeito e consistência em seus atos são mais propensos a merecer esse espaço de intimidade. Por outro lado, forçar intimidade ou compartilhar sem uma base mínima de confiança pode resultar em mágoas e desentendimentos.

Nenhum relacionamento profundo é formado sem a vulnerabilidade. É somente ao nos despirmos de nossas defesas que permitimos que outros vejam quem realmente somos. A questão é: como confiar novamente, especialmente em um mundo onde fomos marcados por rejeições e traições?

As defesas que construímos ao longo da vida são, muitas vezes, respostas naturais ao medo e à vergonha. A dor da rejeição nos ensina a erguer muros protetores, mas esses muros também nos isolam.

É importante reconhecer que essas defesas nem sempre nos protegem. Pelo contrário, podem se tornar prisões emocionais que nos impedem de experimentar relacionamentos saudáveis. Ao escondermos nossos medos, reforçamos a ideia de que não somos dignos de amor ou compreensão, perpetuando um ciclo de solidão e desconfiança.

Existem pessoas que se tornam especialistas em defesa, mascarando emoções, evitando conflitos e criando uma ilusão de invulnerabilidade. Embora isso possa parecer uma estratégia eficaz a curto prazo, a longo prazo, a falta de vulnerabilidade pode corroer a capacidade de construir relacionamentos saudáveis.

A rejeição é uma das experiências emocionais mais dolorosas que podemos enfrentar. Ela nos faz questionar nosso valor e nos leva a temer a exposição. Então, como ser vulneráveis em um mundo que muitas vezes parece implacável? A resposta está em reconhecer que a vulnerabilidade é um ato de coragem, não de fraqueza. Enfrentar o medo da rejeição significa lembrar que o valor de quem somos não está condicionado à aceitação alheia. É também essencial encontrar espaços e pessoas que cultivem uma cultura de maturidade e sabedoria, onde a vulnerabilidade seja recebida com respeito e apoio.

O caminho para equilibrar defesa e vulnerabilidade é gradual. Começa com pequenos passos: compartilhar algo pessoal com alguém de confiança, admitir uma fraqueza, pedir ajuda. Cada ato de vulnerabilidade é uma declaração de que estamos dispostos a viver plenamente, apesar dos riscos.

Lembre-se: relacionamentos saudáveis são uma chave poderosa para a cura. Eles nos ajudam a reconstruir a confiança, a superar medos e a redescobrir o valor de sermos verdadeiros. Na tensão entre defesa e vulnerabilidade, encontramos a oportunidade de crescer e nos conectar de maneira mais significativa com os outros e com nós mesmos.

Os Sinais da Defesa

A defesa emocional é uma resposta natural para proteger nossa imagem, nossos sentimentos e nossas vulnerabilidades. No entanto, quando essas defesas se tornam predominantes, elas nos isolam e prejudicam nossas relações, bem como nossa capacidade de crescer e nos conectar verdadeiramente com os outros. Como o salmista escreveu: "Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha o meu coração e a minha mente" (Salmos 26:2). Esse exame interno nos ajuda a identificar esses sinais e abrir espaço para relações mais saudáveis e

significativas. Eis alguns sinais relacionados à defesa que os nossos comportamentos denunciam:

Não falar sobre seus planos, algumas pessoas evitam compartilhar seus planos, agendas ou propósitos. Essa atitude geralmente está relacionada ao medo de críticas ou rejeições. Elas pensam: *"Se eu revelar o que realmente quero fazer, posso ser parado, corrigido ou rejeitado"*. Essa postura é uma barreira, pois cria distância entre o que somos e o que mostramos ao mundo, as pessoas que nos seguem agem com distância e desconfiança.

Não falar sobre suas emoções, esse é outro sinal comum é a dificuldade de expressar emoções. Por medo de parecer frágil ou vulnerável, evitamos abrir nosso coração para os outros. Essa negação emocional pode nos levar a uma sensação de isolamento e solidão, mesmo quando estamos rodeados de pessoas.

Não perder nunca. Para alguns, a vida é uma competição constante, onde perder é sinônimo de fraqueza. A vulnerabilidade, por sua vez, é vista como uma ameaça ao status. Esse comportamento nos impede de aprender com nossos erros e de construir relações baseadas na humildade e no respeito. Pessoalmente, consigo perceber o quão alta é a minha competitividade. Tanto que, ao enfrentar derrotas, frequentemente reflito sobre os gatilhos do medo e da vergonha. Eu entendo que essa mentalidade não deve ser alimentada, tomo cuidado com isso, pois implica na motivação errada ao competir por algo. Somos chamados a ser excelentes até mesmo no fracasso, reconhecendo que a vulnerabilidade diante da perda é também um caminho para o crescimento e maturidade. É tolice achar que sempre vamos ganhar, isso nos levará a uma frustração ainda maior.

Criar suportes racionais para justificar ações é outro sinal relacionado à defesa. Embora sutil, esse mecanismo é poderoso, funcionando através da tendência de racionalizar as ações e esconder os sentimentos por trás de justificativas lógicas. Essa postura é frequentemente

acompanhada pela ideia de que "é do meu jeito ou nada". Ao evitar outros pontos de vista e minimizar as emoções, bloqueamos o diálogo e o crescimento pessoal. Esse é o ingrediente predominante no controle, impor as justificativas e ações na base da imposição e do medo.

Sinais de como a defesa muda os domínios da vida

Quando nossas defesas dominam, elas impactam diferentes áreas da vida, transformando o significado original dessas experiências em algo superficial ou mecânico:

- **O amor se torna sexo:** O amor deixa de ser uma conexão de profunda intimidade e se reduz a um ato físico sem comprometimento.
- **O casamento se torna uma troca:** A união sagrada passa a ser vista como uma transação de interesses, não mais como uma aliança e pacto.
- **A vocação se torna um trabalho:** O chamado se transforma em apenas um meio de subsistência.
- **As escolas se tornam testes de memória:** O aprendizado é reduzido à decoração de conteúdo sem nenhuma compreensão significativa.
- **As igrejas se tornam religião:** Comunidade e relação com Deus são substituídas por ritualismo e dogmas.
- **A comunicação serve a uma agenda de controle:** Em vez de conectar pessoas, a comunicação é usada para manipular uns aos outros.
- **Os governos se tornam burocracias:** A liderança é distorcida para servir aos interesses de poucos em vez do bem comum.

Superar essas distorções começa com a vulnerabilidade. Servir sem controle exige um coração humilde e disposto a colocar os outros acima de nossas próprias inseguranças. A verdadeira liderança é baseada no exemplo de Cristo que, sendo Senhor de tudo, escolheu

servir. Ele nos ensina que o amor, a vocação e as relações devem ser vividos com integridade e verdade, sem as barreiras da defesa.

Reconhecer os sinais de defesa e suas consequências é o primeiro passo para uma vida mais autêntica e conectada. Nossa capacidade de escolher, de abrir espaço para a vulnerabilidade e construir relações genuínas, é uma expressão criativa do fato de sermos feitos à imagem de Deus. Essa capacidade não apenas reflete nossa natureza divina, mas também está intimamente ligada às nossas defesas. O foco deste estudo sobre vulnerabilidade e defesa é refletir sobre como essas escolhas moldam a capacidade de criar intimidade. Assim como Deus nos convida a um relacionamento profundo e verdadeiro com Ele, somos chamados a permitir que essa mesma intimidade guie nossas interações com os outros.

Resumo:

1. **Defesa como dom de Deus:** A capacidade de defesa é a autoridade conferida por Deus, permitindo-nos proteger o que é sagrado, mas também podendo se transformar em barreiras que afastam as pessoas e dificultam relacionamentos saudáveis.
2. **Família como espaço de aprendizado:** Em lares saudáveis, aprendemos a estabelecer limites claros, principalmente a capacidade de dizer não. Famílias disfuncionais, podem gerar traumas que dificultam a construção de defesas adequadas e relações maduras.
3. **Jesus como exemplo de vulnerabilidade:** Ele demonstrou que a verdadeira força está em ser vulnerável. Sua vida reflete coragem ao tocar os marginalizados, confrontar a religiosidade e conectar-se profundamente com as pessoas.
4. **A tensão entre defesa e vulnerabilidade:** Existe tensão adequada ao buscar o equilíbrio entre defender-se e permitir-se ser vulnerável é essencial para o

aprendizado, o crescimento e a cura. Essa escolha molda a qualidade de nossos relacionamentos e nossa capacidade de confiar.

5. **Impacto da defesa na vida:** Quando dominada pela defesa, áreas fundamentais, como amor, vocação e comunicação, perdem seu significado, tornando-se mecânicas ou superficiais.

Aplicações:

1. Reflita sobre como você utiliza suas defesas. Elas estão protegendo o que é valioso ou criando barreiras desnecessárias nos seus relacionamentos? Busque equilíbrio e peça a Deus sabedoria para discernir entre defesa saudável e isolamento.
2. Cultive a vulnerabilidade como um ato de coragem. Compartilhe gradualmente suas emoções e experiências com pessoas de confiança, permitindo-se construir relações mais autênticas e profundas.
3. Inspire-se no exemplo de Jesus, que demonstrou força na vulnerabilidade e na conexão genuína com os outros. Busque seguir Seu modelo de amar e servir sem medo de rejeição.
4. Avalie os sinais de defesa em sua vida, como dificuldade em compartilhar planos ou emoções; e comprometa-se a superá-los com a ajuda de Deus. Permita que a graça divina o guie na construção de relacionamentos baseados na verdade e na confiança.
5. Encare a rejeição como uma oportunidade de crescimento e lembre-se de que seu valor não depende da aceitação alheia. Abrace os riscos de amar e ser vulnerável, confiando na força e no amor incondicional de Deus.

4 - Linguagem: Chamado ao Significado

"A vida é definida pela qualidade de nossos relacionamentos. Nossos relacionamentos são definidos pela nossa comunicação." - Matt Rawlins²⁰

Nossa comunicação é mais do que palavras: é a expressão do que está em nosso coração. Pense, por exemplo, em como uma palavra de encorajamento pode transformar o dia de alguém ou como um pedido de desculpas pode restaurar um relacionamento rompido. Quando falamos, colocamos em movimento o poder criativo que Deus colocou em nós como seres feitos à Sua imagem.

As palavras não são apenas símbolos, códigos ou sons. Elas têm significado e impacto. Quando Deus criou o mundo, Ele o fez por meio de palavras: "Haja luz" (Gênesis 1:3). Assim como as palavras de Deus trazem à existência o que não existia, as nossas palavras, embora de maneira limitada, têm poder criativo ou destrutivo. Elas podem curar ou ferir, aproximar ou afastar, encorajar ou desanimar.

Deus nos designou para dar significado às coisas e cocriar com Ele através da palavra. Assim como Adão recebeu a tarefa de nomear os animais (Gênesis 2:19-20), nossas palavras refletem a responsabilidade de trazer ordem e propósito à criação. Essa parceria com Deus no uso das palavras não é apenas um ato de comunicação, mas também uma forma de expressar o chamado divino para transformar e edificar o mundo ao nosso redor.

Na cultura hebraica, o poder das palavras era evidente na prática de nomear os filhos, um ato carregado de significado espiritual e profético. Nomes como Josué ("O Senhor é salvação") ou Samuel ("Ouvido por Deus") indicam o destino e a identidade que os pais desejavam comunicar a seus filhos. Como comenta Darrow Miller em seu livro "LifeWork: *"O ato de*

²⁰ Matt Rawlins, *Walking Naked into the Land of Uncertainty*, cap. "Key 3 - The Power of Words", pág. 92.

nomear não era apenas funcional, mas um reflexo da visão hebraica de que as palavras e os nomes tinham o poder de moldar realidades espirituais e sociais.”²¹

Muitos versículos das Escrituras falam sobre o poder das palavras. Um exemplo é Provérbios 18:20-21, que nos lembra: *"Do fruto da boca [palavras, comunicação] o coração se farta; a língua faz todo o corpo responsável pelas consequências de suas palavras! A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte; os que a usam habilmente serão recompensados."*

O poder das palavras é tão evidente que podemos observá-lo no grande avanço tecnológico, motivados por uma rebelião em Gênesis 11, que nos conta a história da Torre de Babel. Toda a humanidade compartilhava de uma língua comum, a comunicação clara e eles trabalhavam juntos de maneira incrível, mas foram presunçosos e desafiaram a Deus. A resposta de Deus foi confundir os códigos das linguagens e dispersá-los, provando que podemos gerar vida ou morte por meio do uso da nossa habilidade de linguagem. Aprendemos que a comunicação é uma ferramenta poderosa, que pode ser usada para grandes feitos, mas também deve ser submetida à vontade divina.

Autoridade Representada por Jesus

Jesus é chamado a Palavra de Deus, a expressão viva do Seu caráter, beleza e autoridade. Situações como o do encontro com a mulher samaritana no poço ou do perdão para a mulher apanhada em adultério demonstram que Suas palavras eram usadas para revelar verdades profundas sobre a vida, oferecendo graça redentora, eram palavras usadas para corrigir, mas também para libertar. Jesus sempre comunicou com amor e verdade, alcançando tanto o coração quanto a mente. A comunicação começa Nele e segue por toda a Eternidade. Jesus sendo a Palavra manifesta perfeitamente esse atributo. Sua vida e ensinamentos revelam o poder transformador da comunicação.

²¹ Darrow Miller, *LifeWork: A Biblical Theology for What You Do Every Day*, Harvest Foundation, 2009

Em seu ministério, Jesus confrontou primariamente a maneira como as pessoas se comunicavam. Jesus estava em busca da verdade nas atitudes e no coração das pessoas. Tanto que em Lucas 6:46-49 Ele alerta sobre palavras desconectadas do coração, comparando-as com uma casa sem fundação:

"Por que vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo? Eu lhes mostrarei a que se compara aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica. É como um homem que, ao construir uma casa, cavou fundo e colocou os alicerces na rocha. Quando veio a inundação, a torrente deu contra aquela casa, mas não a conseguiu abalar, porque estava bem construída. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica, é como um homem que construiu uma casa sobre o chão, sem alicerces. No momento em que a torrente deu contra aquela casa, ela caiu, e a sua destruição foi completa."

Jesus lidou fortemente com os religiosos de sua época e os chamou de hipócritas em passagens como Mateus 15 e Marcos 7, denunciando como eles alteravam a Lei conforme suas tradições. Isso evidencia o perigo da manipulação e da falta de integridade na comunicação.

Quando tentado no deserto, Jesus respondeu a Satanás: *"Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus"* (Mateus 4:4). Ele destaca que a vida verdadeira vem do significado e valor que Deus nos dá através de Sua Palavra.

Além disso, Jesus era profundamente comprometido com a verdade, comunicando-se com uma linguagem que fluía do coração. Não havia espaço para hipocrisia em Suas palavras; elas sempre refletiam sinceridade e alinhamento com a vontade do Pai. Seu exemplo nos ensina que a comunicação autêntica é um reflexo direto de um coração íntegro e uma vida fundamentada na verdade divina.

Jocum e o nosso chamado de comunicar com integridade

Ao escrever sobre a integridade da comunicação não posso deixar de trazer uma análise sobre um dos valores da JOCUM que aborda diretamente esse princípio bíblico. O valor "Comunicando com Integridade", que afirma: *"JOCUM acredita que tudo existe porque Deus se comunica. Portanto, somos comprometidos com uma comunicação verdadeira, precisa, oportuna e relevante"*. Te convido a pensar sobre cada uma dessas afirmações, expondo abaixo o que considero ser uma forma de internalizar esse valor sobre a integridade e a verdade:

- **Tudo existe porque Deus se comunica.** Como descrito no início do livro, a comunicação é como o sistema nervoso do Reino de Deus; tudo funciona através dela, a comunicação é um ato espiritual que começa em Deus e segue por toda a eternidade. A soberania integral da comunicação é a essência da natureza e caráter de Deus e Ele.
- **Comunicar com integridade.** A comunicação deve ser livre de alterações ou mentiras, refletindo a verdade como foi idealizada pelo Criador. "A verdade vos libertará" (João 8:32) é o princípio que guia a comunicação autêntica e transformadora. Em um mundo marcado pela era da pós-verdade, em que narrativas manipuladas frequentemente substituem os fatos, o compromisso com a verdade torna-se ainda mais essencial. A verdade é o alicerce de uma sociedade saudável e de uma vida autêntica em Deus. Quando a verdade é comprometida, a confiança se desfaz, e as relações humanas e institucionais colapsam. É papel dos cristãos, especialmente no contexto missionário, defender a verdade com coragem e graça, usando uma linguagem que reflete não apenas precisão, mas também integridade moral. Ao rejeitar a manipulação e a distorção, somos chamados a ser faróis de luz,

comunicando a realidade divina em um mundo que frequentemente prefere as sombras.

- **Comunicação oportuna e relevante.** Em tempos de avanço tecnológico, a Igreja não pode perder as oportunidades que tem para discipular e influenciar a sua geração. A comunicação do Reino deve ser intencional, marcando nossa época com princípios bíblicos.

Assim como os sinos das igrejas, que por séculos anunciaram eventos importantes às comunidades, como o fim de uma guerra, emergências, casamentos ou tempos de paz, a Igreja foi chamada a ser uma trombeta profética na sociedade. *"Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?"* (1 Coríntios 14:8). Essa capacidade de comunicar claramente com relevância profética para com a cidade é essencial para a missão da igreja. Historicamente, tanto a Igreja católica a partir dos anos 400 quanto os reformadores protestantes a partir dos anos 1500 usaram a comunicação em massa para engajar comunidades. Entretanto, o risco de perder essa voz profética está presente. Quando a Igreja “retira seu sino”, perde também a habilidade de preparar as pessoas para as adversidades e responder aos desafios de tempos incertos. Hoje, em muitos aspectos, falta um "som claro" que mobilize e inspire a sociedade como um sentinela nas muralhas, anunciando com coragem e fidelidade a mensagem do Reino.

- **Comunicação e relacionamento.** A verdadeira comunicação é o significado de relacionamentos. Relacionar-se é essencial para construir comunidades baseadas no amor e no respeito. A essência da comunicação não está nas ferramentas, mas nas relações. Como nos relacionamos com Deus, conosco mesmos, com o próximo e com a criação de Deus define a qualidade de nossas vidas. Quando essas relações são

fundadas na verdade e na graça, nossa linguagem se torna um reflexo do Reino de Deus e um meio poderoso de transformação no mundo.

Reflexões sobre o funcionamento da linguagem

Desde a criação, a linguagem está entrelaçada com o sopro de Deus. Em Gênesis, vemos que Deus soprou em Adão o fôlego de vida, concedendo ao homem não apenas existência, mas também a habilidade de falar. Nossas palavras carregam o "sopro divino", uma evidência da vida de Deus em nós. Sem esse sopro não há vida e, sem vida, não há palavras.

Adão foi criado com a missão de dar nome aos animais e isso não era apenas funcional, mas repleto de significado espiritual. Nomear é um ato de relacionamento, reconhecimento e atribuição de propósito. Ao trabalhar com a verdade, damos sentido à criação e colaboramos com Deus, essa é a vocação do homem de cocriar com Deus. A linguagem, portanto, é um meio de exercer nosso papel de mordomos da criação.

Devido à queda da humanidade aprendemos a nos escondemos no lugar mais fácil, em nossa própria linguagem, nas palavras que escolhemos expressar nosso coração. Usamos palavras para justificar nossas fraquezas, esconder nossas vulnerabilidades ou manipular a percepção dos outros. Observe como facilmente rotulamos as pessoas para nos sentirmos protegidos das situações:

- Quando alguém briga, dizemos que essa pessoa é "sem controle"; quando brigamos, justificamos como "defesa da nossa reputação".
- Quando alguém não faz algo, o rotulamos de "preguiçoso"; mas quando nós não fazemos, afirmamos estar "ocupados".
- Quando alguém tem sucesso, chamamos de "sorte"; quando nós temos sucesso, atribuímos ao "esforço".

- Quando alguém demora para fazer algo, dizemos que é "lento"; quando nós demoramos, nos definimos como "detalhistas" ou "pessoas de processo".

Quais outros rótulos usamos para mascarar nossa verdadeira natureza? Vivemos em uma era onde queremos ser vistos não como somos, mas como gostaríamos de ser percebidos. Ou, melhor dizendo, como queremos ser validados e aceitos. Como Sherry Turkle explora em seu TED Talk "Connected, but alone?" com mais de 8 milhões de visualizações, onde ela com tamanha lucidez diz que: Ao utilizarmos as redes sociais para ajustar nossa comunicação "nem demais, nem de menos, apenas o suficiente", para apresentar uma versão idealizada de nós mesmos. Esse fenômeno, que ela chama de "edição de si mesmo", nos permite esconder nossas imperfeições, moldar nossas interações e evitar a vulnerabilidade. Criamos um "eu" cuidadosamente projetado para consumir e ser consumido nas plataformas digitais, mas que muitas vezes não reflete quem realmente somos. Em nossas palavras e comunicação, manipulamos para fingir ser o que não somos, sacrificando conexões reais em troca de aprovação superficial.

A cultura pós-moderna reforça a ideia de que "podemos ser o que quisermos" e, muitas vezes, isso acaba refletindo em nossa linguagem. A banda Resgate compôs uma música muito pontual sobre o tema chamada "Genérica," que critica a superficialidade e a falta de autenticidade que permeiam nossas interações. De maneira semelhante, a era do marketing erroneamente nos ensina a apresentar apenas o que é atraente, suprimindo a verdade. É só você ir ao mercado e ver a quantidade de embalagens atraentes, não pelo senso estético, mas para esconder os danos que o conteúdo pode causar à nossa saúde. É a indústria simplesmente querendo vender os seus itens na prateleira, sem nenhum compromisso com a verdade. Esse comportamento é visível tanto em nossa vida pessoal quanto em movimentos políticos, onde discursos são moldados para atender ao sistema de marketing e à aprovação das massas.

Como cristãos, precisamos lutar contra essa tendência e buscar uma comunicação que não apenas revele a verdade, mas também reflita nossa identidade em Cristo, marcada pela integridade e transparência.

Como Melhorar Nossa Linguagem diante dos conflitos

Traga significado em suas palavras, essa é a essência da linguagem e da comunicação. Se queremos realmente entender algo ou nos fazer entendidos, precisamos buscar o significado das coisas. Na dúvida faça perguntas para compreender o que está sendo dito, indo além das palavras superficiais.

Saia da generalização, nossa mente tende naturalmente a generalizar para simplificar as coisas. Isso pode ser útil em certos contextos, mas se torna um problema ao lidar com conflitos ou questões complexas. Para melhorar, seja claro e específico em suas palavras. Ao dar feedback, clarifique sua intenção e baseie-se em fatos.

Cuidado com o controle, frequentemente omitimos informações para tentar manter o controle de uma conversa, compartilhando apenas o que consideramos conveniente. Essa prática pode criar barreiras na comunicação. Identifique as informações relevantes que você está deixando de fora e pergunte a si mesmo se são cruciais para a compreensão do outro.

A manipulação das palavras, para ajustar narrativas é um comportamento comum e prejudicial. Reconheça suas suposições e motivações e seja honesto ao apresentar suas ideias, sem torcer os fatos para se encaixar em seu ponto de vista.

Resumo

1. **A linguagem é um dom divino:** Deus nos criou para comunicar, refletindo Seu caráter e poder criativo. Nossas palavras carregam o poder.

2. **A linguagem e o significado:** As palavras têm o poder de organizar e dar propósito à criação, como demonstrado no papel de Adão como cocriador.
3. **Jesus como a Palavra viva:** Jesus exemplificou a comunicação perfeita, alinhada à verdade, graça e integridade. Suas palavras e ações fluíam do coração e da vontade do Pai.
4. **Nos protegemos na nossa linguagem:** Aprendemos a rotular e manipular diálogos como uma defesa contra a verdade, ocultando quem realmente somos.
5. **Impacto da comunicação na vida:** Palavras vazias e desconectadas da verdade enfraquecem relacionamentos. Se você quer melhorar as suas relações então escolha melhor as palavras para descrever o seu coração.

Aplicações

- **Refleta sobre o propósito de suas palavras:** Pergunte-se se sua comunicação reflete os valores de Deus ou serve a interesses egoístas. Busque alinhar suas palavras com a verdade.
- **Trabalhe para melhorar sua integridade:** Avalie se existe coerência entre o que você diz e o que faz. Siga o exemplo de Jesus, cuja vida e palavras eram perfeitamente alinhadas.
- **Use a linguagem para edificar:** Empregue suas palavras para encorajar, curar e construir relacionamentos saudáveis, rejeitando manipulações ou distorções que sirvam a propósitos egoístas.
- **Exercite a escuta:** Lembre-se de que a comunicação também envolve ouvir. Esteja disposto a compreender antes de ser compreendido.

- **Permita que a graça de Deus molde sua comunicação:** Ore pedindo sabedoria para usar suas palavras como instrumentos de paz e reconciliação, refletindo o amor de Cristo em todas as suas interações.

5 - Perguntas

Podemos estar perdidos em algum lugar no mapa de nossas vidas. Como nos sentimos quando não sabemos a resposta para algo? Ou melhor, como reagimos quando percebemos que simplesmente *não sabemos*? Há uma vulnerabilidade intrínseca nesse momento, mas também um potencial incrível. É nesse espaço que a oportunidade de fazer perguntas emerge como um presente.

Nos relacionamentos, essa habilidade parece, por vezes, esquecida. Quando paramos de fazer perguntas? Por que nos fechamos? Talvez por medo de parecer fracos ou desinformados. Talvez porque, em algum momento, fomos ensinados que a ignorância é algo a ser evitado a todo custo. No entanto, a ignorância pode ser uma porta para algo muito maior: a conexão, o aprendizado e o crescimento.

Tudo bem não saber as coisas. Tudo bem não entender algo. Quando aceitamos isso, damos espaço para fazer perguntas. E perguntas, em sua essência, carregam o poder de transformar nossos relacionamentos e até mesmo nossas vidas.

Desde o princípio, Deus nos mostra a habilidade de fazer perguntas. Mas por que Deus, o único que não precisa de respostas, escolhe fazer perguntas constantemente? Não é fascinante que o Criador de tudo, que conhece cada pensamento e cada canto de nossas almas, ainda assim pergunte?

"Onde você está?" Essa pergunta ecoa no Jardim do Éden, logo após a queda de Adão e Eva (Gênesis 3:9). Essa é uma das perguntas mais fundamentais que podemos ouvir e responder ao longo de nossas vidas. Mas por que ela é tão essencial?

Essa pergunta revela nosso coração: Quando Deus faz essa pergunta, Ele não busca informação. Em vez disso, Ele nos convida a olharmos para dentro e confrontarmos onde realmente estamos emocional, espiritual e relacionalmente. Essa introspecção é um convite para a honestidade consigo mesmo e com Deus.

Essa pergunta pode ser nossa bússola: Ela nos dá um ponto de partida, um momento de pausa para refletir sobre nossa posição atual. Afinal, para qualquer jornada significativa, precisamos primeiro saber onde estamos antes de determinar para onde ir. Assim, essa pergunta nos ajuda a traçar um caminho claro em meio às incertezas.

Essa pergunta gera tensão: Confrontar nossa realidade muitas vezes nos causa desconforto. Essa tensão, no entanto, é o solo fértil onde o crescimento e a transformação começam a florescer. Aceitar essa tensão é abraçar a possibilidade de mudança.

Essa pergunta nos convida a ir profundo dentro de nosso ser: Mais do que buscar respostas rápidas ou superficiais, ela nos desafia a reconhecer nossos medos mais profundos, nossas inseguranças latentes e as esperanças que ainda nutrimos. Esse mergulho interior nos aproxima da verdade de quem somos e do que precisamos.

Autoridade representada - Jesus

Nos quatro evangelhos, Jesus é o personagem que mais faz perguntas, com um total aproximado de 307 questões registradas, segundo a análise do autor Martin B. Copenhaver em seu livro "Jesus Is the Question". Essa abordagem se destaca pela capacidade de envolver profundamente seus ouvintes, não apenas informando, mas transformando corações e mentes.

Ele frequentemente interagia com as pessoas por meio de questões que desafiavam suas perspectivas e as levavam a refletir sobre suas motivações, valores e condição espiritual. Por exemplo, quando Ele perguntou a um cego: *"O que você quer que eu faça por você?"* (Marcos 10:51). Ao fazer essa pergunta ao cego Bartimeu, Jesus não estava apenas solicitando informações, mas estabelecendo uma conexão que transformaria sua vida.

As perguntas de Jesus, muitas vezes, revelavam verdades escondidas. Quando os discípulos disputavam sobre quem seria o maior, Ele perguntou: *"O que vocês estavam discutindo no caminho?"* (Marcos 9:33). Essa questão trouxe à tona seus pensamentos secretos, conduzindo-os a um ensinamento sobre humildade e o serviço.

O uso de perguntas por Jesus reflete um aspecto fundamental do discipulado: a criação de espaço para reflexão e aprendizado ativo dos seus discípulos, perguntas podem ser instrumentos de revelação e transformação, ao invés de simplesmente transmitir conhecimento. Da mesma forma, Martin B. Copenhaver, em *"Jesus Is the Question"*, enfatiza que as perguntas de Jesus eram mais do que pedagógicas; elas eram convites para o crescimento espiritual e introspecção.

As perguntas de Jesus serviam como um espelho, revelando verdades ocultas e convidando os ouvintes a reconsiderar suas vidas à luz do Reino de Deus. Esses eram os convites para a transformação. Elas provocavam um movimento interior, levando as pessoas que interagiam com Jesus a confrontar suas crenças, explorar o que realmente habitava em seus corações e, a partir disso, se conectarem com a verdade do Reino de Deus.

Perguntas de Jesus no Evangelho de Marcos

Por se tratar do menor evangelho escrito em número de páginas e capítulos, fiz uma pesquisa sobre todas as perguntas que Jesus fez no livro de Marcos para trazer uma perspectiva sobre o poder das perguntas nas relações interpessoais.

1. Por que vocês estão discutindo sobre estas coisas em seus corações? (*Marcos 2:8*)
2. Nunca leram o que Davi fez quando ele e seus companheiros estavam necessitados e com fome? (*Marcos 2:25*)
3. O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado. (*Marcos 2:27*)
4. Por que vocês estão tão amedrontados? Ainda não têm fé? (*Marcos 4:40*)
5. Quem tocou nas minhas roupas? (*Marcos 5:30*)
6. Por que todo este alvoroço e lamentação? (*Marcos 5:39*)
7. Não é este o carpinteiro, filho de Maria? (*Marcos 6:3*)
8. Quantos pães vocês têm? (*Marcos 6:38*)
9. Por que esta geração pede um sinal? (*Marcos 8:12*)
10. Por que vocês estão discutindo sobre não terem pão? (*Marcos 8:17*)
11. Vocês ainda não percebem ou entendem? (*Marcos 8:17*)
12. Vocês têm olhos, mas não veem? Têm ouvidos, mas não ouvem? (*Marcos 8:18*)
13. Quantos cestos cheios de pedaços vocês recolheram? (*Marcos 8:19*)
14. E quando eu dividi os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços vocês recolheram? (*Marcos 8:20*)
15. Vocês ainda não entendem? (*Marcos 8:21*)
16. Quem dizem que eu sou? (*Marcos 8:27*)
17. E vocês? Quem vocês dizem que eu sou? (*Marcos 8:29*)
18. O que vocês estavam discutindo no caminho? (*Marcos 9:33*)
19. Por que esta discussão? (*Marcos 9:16*)

20. Até quando terei que ficar com vocês? Até quando terei que suportá-los? (*Marcos 9:19*)
21. O que Moisés ordenou a vocês? (*Marcos 10:3*)
22. Por que vocês me chamam bom? (*Marcos 10:18*)
23. O que vocês querem que eu faça por vocês? (*Marcos 10:36*)
24. Vocês podem beber o cálice que eu bebo ou ser batizados com o batismo com que sou batizado? (*Marcos 10:38*)
25. O que vocês querem que eu faça por vocês? (*Marcos 10:51*)
26. De quem é esta imagem e inscrição? (*Marcos 12:16*)
27. Por que vocês estão me pondo à prova? (*Marcos 12:15*)
28. Vocês não erram porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus? (*Marcos 12:24*)
29. Como os mestres da lei dizem que o Cristo é filho de Davi? (*Marcos 12:35*)
30. Vocês veem todas estas grandes construções? Não ficará aqui pedra sobre pedra; todas serão derrubadas. (*Marcos 13:2*)
31. Vocês ainda estão dormindo e descansando? Basta! Chegou a hora! (*Marcos 14:41*)
32. Vocês vieram com espadas e varas para me prender como se eu fosse um bandido? (*Marcos 14:48*)

Esse é o número total de perguntas que Jesus faz nos Evangelhos: em Mateus são 109 perguntas; em Marcos são 32 perguntas; em Lucas são 98 perguntas; em João são 68 perguntas. Isso totaliza 307 perguntas feitas por Jesus e registradas nos Evangelhos. Jesus é o personagem que mais faz perguntas no Novo Testamento. As perguntas de Jesus são uma demonstração pedagógica, pastoral, confrontante e intencional de Cristo. Elas ensinam, desafiam, restauram e curam. Existe um convite a imitar essa abordagem em nosso próprio

ministério e relações interpessoais, usando perguntas para promover diálogos significativos, revelar a verdade e criar conexões.

Como nos relacionamos com as perguntas

Entender como as crianças funcionam nos dá uma direção poderosa sobre a importância das perguntas. Elas não sabem, mas estão descobrindo a linguagem do mundo; e o que elas fazem para aprender? Elas fazem perguntas. Uma criança de 4 anos pode fazer cerca de 400 perguntas por dia. Essa curiosidade natural está profundamente ligada ao desenvolvimento cognitivo e social. Pesquisas científicas, como as conduzidas por Michelle Chouinard²², mostram que o ato de questionar é essencial para que as crianças compreendam o mundo ao seu redor, explorem conceitos e construam conhecimento. O número aparentemente elevado de perguntas reflete uma busca incessante por compreensão e validação. Algo que, infelizmente, pode ser desencorajado em ambientes educacionais e familiares que limitam a curiosidade.

Em muitas famílias, as crianças são desencorajadas a fazer perguntas porque seus pais, por vezes, consideram as questões inconvenientes ou veem nelas um desafio à autoridade. Esse tipo de atitude pode levar as crianças a suprimirem sua curiosidade natural, associando o ato de questionar a algo negativo ou desrespeitoso. Esse ambiente pode impactar negativamente o desenvolvimento intelectual e emocional, afastando-as da prática essencial de explorar e compreender o mundo ao seu redor e principalmente o desenvolvimento da análise crítica. Esse comportamento natural das crianças mostra o dom dado por Deus. Além disso, demonstra como o questionamento é essencial para o aprendizado e para o crescimento.

²² “Children's Questions: A Mechanism for Cognitive Development,” Monographs of the Society for Research in Child Development, 72(1), 2007.

Além das famílias, à medida que as crianças entram na escola, muitas vezes se frustram novamente ao descobrir que não podem fazer qualquer pergunta. Elas aprendem que questionar é limitado por regras ou pelo sistema educacional. Que triste ironia! Os lugares que deveriam despertar o conhecimento e o senso de aprender são os que mais bloqueiam as pessoas sobre a curiosidade.

É essencial ajudar as pessoas a entenderem que não saber algo não é uma fraqueza, uma falha ou algo que diminui seu valor. Não saber é, na verdade, uma oportunidade de aprendizado e conexão. Perguntas não são apenas vitais para o pensamento, mas para viver de maneira plena. Como Einstein afirmou: *"Se eu tivesse 60 minutos para resolver um problema, eu gastaria 55 minutos imaginando qual pergunta deveria fazer"*.

Perguntas criam espaço para oportunidades, seja para aprender algo novo, explorar o desconhecido ou até mesmo confirmar o que já sabemos. Além disso, as perguntas ajudam a enfrentar incertezas e promovem a criatividade ao desafiar suposições que muitas vezes tomamos como verdades absolutas. Elas criam espaço para novas ideias, permitindo que nos libertemos de padrões rígidos de pensamento e abramos caminho para soluções inovadoras. Quando formuladas com intencionalidade, as perguntas direcionam nossa atenção para o que realmente importa, ajudando-nos a filtrar distrações e encontrar clareza em meio ao caos. Dessa forma, o ato de perguntar não apenas promove o aprendizado, mas também nos convida a sermos cocriadores em nossos contextos, assumindo a responsabilidade de moldar nossas realidades. Não é pecado ou desrespeito fazer perguntas; pelo contrário, é um sinal de curiosidade e envolvimento com a vida. Ainda assim, é importante reconhecer que nem sempre é oportuno perguntar. Há momentos que exigem silêncio e reflexão antes de questionar.

Por fim, devemos celebrar nossa humanidade e nossa capacidade de questionar. Perguntas estão diretamente ligadas ao pensamento. Se você não está questionando algo, você não está pensando. Perguntas são frutos de uma curiosidade vulnerável e poderosa, que nos conecta a nós mesmos, aos outros e, principalmente, a Deus.

Uma bússola

Sente-se perdido em alguma direção em sua vida? Precisa reconectar-se consigo mesmo e com o próximo? Se você não sabe quais perguntas fazer para esses problemas, comece com as três primeiras perguntas de Deus para a humanidade durante a queda.

1. Onde você está? - Qual é o contexto em que você se encontra? Qual é a perspectiva de Deus sobre isto?

2. Quem te contou isso? Quem tem autoridade nessa situação? A quem Deus deu autoridade e quais são os papéis, responsabilidades e limites dessa responsabilidade? Qual é a sua liberdade e autoridade nesta situação?

3. Você comeu? Quais são as opções disponíveis para você? Como suas escolhas contribuíram para a situação? Quais são as consequências?

Resumo

- 1. As perguntas são como uma bússola relacional:** Quando paramos de fazer perguntas? Desde o princípio, Deus nos mostra a habilidade de fazer perguntas, Ele é o nosso modelo.
- 2. Jesus, mestre da comunicação:** Nos Evangelhos, Jesus faz 307 perguntas, exemplificando uma abordagem relacional e pedagógica que envolve, desafia e transforma seus ouvintes.

3. **A curiosidade como dom divino:** Assim como crianças aprendem pelo questionamento, recuperar essa habilidade é essencial para o crescimento relacional.
4. **Imitando Cristo no ministério:** Perguntas criam espaço para reflexão, revelação e diálogo, ajudando-nos a construir conexões e promover transformação em nossas relações e ministérios.

Aplicações

- **Pergunte antes de agir:** Use perguntas para analisar sua situação atual, como “Onde estou?” ou “Quais são minhas motivações?”.
- **Crie conexões significativas:** Em conversas, faça perguntas abertas e genuínas para demonstrar interesse, assim como Jesus fez com “O que você quer que eu faça por você?”.
- **Desenvolva um coração de aprendiz:** Encare a ignorância como uma oportunidade de crescimento. Perguntas como “O que posso aprender com esta situação?” ajudam a adotar uma postura de humildade e aprendizado contínuo.
- **Imite Jesus na liderança:** Faça perguntas que inspirem os outros a crescerem espiritualmente. Ajude as pessoas a confrontarem suas crenças e encontrarem o seu propósito.
- **Cultive a curiosidade:** Resgate a prática de fazer perguntas no aprendizado e no trabalho. Questione padrões e explore novas ideias para desenvolver criatividade e inovação.
- **Confronte ídolos do coração:** Pergunte a si mesmo: “O que estou priorizando mais do que a Deus nesta situação?” ou “Como minhas escolhas refletem minha fé e confiança em Deus?”.

- **Abrace a tensão do crescimento:** Reconheça que perguntas desconfortáveis podem levar à transformação. Perguntas como “O que Deus quer me ensinar neste momento?” ajudam a crescer na fé.

Conclusão Das 5 Respostas Relacionais de Jesus

Ao refletirmos sobre as cinco respostas relacionais da comunicação de Jesus, percebemos que cada aspecto é um convite para sermos mais intencionais em nossas interações. A tensão, quando encarada sob a perspectiva divina, deixa de ser um problema para se tornar uma oportunidade de crescimento. Os valores revelam o que verdadeiramente importa, chamando-nos a alinhar nossas escolhas com o Reino de Deus. A defesa, quando transformada em vulnerabilidade saudável, abre espaço para relacionamentos mais profundos. A linguagem, com sua capacidade criativa, nos lembra que nossas palavras carregam o poder de vida e morte, de construir ou espalhar. E as perguntas, como dom criativo de Deus, nos convidam à sabedoria, nos desafiam a buscar verdades que transformam, tanto a nós mesmos quanto os outros.

Ao desenvolvermos e amadurecermos nessas cinco áreas da nossa realidade relacional, seremos transformados em pessoas mais inteiras e conectadas, experimentando um novo nível de profundidade relacional. Aprenderemos a viver de todo o coração, abraçando nossa vulnerabilidade e caminhando de forma autêntica, exatamente como Deus nos criou para ser. Essa jornada reflete o amor e a graça d'Aquele que nos chama a viver em plenitude.

“Parte 3 - A Prática”

I - O trabalho em equipe como antídoto contra a tirania

Recentemente, li uma publicação de Jordan Peterson na qual ele afirmava que o trabalho em equipe é a antítese contra a tirania. Quando pensamos em como surgem pessoas tiranas, governos tiranos ou até mesmo comunidades com lideranças centralizadoras e tirânicas, devemos analisar o enfraquecimento do senso de comunidade, família e trabalho em equipe.

Quando Peterson menciona que o trabalho em equipe é um antídoto contra a tirania, ele se refere à capacidade da unidade das pessoas de mobilizar responsabilidades e evitar passividade diante de estruturas de liderança centralizadoras. Muitas vezes, as comunidades não percebem a força que têm ao trabalhar juntas em um único propósito e direção.

Historicamente, movimentos de resistência e mudanças sociais significativas foram impulsionados pela unidade e pelo trabalho em equipe. Por exemplo, o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, liderado por figuras como Martin Luther King Jr., exemplifica como a unidade e a solidariedade podem desafiar sistemas opressivos. A resistência pacífica, organizada em torno de um objetivo comum, foi fundamental para alcançar mudanças legislativas e sociais.

Sempre que existe um governo tirano, uma das primeiras ações é enfraquecer as comunidades, os conselhos e a unidade da população. Isso contrasta com a visão bíblica, que nos convoca à unidade e ao trabalho em comum acordo pelo bem maior do nosso "jardim" – nossa casa, nossa comunidade. A Bíblia frequentemente enfatiza a importância da comunidade e da cooperação. Por exemplo, em Eclesiastes 4:9-12, é dito que "Melhor é serem dois do que um... Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro".

A cosmovisão do mundo ocidental está profundamente ligada à supervalorização do indivíduo, muitas vezes em nome da liberdade. Essa perspectiva incentiva os indivíduos a buscarem continuamente seus próprios interesses em detrimento do senso comum e da comunidade. As relações transnacionais, baseadas em trocas utilitárias, predominam no Ocidente. Essa herança cultural favorece a fragmentação da sociedade e abre espaço para governos centralizadores e controladores, que aproveitam a falta de coesão social e a busca incessante por interesses pessoais. Quando a sociedade está focada em interesses individuais, há pouco tempo para formar pactos e alianças duradouras.

A visão bíblica sobre relações e comunidades, por outro lado, é fundamentada em pactos e alianças que giram em torno da verdade e da bondade. Deus formou comunidades baseadas em princípios de fidelidade mútua, justiça e amor ao próximo. As Escrituras nos ensinam que as relações devem ser mais que meras transações, devem ser compromissos de apoio e

crescimento mútuo. Em Mateus 22:37-39, Jesus resume a lei em dois mandamentos: amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo, ressaltando a importância das relações baseadas em amor e compromisso.

Há um ensinamento importante aqui: devemos avaliar nossos modelos de liderança e o ambiente comunitário para perceber se estamos fragmentados. Fragmentação abre espaço para sistemas de controle. Quanto maior a unidade e o senso de autogoverno – um autogoverno que não leva ao individualismo extremo, mas sim à colaboração mútua – maior será nossa resistência contra modelos de centralização e tirania.

Adicionalmente, podemos olhar para exemplos de autogoverno em comunidades modernas. Muitas cidades ao redor do mundo adotaram modelos de governança participativa, onde os cidadãos têm voz ativa nas decisões locais. Isso não apenas fortalece a coesão comunitária, mas também impede a centralização excessiva do poder.

Por fim, é crucial fomentar um ambiente onde o diálogo e a colaboração sejam valorizados. A educação desempenha um papel vital aqui, ensinando desde cedo a importância do trabalho em equipe e da responsabilidade compartilhada. Escolas e organizações podem promover atividades que incentivem a cooperação e o pensamento crítico, preparando indivíduos para contribuir de maneira significativa para suas comunidades.

II - Criando Conexões

A comunicação eficaz vai além de palavras bem colocadas ou discursos eloquentes; ela está profundamente enraizada na habilidade de criar conexões com o nosso público ou seguidores. Essa conexão é o elo que transforma uma mensagem em relação a um grupo de ouvintes em uma comunidade.

Como já mencionei de outras maneiras no livro, uma das maiores preocupações de quem comunica deve ser a capacidade de se conectar com o público. A comunicação não é sobre uma técnica, é um reflexo do relacionamento estabelecido.

Todos temos a necessidade de nos conectar com o próximo. Essa é uma realidade essencial para o crescimento e a saúde emocional. Estar isolado é um sinal de que algo está errado. A falta de conexão nos torna como um computador desconectado da internet, um potencial enorme, mas sem impacto.

Quando nos conectamos:

- **Fazemos amigos:** Criamos laços que enriquece nosso dia a dia.
- **Conquistamos confiança:** Inspiramos as pessoas ao nosso redor.
- **Construímos comunidades:** Geramos crescimento e suporte mútuo.

Por outro lado, o isolamento nos priva de oportunidades preciosas, como a de aprender, crescer e experimentar o apoio que os relacionamentos oferecem.

Conectar-se exige intencionalidade. Embora seja mais simples permanecer isolado, Deus nos criou para a comunidade. O modelo divino é de interdependência. As comunidades que vivem esse estilo de vida refletem o Reino de Deus.

Como John C. Maxwell afirma: “A habilidade de se conectar com outros começa com a compreensão do valor das pessoas”. As pessoas são mais importantes do que qualquer coisa material. Esse princípio nos desafia a priorizar relações acima de realizações.

O Papel do Espírito Santo

Enquanto buscamos conexão, é importante lembrar que a transformação é obra do Espírito Santo. Nosso papel é ser ferramentas de Deus, agindo com sabedoria e dependência d'Ele. Assim, evitamos a tentação de controlar e permitimos que Deus seja Deus na vida das pessoas, nossa comunicação não deve ser, de forma alguma, instrumento para manipulação de pessoas.

Conectar-se é mais do que um esforço humano, é um reflexo do amor de Deus que deseja unir e edificar. Esse é o convite para ser comunicadores que estabelecem relações genuínas e, através delas, apontam para a graça e o amor do Criador.

Pontos Perceptíveis de Conexão

Quando as pessoas estão conectadas com aquilo que comunicamos, a nossa causa se torna parte delas. Observamos sinais claros dessa conexão:

1. **Engajamento:** As pessoas demonstram participação ativa e empenho. Elas se envolvem não apenas pelo que ouvem, mas pelo que passam a acreditar.
2. **Apreciações:** Elas expressam sentimentos que edificam de forma espontânea, refletindo a verdade e o impacto da mensagem.
3. **Quebrando o gelo:** Mostram confiança e tornam-se parte do processo, reduzindo barreiras naturais de interação.
4. **Proatividade:** Tomam iniciativas, contribuindo com ideias, soluções e atitudes que fortalecem a causa.
5. **Entrega de coração:** Existe uma conexão de coração; as pessoas não apenas fazem, mas colocam sua paixão no que fazem.
6. **Alegria:** Sentem prazer em estar presentes e em fazer parte. O ambiente é leve, inspirador e motivador.

7. **Amor:** Sem reservas, as pessoas agem movidas por amor, não por obrigação ou trocas.

Observar estes sete aspectos é crucial para avaliar se estamos realmente criando conexões significativas. Eles funcionam como um termômetro para medir o impacto de nossa comunicação relacional. Quando presentes, indicam que nossa liderança, palavras e mensagem não só alcançaram, mas também tocaram e transformaram o coração de quem nos ouve, produzindo engajamento e mobilização.

III - Mobilizando uma Geração

Jesus, ao percorrer cidades e povoados, não apenas pregava e curava, mas sentia profunda compaixão pelas multidões, comparando-as a ovelhas sem pastor (Mateus 9:35-38). Essa é a mesma visão para hoje. Vivemos em uma nação com milhões que ainda desconhecem as oportunidades de participar da Grande Comissão. Muitos não enxergam que podem ser respostas vivas ao chamado missionário.

Entretanto, enfrentamos um desafio crítico: poucos são os comunicadores que compreendem a profundidade desse chamado. O campo missionário da comunicação não é um espaço para vaidosos, mas para servos. Precisamos orar para que o Senhor envie mais trabalhadores dedicados a esse propósito, reconhecendo que a comunicação é um veículo essencial para o avanço do Reino.

O Brasil, com seus mais de 200 milhões de habitantes, possui um panorama desafiador e cheio de oportunidades²³. Destacam-se os jovens, representando cerca de 25% da população brasileira, ou seja, mais de 50 milhões de pessoas no Brasil são jovens em busca de sua

²³*Projeção da população do Brasil para 2024*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.

vocação e identidade²⁴. Dentro deste universo, aproximadamente 35% da população brasileira se declara ser cristãos evangélicos²⁵, abrangendo mais de 60 milhões de pessoas. Esse é um poderoso catalisador, um campo vasto e fértil cheio de oportunidades para conectar essa geração ao chamado missionário.

Porém, estamos em uma encruzilhada. A taxa de natalidade no Brasil está diminuindo drasticamente. Dados do IBGE mostram que em 2021 a taxa de fecundidade brasileira chegou a 1,6 filhos por mulher, abaixo do nível de reposição populacional (2,1)²⁶. Isso significa que a população jovem está diminuindo rapidamente e, logo, deixaremos de ser uma nação predominantemente jovem. O momento para agir é agora.

Diante desse cenário meu clamor aos comunicadores é imaginar que de forma intencional podemos mobilizar pelo menos 10% dos jovens evangélicos, isso significaria mobilizar mais de 1 milhão jovens para o trabalho missionário. Este número, embora ousado, é palpável. Temos promessas de Deus sobre crescimento e expansão.

A igreja cresce. Mais e mais pessoas estão buscando significado e vocação. Nossa responsabilidade é fornecer para essas pessoas uma visão clara de como podem viver suas vidas em obediência ao chamado de Deus.

Precisamos aprender com Jesus sobre como Ele mobilizou pessoas a partir do "Siga-me". Ele não apenas comunicava uma mensagem, Ele engajava profundamente, chamando homens e mulheres para a missão de Deus na terra. Seu convite era um desafio para abandonar a passividade e se comprometer com uma vida de serviço no Reino. Hoje, precisamos dessa

²⁴ Estatística (IBGE). Em 2021, jovens entre 15 e 29 anos representavam aproximadamente 23% da população brasileira, totalizando mais de 47 milhões de pessoas.

²⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2010: Resultados da Amostra - Religião. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

²⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Projeção da população do Brasil para 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.

mesma coragem e clareza para nos conectarmos com os jovens de nossa nação, oferecendo-lhes não apenas palavras, mas um caminho claro para se envolverem ativamente na obra de Deus. Isso requer que abramos espaço para que nos sigam, o que nos compromete e exige trabalho e responsabilidade. Fazer discípulos não é apenas evangelizar, mas preparar e acompanhar pessoas para que compreendam e vivam o chamado de seguir Jesus com propósito e missão eterna.

Enquanto muitos se comunicam, poucos se conectam. O que temos de único para oferecer ao mundo? É nossa mensagem enraizada em propósito, relacionamento e integridade. Jesus não é um produto e nossa comunicação deve refletir isso. Em um mundo onde estratégias de marketing muitas vezes reduzem pessoas a números e métricas, precisamos resgatar a essência humana da comunicação. Isso significa comunicar de forma que inspire uma vida de propósito e missão, chamando as pessoas a participarem da obra eterna de Deus. Nossa abordagem não deve apenas confortar, mas desafiar as pessoas a se comprometerem com a missão divina, vendo sua vida como parte integral do plano redentor de Deus para o mundo.

IV - Feedback como Estilo de Vida

O termo "feedback" tem sua origem na língua inglesa e, literalmente, significa "retorno" ou "resposta". Embora existam equivalentes em português, como "retorno" ou "avaliação", o uso de "feedback" na linguagem contemporânea tem se popularizado. Ele expressa, de forma simples, a ideia de uma troca de informações para correção, encorajamento ou esclarecimento em um contexto de aprendizado e crescimento.

Feedback não é apenas uma técnica ou ferramenta, é um estilo de vida que reflete profundidade nas relações. Entretanto, vivemos em uma sociedade que frequentemente evita o confronto direto e prefere contornar problemas ao invés de enfrentá-los diretamente com

honestidade. Essa dificuldade está enraizada em uma cosmovisão que valoriza relações superficial em detrimento da verdade, temendo que a transparência possa causar desconforto ou ruptura. O feedback é a nossa capacidade de avaliar, conhecer e clarificar situações. É um estilo de vida que nega o viver baseado em suposições e resgata a autoridade e a habilidade de fazer perguntas certas para si mesmo e para os outros, promovendo relações mais saudáveis.

Feedback vai além da troca de informações, é um ato de amor. Esse estilo de vida começa com uma visão clara: a crença de que crescemos em comunidade, onde somos chamados a prática do estilo de vida, onde damos e recebemos retorno nas relações.

Observe Deus durante a criação do universo como o primeiro exemplo de avaliação e feedback. Ele declarou que tudo era "muito bom" (Gênesis 1:31), modelando um padrão de autoavaliação que reflete excelência. Ao perceber que "não é bom que o homem esteja só" (Gênesis 2:18), Deus demonstrou percepção das necessidades, identificando e provendo uma solução ao criar uma companheira adequada para Adão. Mais adiante, em Gênesis 3:9, após o pecado no Jardim do Éden, Deus pergunta a Adão: "Onde você está?". Essa pergunta não é o tipo de questionamento que busca informação, ela é a prática do feedback que se inicia com a pergunta convite para Adão, é um chamado à reflexão sobre suas escolhas e consequências.

Esses exemplos mostram Deus como nosso modelo sobre a cultura do feedback, sempre avaliando, corrigindo e orientando com propósito. Inspirados por Ele, somos chamados a cultivar um estilo de vida que reflete esse padrão divino: olhar para nossas obras e relações com honestidade, avaliando-as à luz da verdade. Esse processo nos ajuda a abandonar suposições, desenvolver uma comunicação mais profunda e crescer em sabedoria.

"Ouça o conselho e aceite a instrução, e acabará sendo sábio." Provérbios 19:20. A prática do feedback é modelada no próprio caráter de Deus. Ele nos convida a participar desse processo criativo e avaliativo, encorajando-nos a olhar além de nós mesmos para identificar áreas de melhoria e oportunidades de crescimento mútuo. Mais do que uma simples correção, o feedback é um convite ao discipulado, um chamado para ajudarmos uns aos outros a nos tornarmos mais semelhantes a Cristo, refletindo o Seu amor e graça em nossas interações.

A Tensão Necessária para o Crescimento

A questão principal é aprender a lidar com a tensão gerada nos relacionamentos quando praticamos o feedback. De maneira geral, aprendemos a proteger nossos corações desses ambientes, o que muitas vezes retarda o nosso amadurecimento. Essa tensão não é um problema a ser evitado, mas um sinal de que algo precisa de atenção. Como Matt Rawlins observa em *Courageous Relationships*, "tensão é a porta para o desenvolvimento e uma oportunidade para a transformação²⁷". Sem ela, o crescimento estagna. Essa tensão revela tanto nossas vulnerabilidades quanto nossas resistências, convidando-nos a conhecer quem somos de forma mais profunda.

A pergunta "O que essa tensão diz sobre mim?" é essencial. Ela nos leva a enfrentar nossos medos e inseguranças, abrindo espaço para aprender e crescer. Esse lugar não significa a ausência de tensão, mas sim a coragem de enfrentar desafios com graça e verdade.

Abaixo eu escrevo a partir das minhas anotações sobre o assunto feedback que aprendi na minha Escola de Fundamentos em Comunicação (EFC), na Alemanha, em 2015. Minha mentora nesse tema, Fiona Gifford, me inspirou com suas aulas e artigos a respeito desse tema e quero repartir isso com vocês.

²⁷ Rawlins, Matt. *Courageous Relationships*. Amusement Publications, 2014.

Por que dar e receber feedback?

Todos nós temos lados cegos, isto é, áreas que não percebemos claramente. A prática do feedback permite um crescimento pessoal e espiritual mais consistente. O modelo da "*Janela de Johari*"²⁸ ilustra bem isso, dividindo nosso conhecimento em quatro quadrantes: o "aberto" (o que é conhecido por nós e pelos outros), o "cego" (o que os outros percebem, mas nós não vemos), o "oculto" (o que escolhemos não revelar) e o "desconhecido" (aquilo que não é percebido por nós nem pelos outros). O feedback atua especialmente sobre o quadrante "cego", ajudando-nos a enxergar áreas que precisam de atenção e desenvolvimento.

O feedback nos desafia a sair da indiferença e a nos engajar no discipulado ativo, um processo de aprendizado conjunto que reflete o modelo de relações profundas que Cristo nos deixou. A indiferença, um dos componentes mais ácidos nas relações, abandona tanto as pessoas quanto a si mesmo, criando um vazio onde deveria haver conexão. Sem feedback, não há crescimento, ele é vital para identificar áreas de melhoria, fomentar conexões significativas e alinhar nossas vidas aos propósitos de Deus. Viver esse estilo de vida é escolher intencionalmente o caminho do aprendizado e da transformação.

Como Dar Feedback com Propósito

Dar feedback exige habilidade e, acima de tudo, intenção. É necessário equilibrar verdade e graça, assim como Jesus fazia ao corrigir e encorajar. Aqui estão alguns princípios fundamentais:

1. **Comece com a Curiosidade:** "Quais perguntas podem abrir espaço para uma conversa sincera?" Abandone suposições e abra espaço para ouvir.

²⁸ Psicólogos Joseph Luft e Harrington Ingham em 1955

2. **Enfatize os pontos fortes:** Iniciar com apreciações genuínas ajuda a criar abertura para receber feedback.
3. **Seja Específico:** O feedback genérico é muitas vezes ignorado. Ao invés disso, mencione fatos específicos: em que dia, em que hora, onde ocorreu e como algo foi feito. Esse processo de retorno é como um espelho, é preciso primeiramente mostrar e falar sobre os fatos.
4. **Comunique com o Coração:** Demonstre sinceridade, vendo a pessoa como Deus a vê, valorizando o seu potencial.
5. **Evite Linguagem Emotiva:** Mantenha o foco em fatos e realidades, buscando ser claro e direto.

Como Receber Feedback?

Receber feedback é um exercício de vulnerabilidade, mas também um caminho para a sabedoria. Provérbios 12:16 nos alerta: *"O insensato revela de imediato o seu aborrecimento, mas o homem prudente ignora o insulto"*. Para receber feedback o essencial é sair da defensiva. Para crescer, é importante dividir o processo em etapas práticas:

1. **Pratique a Escuta Ativa:** Dê atenção total ao que está sendo dito, sem interromper ou formular respostas enquanto ouve.
2. **Mantenha uma Mente Aberta:** Considere o feedback como uma oportunidade de aprendizado, não como um ataque pessoal.
3. **Evite Justificativas:** Resista ao impulso de se explicar imediatamente, busque entender o ponto de vista do outro.
4. **Expresse Gratidão:** Reconheça o esforço de quem oferece feedback com um "obrigado", mostrando um coração ensinável. Afinal, ainda bem que essa pessoa não escolheu tratá-lo com indiferença, mas decidiu investir no seu crescimento.

5. **Busque Claridade:** Caso não compreenda ou discorde de algum ponto, peça mais informações. Se você não concorda, está tudo bem. Procure a opinião de alguém sincero que realmente o conheça e possa oferecer uma opinião sobre esse assunto.
6. **Lembre-se, você Não é uma Esponja:** Embora o feedback seja valioso, nem tudo o que é dito reflete a realidade. Filtre as informações e avalie o que realmente é aplicável, com um coração ensinável, obviamente.

Feedback como Prática Contínua

O feedback deve ser cultivado continuamente em nossas comunidades para que se torne um estilo de vida. Isso significa abandonar a cultura do silêncio e abraçar a coragem de falar e ouvir. Reconhecemos que todos temos áreas cegas, aspectos menos desenvolvidos que só podem ser iluminados pela perspectiva do outro. Esse processo exige paciência, vulnerabilidade e a disposição de crescer juntos.

No centro do feedback está o discipulado. Ele não é apenas um ato isolado, mas parte de um processo maior de formação espiritual. A motivação essencial desse processo é o amor, o verdadeiro amor descrito por Paulo em 1 Coríntios 13: *"O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor"*. Assim como um espelho reflete a realidade, o feedback nos ajuda a enxergar áreas de nossa vida que podem ser transformadas pela graça de Deus e essa prática nos torna mais semelhantes a Cristo. Então que esse seja um novo momento em nossas relações, ao aprender a importância dessa ferramenta como prática em nossas vidas.

V - Fala em Público, o Dom de Servir

Eu nunca poderia imaginar que o assunto "falar em público" seria algo tão presente na minha vida. Muito pelo contrário, assim como muitas pessoas, falar em público parecia um desafio inatingível na minha adolescência. Lembro-me do início, quando estava na igreja e surgiam oportunidades para fazer alguma introdução em nossas reuniões ou simplesmente orar diante dos outros. Eu me sentia totalmente inadequado para tal tarefa, tomado por sentimentos de vergonha e baixa autoestima.

Hoje, acho engraçado ser convidado para falar sobre esse tema na escola da nossa Universidade, na JOCUM. Nem sempre foi assim. Posso dizer que a mudança de chave na minha mente ocorreu durante minha escola de comunicação, quando, pela primeira vez, entendi que falar em público não é sobre nós mesmos, mas sobre servir nossa audiência. Também compreendi que Deus se importa profundamente com essa área de nossas vidas. A verdadeira mudança começa com o servir e, mais do que técnicas, é preciso aprender a lidar com a tensão que sentimos em relação à nossa imagem diante das pessoas.

Nos últimos 15 anos, me aprofundei na prática da fala em público e dois fatores foram essenciais para que esse tema se tornasse tão presente em minha vida. O primeiro foi minha experiência como apresentador de circo. Isso mesmo! A minha maior escola foi a prática, atuando como MC (mestre de cerimônia) em inúmeras apresentações do nosso circo missionário chamado The Deck. Nesse contexto, precisei aprender a encarar o público e, principalmente, como entretê-lo com entusiasmo.

O segundo fator de transformação foi a influência da minha mentora no assunto, Susanna Schär. Essa querida amiga suíça foi a responsável por me ensinar a comunicar de forma mais intencional. Durante três anos, tive o privilégio de aprender com ela nas aulas de fala em

público. Susi, sempre gentil, me encorajava constantemente a dar passos em direção a ensinar sobre o tema, acreditando no meu potencial e crescimento nessa área.

Falar em público é um dom, mas não para exaltar a si mesmo é um chamado para servir a audiência. Essa é a primeira mudança de paradigma, pois a maioria do conteúdo disponível sobre esse tema está focada em técnicas e, muitas vezes, em como persuadir o público. O próprio estilo de comunicação de Jesus contraria esse pensamento humano. Ele nos ensina: *"O maior entre vocês deverá ser servo"* (Mateus 23:11). Comunicar-se diante de uma audiência é muito mais do que ser importante ou admirado, é uma oportunidade de ser compreendido, servindo as pessoas com a sua mensagem.

Reflita: do que adianta priorizarmos posição, técnicas e aparência, mas negligenciarmos o fato de que a fala em público não é sobre quem fala, mas sobre quem ouve? A audiência precisa receber sua mensagem, ela deve fazer sentido, ser interessante e acessível. O foco de falar em público é muito mais sobre a audiência do que do orador. Isso nos desafia a sermos intencionais e servos. A comunicação é sobre criar entendimento. Esse é o nosso verdadeiro chamado como oradores que carregam os valores do Reino de Deus. Como Landa Cope nos lembra: *"Enviar a mensagem é apenas metade da batalha; a mensagem precisa ser recebida e entendida"*

Ao falar desse tema com meus alunos, percebo que a maioria alega sentir medo, sendo o desconforto tão grande que frequentemente evitam estar na frente da sala de aula. Essa é a realidade, pois falar em público é, de fato, um dos maiores medos que as pessoas enfrentam. Um estudo conduzido em 2015 pelo jornal britânico *Sunday Times* revelou que o medo de falar em público supera outros receios como problemas financeiros, doenças e até a morte. Entre os três mil entrevistados no Reino Unido, 41% apontaram o receio de discursar em público como seu maior temor. Quer você sinta um frio na barriga ou fique

completamente paralisado diante do público, saiba que não está sozinho nessa. Essa introdução ao tema busca desmistificar e, na verdade, eu enxergo que é uma redenção para muitos o resgate da ideia de que não podemos falar adequadamente em público; mostrando que é possível crescer nessa área tão importante, sendo inspirados biblicamente para se fazer entendido e criar conexões em nossa caminhada.

O Que É Falar em Público?

Basicamente podemos definir a fala em público como uma maneira de compartilhar ideias com outras pessoas, com uma audiência, seja um grupo organizado previamente ou espontâneo. Porém, esse dom dado por Deus vai além. A fala em público é um ato intrinsecamente ligado à missão de comunicar verdades de maneira que transformem vidas. A Bíblia nos oferece exemplos poderosos sobre a fala em público. Jesus, o maior comunicador de todos os tempos é o nosso modelo, Ele utilizava histórias, parábolas e discursos excelentes para transmitir mensagens profundas de forma confrontante para os religiosos, simples para os iletrados e acessível para os discípulos. Ele exemplificou a habilidade de conectar-se emocionalmente com as multidões, ao mesmo tempo que desafiava a mente e o coração de seus ouvintes.

Por Que Falar em Público?

A razão para falar em público começa com uma pergunta simples: você tem algo importante para dizer? Se a resposta for sim, então esse é o seu momento, use-o de forma inspiradora e conecte-se com sua audiência. Caso contrário, o silêncio é bem-vindo. Venho de um contexto em que parecia ser normal preencher o vazio com piadas ou palavras sem propósito e redundantes que não levam a lugar algum. Essa cultura do improviso, frequentemente acompanhada de repetições desnecessárias, prejudica a qualidade da comunicação. Quando o

foco está mais em "preencher espaço" do que em transmitir uma mensagem significativa, a audiência tende a se desconectar. Além disso, essa abordagem demonstra falta de preparo e desrespeito com o tempo e a atenção dos ouvintes. Por outro lado, um discurso planejado e relevante valoriza o público e gera impacto em quem ouve. Sabe, acredito que, assim como eu, você já se deparou com pessoas desperdiçando tempo sem ter algo realmente importante para comunicar. Isso revela o respeito que temos (ou não temos) pela audiência.

Os Propósitos de Falar em Público

A Bíblia nos encoraja a compartilhar com ousadia as verdades que temos no coração. Em 2 Timóteo 1:7, somos lembrados de que "Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio." Falar em público, portanto, é uma oportunidade de exercer esse espírito de serviço e amor, confiando que Deus nos capacita para essa tarefa. Com essa confiança nós podemos avançar. Isso porque sabemos que as nossas palavras, quando alinhadas com a vontade de Deus, podem impactar vidas profundamente.

Falar em público é uma oportunidade única de crescimento pessoal e de serviço ao próximo. Este processo nos desafia a olhar além de nós mesmos, pois quando olhamos em direção a servir nosso próximo, certamente crescemos nessa área de atuação. Isso significa que o primeiro crescimento é o pessoal: superar medos, aprimorar habilidades de comunicação e, sobretudo, desenvolver uma atitude de serviço. Falar em público não é apenas sobre o que se diz, mas como isso pode impactar a audiência. Cada discurso é uma chance de moldar mentes e tocar corações.

Outro propósito é informar. A transmissão de informações claras e bem estruturadas fortalece a conexão entre o orador e o público. Digo para meus alunos que uma simples informação de um recado, deve ser dito três vezes para ajudar as pessoas a não esquecerem o que foi dito. Se

apresentamos dados de maneira compreensiva e objetiva então garantimos que a mensagem seja absorvida e entendida.

Inspiração é um dos pilares fundamentais da fala em público. Histórias que tocam o coração, despertam emoção e incentivam a ação são lembradas muito além do momento da apresentação. Inspirar é oferecer ao público não apenas o que pensar, mas também como sentir e agir. Essa prática de tocar corações através do imaginário nos leva às tradições orais de muitas culturas ao longo da história. Povos ao redor do mundo transmitiram seus valores, crenças e histórias por meio de histórias inspiradoras, conectando gerações e preservando sua identidade. Jesus, utilizou histórias para ensinar um povo cuja tradição se baseava fortemente na oralidade. Ele transmitia verdades profundas por meio de parábolas que permanecem gravadas na mente e no coração de seus ouvintes. Da mesma forma, os hebreus mantinham viva a memória de suas histórias bíblicas ao transmiti-las oralmente de geração em geração. Deus instrui os israelitas a manterem Suas palavras no coração e a ensiná-las diligentemente a seus filhos através das histórias que inspiram. Por isso, considero que a fala em público não deve ser apenas um espaço mecânico de troca de informações, ela deve ser uma oportunidade de inspirar as pessoas para que adotem uma nova atitude.

Por fim, a fala em público também é um espaço para instruir e ensinar, para transmitir algo que você já sabe. Isso significa que primeiro vivemos e aplicamos em nossas vidas algo antes de ensinar, sendo esse um dos valores centrais da JOCUM: *"Você não pode ensinar com autoridade, se você não fez aquilo que está ensinando"* – Loren Cunningham. Como oradores, não devemos adotar somente a postura de eruditos que ensinam apenas a partir do que leem. Ensinar, primordialmente é: repartir a partir daquilo que vivemos e aprendemos na prática. Essa vivência nos dá autoridade e é essa autoridade que nos permite falar com convicção.

A Preparação

Já ouvi algumas pessoas dizerem algo sobre a necessidade de nos prepararmos ou planejarmos: "Por que nos preparar quando temos o Espírito Santo?". Tenho um amigo muito especial na missão, que já convidei várias vezes para ensinar sobre evangelismo em nossas escolas. Quando pergunto a ele sobre o tema ou qual assunto ele vai abordar, ele sempre me responde: "Amanhã eu vejo quando a aula começar". Conheço bem esse amigo e sei que o que o move é a adrenalina do momento. Na maioria das vezes, suas histórias e experiências ajudam bastante os alunos. No entanto, sei que se ele se preparasse melhor com um esboço ou utilizasse uma abordagem mais didática, suas aulas seriam ainda mais eficazes, alcançando uma profundidade maior no assunto proposto.

A preparação é um confronto à cultura do improviso. Parece haver um aspecto que é valorizado em nossa cultura latina, onde achamos interessante quando as pessoas são mais "espontâneas". Embora à primeira vista isso pareça positivo, o cerne dessa questão está profundamente ligado à falta de preparo, planejamento e, sem dúvida, à falta de compromisso com o público. Lucas 14:28-31 nos ensina que calcular e planejar é essencial. Não é pecado ou falta de dependência de Deus planejar antes de entregarmos uma mensagem. Muito pelo contrário, essa atitude faz toda a diferença. É muito bom quando ouvimos uma pessoa falar algo para nós que foi preparado, pesquisado e planejado.

Costumo falar para os meus alunos: não confundam adrenalina com o Espírito Santo! Muitos amigos já me confessaram deixar as coisas para a última hora simplesmente porque gostam da aventura que isso proporciona. Confiar apenas no improviso pode levar ao fracasso, já *"os planos bem elaborados levam à fartura"* (Provérbios 21:5). A preparação é um pilar essencial para o sucesso de qualquer apresentação em público.

Em direção ao planejamento, comece seu discurso realizando uma pesquisa profunda sobre o tema a ser abordado. Entender o conteúdo com maior profundidade não apenas aumenta a confiança do orador, mas também assegura que a mensagem seja entregue com clareza e com autoridade.

Outro passo fundamental é a prática constante. Ensaiai permite que o orador se familiarize com a estrutura e o fluxo da apresentação, tornando-a mais natural e eficaz. A repetição é uma ferramenta poderosa para reduzir o nervosismo e garantir que a comunicação flua de maneira mais espontânea. A experiência é adquirida gradualmente, falando em diferentes ocasiões e contextos. Antes de planejar uma aula para uma escola durante uma semana, comece praticando em grupos pequenos, de maneira mais informal. Em seguida, avance para desafios maiores, falando para públicos mais amplos e diversificados. Assim como um maratonista não começa correndo 40 km antes de dominar os primeiros 5 km, o orador deve construir sua habilidade passo a passo, garantindo consistência e crescimento contínuo.

Pode parecer um pouco mecânico o que estou dizendo. Talvez alguns nem gostem de ler este trecho. Porém, antes de mais nada, é importante destacar que algo indispensável na fala em público é ser autêntico. O público valoriza a sinceridade e a paixão de quem fala. Ninguém quer ver, lá na frente, um "robô falante". É exatamente sobre isso que estou escrevendo: para ajudá-lo a entender que a fala em público é a união entre a mente e o coração, é sobre planejamento unido com inspiração e autenticidade. Falar em público não é sobre ser fragmentado, é sobre ser holístico. Costumo dizer aos meus alunos que o melhor elogio que podemos receber é: *"Você foi você mesmo quando estava falando."* Isso significa que não devemos adotar uma cópia de alguém. Em vez disso, precisamos encontrar nosso próprio estilo, sem abrir mão da busca pela qualidade, que vem através do planejamento e da prática.

Boas Práticas para a Entrega de uma Mensagem

Entregar uma mensagem de maneira eficaz envolve uma combinação de técnicas e habilidades que garantem que sua comunicação seja clara e impactante. Segue uma lista de boas práticas que vão te ajudar na entrega dos seus próximos discursos.

1 - Organize

A organização é um elemento crucial para uma entrega eficaz. Elaborar um esboço com os pontos principais do discurso ajuda o orador a manter o foco e a não se desviar do tema central. Um esboço bem planejado oferece flexibilidade e naturalidade durante a apresentação, servindo como uma ferramenta para assegurar que todos os tópicos relevantes sejam abordados. Pessoalmente, adotei o hábito de sempre preparar um pequeno resumo com os pontos mais importantes para meus discursos, seja para uma reunião, um momento de avisos ou uma palestra breve. Para minhas aulas, invisto em esboços mais detalhados, garantindo que todo o conteúdo proposto seja coberto de maneira completa e organizada.

Visualizar a estrutura do discurso através de um mapa mental pode ser extremamente útil. Esse recurso permite organizar ideias de maneira clara, conectando os pontos-chave e reforçando o raciocínio. Ao usar marcadores visuais ou cores no esboço, facilita a memória, reduzindo a dependência de anotações detalhadas durante a fala.

2 - A parte técnica

Conhecer o espaço onde você irá se apresentar é uma preparação que não pode ser negligenciada. Certifique-se de que haverá um microfone adequado e verifique como é a iluminação no palco durante sua fala. Já passei por situações em que não conseguia enxergar minhas anotações devido à falta de luz para o orador, o que gerou dificuldades. Em algumas ocasiões, pode haver a necessidade de um tradutor. Nesse caso, é importante entender como

será essa interação, já que o tempo da sua palestra será reduzido pela metade. Não esqueça de perguntar se haverá água disponível para você durante a apresentação.

Verifique também como é a disposição das cadeiras e onde ficará o púlpito. A distância entre você e o público pode influenciar a criação de uma conexão mais próxima. Todos esses detalhes ajudam a evitar surpresas desagradáveis e aumentam sua confiança na hora da apresentação.

Além disso, saiba onde você deverá se sentar enquanto espera pelo momento de falar e, principalmente, identifique o MC ou dirigente do evento. Essa pessoa será fundamental para auxiliá-lo com toda a parte técnica, garantindo que você esteja bem orientado e preparado para entregar uma apresentação eficaz. Essa familiaridade permite que o orador se concentre no conteúdo e na conexão com o público.

3 - Conheça sua audiência

A fala em público depende diretamente de quão bem o orador conhece a sua audiência. Isso significa fazer uma pequena pesquisa antes de compartilhar um discurso. Saber para quem você vai falar faz toda a diferença, isso inclusive evita possíveis repetições, uso inadequado de linguagem e desconexão com a audiência.

Ao longo do tempo, aprendi a fazer algumas perguntas básicas para quem me convida para falar. Geralmente pergunto quais foram os temas das três últimas mensagens que eles ouviram ou procuro saber quais foram os últimos tópicos abordados nas aulas anteriores. Essa abordagem simples me fornece um bom contexto para construir uma mensagem que se conecte com o público. O cerne sobre conhecer a audiência é uma questão fundamental para obter contexto.

Jesus é um grande exemplo dessa prática: Ele conhecia profundamente as necessidades, expectativas e realidades culturais de seu público, usando histórias, códigos e parábolas que tinham total significado para quem o ouvia. O objetivo era sempre servir a audiência, criando entendimento e clareza. Cabe a nós adaptarmos nossa linguagem e abordagem para criarmos conexões genuínas.

Segue uma pequena lista de perguntas que podem ajudar você a criar contexto antes de falar para um público:

- Qual é a faixa etária do público?
- Qual é o tema esperado que você fale?
- Quais são os interesses e o nível de conhecimento médio sobre o tema?
- Há alguma questão local ou específica que deve ser considerada?
- Quais são as expectativas do público?
- Qual é o propósito do evento onde você foi convidado para falar? Existe algo específico que eles esperam que você aborde?
- Será uma apresentação formal, uma conversa mais leve ou um momento interativo?
- Haverá espaço para perguntas e respostas?
- Muito importante! Quanto tempo você tem para falar? :)
- Qual será o tamanho da audiência? (Apresentações para grupos pequenos e grandes requerem abordagens diferentes.)

4 - Desacelere

Um dos aspectos mais importantes é desacelerar ao falar. Quando se está diante de um grupo, é necessário falar de forma mais pausada do que faria em uma conversa individual. Esse novo ritmo mais cadenciado permite que o público processe melhor a informação e que o orador

mantenha um tom confiante e articulado. Pausar entre frases ou pontos principais também ajuda a enfatizar ideias importantes.

5- Estabeleça contato visual

Outro elemento fundamental é o contato visual. Conectar-se com o público por meio do olhar cria uma sensação de proximidade e engajamento. Olhar diretamente para diferentes pessoas na audiência transmite confiança e faz com que cada um se sinta parte da conversa. Essa prática também ajuda o orador a medir a reação do público, ajustando o ritmo ou o tom conforme necessário. Já me disseram que quando estamos nervosos, devemos olhar para um ponto fixo, eu não aconselho a fazer isso, vamos para a realidade, conecte-se com sua audiência.

7 - Seja o Condutor

Liderar o público durante um discurso é uma habilidade essencial para garantir que as pessoas não se percam ao longo da apresentação. Assim como placas de trânsito ajudam motoristas a saber para onde ir e quando mudar de direção, um bom orador utiliza sinalizações claras ao longo do discurso. Essas "placas" podem ser introduções que preparam o público para o que vem a seguir, transições bem definidas entre os tópicos e resumos que reforçam os pontos principais. Pense no orador como um motorista de ônibus: ele precisa informar as paradas importantes e garantir que todos cheguem ao destino final com clareza e segurança. Quando as etapas do discurso são conduzidas de forma estruturada e clara, o público sente-se guiado e envolvido, aproveitando cada momento da jornada. Sei que, assim como eu, você já ouviu alguém e se perguntou: "O que essa pessoa está tentando dizer?" Esse sentimento é comum e geralmente ocorre devido à falta de um bom condutor. Um orador que guia seu público com clareza e propósito.

8 - Suportes visuais

A parte criativa com os suportes visuais em uma palestra são uma ferramenta poderosa que pode enriquecer sua mensagem. Imagens ou slides bem planejados ajudam a reforçar o que está sendo dito, tornando a apresentação mais memorável. No entanto, esses recursos devem ser usados com moderação. Um suporte visual nunca deve competir pela atenção do público, mas sim complementar o discurso, então seus slides ou suportes visuais devem ser claros e objetivos. Prefira imagens impactantes e texto conciso para evitar distrações. Quando bem utilizados, os suportes visuais reforçam sua mensagem e também ajudam a guiar o público através dos principais pontos de sua apresentação, garantindo uma experiência envolvente.

9 - Termine

O mais importante nessa lista de boas práticas da fala em público é: *"Tenha certeza de que terminou de falar antes que sua audiência tenha terminado de ouvir"*. Essa frase de Dorothy Sarnoff resume um princípio fundamental da comunicação: respeitar o tempo e a atenção do público. Quando o orador é claro, objetivo e encerra sua fala dentro do tempo esperado, ele mantém o engajamento. Ao ultrapassar esse limite, a tendência é perder a conexão com a audiência, desfocando a mensagem e diminuindo o impacto que poderia ter causado.

"Parte 4 - A devoção"

Estudos de Lucas sobre a comunicação de Jesus

Aprendendo com a Comunicação de Jesus no Livro de Lucas

Durante um ano, dediquei-me a meditar no livro de Lucas, buscando compreender como Jesus comunicava e como podemos aplicar Suas lições em nossa vida diária. Essa jornada foi mais do que uma simples leitura; foi uma experiência transformadora, onde cada capítulo revelou aspectos profundos da comunicação de Jesus. Suas palavras, ações, silêncios e respostas que tocavam o coração das pessoas, inspiravam mudanças e revelavam a verdade do Reino de Deus.

Mas, por que escolher o livro de Lucas como referência para meditar sobre comunicação? Lucas, um médico e historiador detalhista, apresenta Jesus de forma única, destacando Sua humanidade e compaixão. Cada capítulo nos aproxima de um Mestre que não apenas falava, mas também ouvia, não apenas pregava, mas vivia o que dizia. Lucas nos mostra um Jesus humano, relacional e que se conecta profundamente com as pessoas, seja em momentos de confronto, encorajamento ou restauração.

Minha sugestão é que você faça dessa seção do livro um espaço para os seus devocionais diários. Ao longo de 24 dias, mergulhe em cada capítulo de Lucas, extraindo lições sobre como comunicar com verdade, graça e intencionalidade. Deixe Deus falar ao seu coração por

meio de Sua Palavra, mostrando como você pode refletir a comunicação de Jesus em seus relacionamentos, trabalho e testemunho de vida.

Reserve um tempo, leia o texto com atenção e permita que essas reflexões sejam um convite para transformar a maneira como você se conecta com Deus e com os outros. Que esta jornada não seja apenas uma leitura, mas um diálogo vivo entre você e o Senhor, que deseja restaurar todas as áreas de sua vida, inclusive a sua comunicação.

Lucas 1 - Jesus: A Redenção da Comunicação

"Pois nada é impossível para Deus." (Lucas 1:37)

Jesus é a encarnação da Palavra, o porta-voz de Deus que veio ao mundo para reconciliar a humanidade com o Criador. Ele não apenas transmite a mensagem divina, mas personifica o amor e o propósito de Deus de forma relacional. Ao estabelecer um relacionamento duradouro com a humanidade, Jesus transforma nossos corações e restaura nossa capacidade de nos comunicarmos com Deus e com os outros.

O desejo de Deus sempre foi restaurar todas as coisas, incluindo nossa comunicação. No Éden, muitas de nossas habilidades relacionais e comunicativas foram corrompidas pelo pecado. Mas, em Jesus, vemos o modelo perfeito de como falar, ouvir e nos relacionar de maneira alinhada ao propósito de Deus. Ele nos ensina que a comunicação não é apenas um meio de troca de informações, mas um reflexo do nosso relacionamento com Deus e com o próximo.

O apóstolo João nos lembra: *"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"* (João 1:1). Jesus, sendo o Verbo, é a comunicação viva de Deus que criou

todas as coisas e continua a redimir nossa maneira de falar e de conectar. Ele nos convida a viver de acordo com a cultura do Reino, onde a comunicação é restaurada para refletir verdade, amor e propósito.

Como temos usado nossas palavras e relacionamentos? Estamos refletindo a comunicação redimida que Jesus exemplificou? Que nossa maneira de nos comunicar seja marcada pela mesma verdade e graça que encontramos n'Ele.

"Senhor, ajuda-me a refletir o modelo de comunicação de Jesus. Que minhas palavras sejam um reflexo do Teu amor e da reconciliação que trouxeste ao mundo. Amém."

Lucas 2 - Perguntas as chaves para nossa comunicação e relações

"Passados três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas." (Lucas 2:46)

Ele ouvia com atenção e fazia perguntas pertinentes. Encontrado no templo, envolvido em discussões profundas com os mestres, Ele demonstrava uma curiosidade genuína, revelando que o aprendizado e o crescimento nascem da vulnerabilidade e do desejo de compreender.

No estilo de comunicação de Jesus, vemos que perguntar é tão importante quanto falar. Ele nos mostra que a humildade de admitir que não sabemos tudo abre portas para o entendimento e para relações mais profundas. Perguntas criam conexões, mostram interesse genuíno e promovem diálogos significativos. Além disso, elas refletem a sabedoria de alguém que sabe que aprender é um processo contínuo.

Quantas vezes entramos em uma conversa focados em expor nossas opiniões, mas sem o interesse de entender o outro? Jesus nos convida a adotar uma abordagem diferente: ser ouvintes atentos e questionadores respeitosos. Como Albert Einstein observou, *“Uma das coisas mais importantes na vida é a curiosidade”*. Essa curiosidade, quando guiada pela humildade, não apenas nos transforma, mas também edifica aqueles com quem nos relacionamos.

Perguntar é a chave que abre portas para o conhecimento e a compreensão mútua. Não se trata apenas de resolver problemas, mas de valorizar o outro e criar um espaço onde o aprendizado e a verdade possam florescer. Como Jesus, que todos que nos ouvem fiquem maravilhados não apenas por nossas respostas, mas pela profundidade e respeito das nossas perguntas.

"Senhor, dá-me a humildade para ouvir, a sabedoria para perguntar e a graça para aprender. Que minha comunicação seja um reflexo do Teu amor e da Tua verdade. Amém."

Lucas 3 - Frutos do Arrependimento: Comunicação que Gera Transformação

"Produzam frutos que mostrem arrependimento." (Lucas 3:8)

João Batista, como uma voz profética no deserto, nos confronta com um chamado direto e inegociável: o arrependimento verdadeiro não é apenas um sentimento de culpa ou remorso, mas algo que produz frutos visíveis e duradouros. Ele nos desafia a alinhar nossas palavras às ações, transformando nossos valores interiores em atitudes concretas que reflitam a cultura do Reino de Deus.

João confrontou os rituais superficiais e os discursos que não estavam alinhados com a verdade. Sua mensagem de arrependimento era prática: dividir com quem tem necessidade, abandonar a corrupção e tratar os outros com justiça (Lucas 3:10-14). Essas orientações revelam que o verdadeiro arrependimento não é medido pelo que dizemos, mas pelo impacto de nosso exemplo de bondade. Como comunicadores, somos chamados a cultivar um estilo de vida íntegro, onde nossa comunicação reflete essas verdades. Afinal, é Deus o único ser Eterno e perfeito, quem define a verdade para toda a humanidade.

A integridade é o cerne dessa mensagem. Assim como João desafiou as pessoas de sua época, somos desafiados a examinar nossas vidas e perguntar: nossas palavras são respaldadas por nossas ações? Inspiramos os outros não apenas pelo que falamos, mas pelo exemplo que damos? A comunicação que transforma não nasce de discursos eloquentes, mas de uma vida alinhada com os princípios do Reino.

Produzir frutos que mostrem arrependimento é um chamado à autenticidade. Nossas palavras, quando baseadas em integridade e justiça, tornam-se sementes que impactam vidas e transformam realidades em comunidades e nações. Que possamos ser comunicadores que, assim como João, apontem para uma mudança real e duradoura.

"Senhor, ajuda-me a alinhar as minhas palavras às minhas ações. Que minha comunicação reflita os frutos do arrependimento e inspire transformação nos que me ouvem. Amém."

Lucas 4 - Respostas com Discernimento

"Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus." (Lucas 4:4)

Jesus enfrentou o deserto com coragem e discernimento. As tentações do diabo não foram apenas um ataque contra Sua pessoa, mas contra Seu propósito. A batalha no deserto nos ensina que, em momentos de conflito, nossa maior arma não é a força ou o carisma, mas a verdade enraizada na Palavra de Deus.

Cada “proposta” pelo diabo buscava atacar Jesus e a Sua missão. Ao oferecer pão, ele tentou explorar uma necessidade física legítima, mas Jesus respondeu com discernimento, lembrando que o sustento verdadeiro vem de Deus. Ao propor poder e glória, o diabo apelou para a tentação do reconhecimento, mas Jesus reafirmou que apenas o Pai é digno de adoração. E, ao sugerir que Jesus provasse Sua divindade com um gesto grandioso, Ele recusou e mostrou que a Sua identidade não precisava de validação.

Essas respostas nos ensinam sobre comunicação em momentos de confronto. Jesus não entrou em debates longos ou justificativas. Suas respostas foram simples, firmes e baseadas na verdade. Ele nos mostra que, em meio às "conversas difíceis", nossa segurança não vem de nós mesmos, mas da identidade que Deus nos dá. Temos discernimento para enfrentar os conflitos mais intensos quando fundamentamos nossas palavras na verdade do Pai.

O deserto foi um cenário de batalha, mas também de vitória. Jesus saiu fortalecido, pronto para cumprir Sua missão. E nós? Quando confrontados por desafios que tocam nossa provisão, poder ou identidade, como respondemos? Que nossa comunicação seja marcada pela mesma firmeza, discernimento e confiança que Jesus demonstrou no deserto.

"Senhor, dá-me a sabedoria para enfrentar os conflitos com firmeza e graça. Que minhas respostas reflitam a Tua verdade e o propósito que colocaste em minha vida. Amém."

Lucas 5 - Desafiando Valores Equivocados e Comunicando a Verdade.

"Que é mais fácil dizer: 'Os seus pecados estão perdoados', ou: 'Levante-se e ande?'"

(Lucas 5:23)

Diante da oposição dos fariseus, Jesus nos ensina sobre os desafios dos conflitos. Em meio aos olhares de acusações Ele não recua, mas usa essa oportunidade para revelar verdade sobre Sua autoridade e o perdão divino. Ele transformou o momento de críticas e acusações em um espaço de ensino e reflexão, desafiando valores equivocado, a religiosidade que limitavam a compreensão do poder de Deus.

A pergunta de Jesus não foi apenas uma provocação, foi uma exposição. Ele sabia o que os fariseus estavam pensando, mas escolheu abordar seus julgamentos de forma direta, convidando-os a refletir sobre o que realmente importava: a autoridade do Filho do Homem para perdoar pecados. Com uma só ação, perdoadando e curando, Jesus demonstrou que Seu poder era completo, abrangendo tanto o físico quanto o espiritual.

Essa passagem nos desafia a pensar sobre como lidamos com os conflitos em nossas relações. Quantas vezes evitamos confrontar pensamentos, atitudes ou valores equivocados por medo da rejeição? Jesus nos mostra que a comunicação verdadeira não teme o confronto, mas o usa para esclarecer e edificar. Ele nos ensina a não ignorar os questionamentos, mas a abordá-los com sabedoria e firmeza, sempre apontando para a verdade.

Ao curar o paralítico, Jesus nos lembra que a comunicação autêntica é acompanhada por ações que respaldam as palavras. Suas palavras tinham poder porque estavam alinhadas à Sua autoridade e propósito. E nós? Estamos comunicando de forma coerente, com palavras que refletem nossas ações e intenções?

"Senhor, ajuda-me a comunicar com coragem e verdade, desafiando valores equivocados com graça e sabedoria. Que minhas palavras sejam reflexos da Tua autoridade e do Teu amor. Amém."

Lucas 6 - Esperança: Comunicação que Inspira

"Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus." (Lucas 6:20)

As Bem-Aventuranças são mais do que palavras bonitas. Elas são declarações que redefinem o que significa ser abençoado por Deus. O modelo de comunicação de Jesus em seu ministério é transformador, falando profundamente aos corações das pessoas e oferecendo uma esperança que vai além das circunstâncias visíveis. Ao declarar as bem-aventuranças, Jesus nos traz a esperança de que - mesmo em um cenário de sofrimento e dificuldades - somos parte de algo maior, o Reino de Deus.

Jesus não minimiza a dor ou as dificuldades. Ele reconhece os pobres, os que choram e os perseguidos, demonstrando profunda compaixão e apontando para uma realidade eterna que transcende o agora. Esse é um exemplo relacional que resgata, que inspira e que traz vida. É uma mensagem que acolhe, anunciando que ninguém está tão longe que esteja fora do alcance do amor de Deus.

Para os ouvintes de Jesus, as palavras eram transformadoras, trazendo esperança em meio ao mundo cheio de tirania e religiosidade. As palavras de Jesus desafiavam o senso comum de quem era considerado abençoado ou digno.

Para nós, as Bem-Aventuranças também são um chamado. Elas nos convidam a refletir sobre como comunicamos esperança e propósito aos outros. Assim como Jesus, somos desafiados a criar espaços onde palavras e ações apontem para o Reino. Nossa comunicação deve ser

marcada por compaixão e o compromisso de ajudar o nosso próximo a enxergar além do imediato, encontrando significado nas promessas de Deus, pois Ele é a nossa verdadeira esperança.

"Senhor, ensina-me a comunicar com compaixão e verdade. Que minhas palavras sejam como as Tuas, trazendo esperança e vida a todos que as ouvirem. Amém."

Lucas 7 - Não se escandalize!

"E feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa." (Lucas 7:23)

A resposta de Jesus aos mensageiros de João Batista revela um aspecto essencial do Reino de Deus: ele não é construído sobre expectativas humanas, mas sobre a obra transformadora de Deus, que frequentemente desafia nossa lógica. Jesus não trouxe o Reino por meio de demonstrações políticas ou militares, como muitos esperavam com a chegada do Messias, mas por meio de atos de amor, graça e perdão.

“Não se escandalizar” nos chama a confiar em Deus, mesmo quando Suas ações e Seus caminhos parecem contrários ao que esperamos. Da mesma forma, em nossa comunicação relacional, somos desafiados a refletir essa atitude. Não podemos apenas falar sobre amor, graça e perdão. Precisamos demonstrar esses valores em nossas atitudes, especialmente em um mundo cheio de contextos de conflito e tensão.

A clareza e a coerência são cruciais na comunicação integral do Reino. Jesus aponta para Suas obras: *“Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e o evangelho está sendo pregado aos pobres.”* Ele nos ensina que a comunicação verdadeira não é somente uma questão de palavras, mas de uma vida que confirma a mensagem. Assim

como Jesus, somos chamados a construir conexões, trabalhar na restauração das pessoas, incluindo os marginalizados pela religião, comunicando graça onde o mundo espera julgamento.

"Senhor, ajuda-me a confiar nos Teus caminhos, mesmo quando não os entendo. Que minhas palavras e ações reflitam Tua graça e verdade, apontando para o Teu Reino em tudo o que faço. Amém."

Lucas 8 - A Mensagem Encarnada

"Depois disso, Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele." (Lucas 8:1)

Jesus era a própria mensagem, vivendo o que proclamava com graça e amor entre as pessoas. Sua abordagem sempre foi relacional. Ele andava entre as pessoas, ensinava, curava, exortava e amava, demonstrando que o Reino de Deus não é uma ideia, mas uma realidade que transforma vidas, por meio do verdadeiro relacionamento com o altíssimo, essas são as boas novas a esperança de um relacionamento eterno com o Pai.

A beleza da comunicação de Jesus estava na Sua capacidade de inspirar. Diferente da religião, Ele não estava focado em transmitir informações sem vida, mas sim em tocar os corações e inspirar grandes mudanças. Cada gesto, olhar e palavra eram marcados por compaixão e verdade. Ele entendia que o poder da mensagem não está apenas no que é dito, mas em como é vivido entre as pessoas. Essa é a essência da comunicação eterna de Deus encarnada em Jesus: uma comunicação que transforma através da graça.

Em um mundo saturado de informações, somos desafiados a comunicar como Jesus. Nossa mensagem deve transcender palavras e se manifestar em ações que refletem graça. Não se trata apenas de alcançar muitos, mas de impactar profundamente aqueles que nos ouvem. Assim como Jesus, nossa vida deve ser um exemplo que comunica verdade e amor, mostrando que o Reino de Deus é real e relacional.

"Senhor, que minha vida seja uma mensagem viva do Teu Reino. Ajuda-me a comunicar não apenas com palavras, mas com ações que inspirem e transformem. Amém."

Lucas 9 - A Cultura do Feedback

"Ao voltarem, os apóstolos relataram a Jesus o que tinham feito. Então ele os tomou consigo e retiraram-se para uma cidade chamada Betsaida." (Lucas 9:10)

O feedback não é apenas uma ferramenta para medir resultados, mas um processo de comunicação precioso de aprendizado e crescimento. Após enviar os discípulos para pregar, curar e expulsar demônios, Jesus separou um tempo para ouvir os relatos do que fizeram, liderando-os em um processo de reflexão, avaliação e mostrando os principais valores da tarefa realizada.

O que torna esse momento especial é a intencionalidade de Jesus. Ele cria um espaço reservado, longe das multidões, onde os discípulos poderiam compartilhar abertamente sobre suas experiências. Esse ambiente seguro reforça que o feedback não deve ser motivo de conflito, mas uma oportunidade para fortalecer relacionamentos, alinhar perspectivas e identificar áreas de crescimento.

Mais do que uma análise de desempenho, o feedback de Jesus era relacional. Ele não tratava os discípulos como funcionários que prestavam contas, mas como parceiros no Reino. Esse

modelo nos desafia a ver o feedback em nossas relações como uma forma de edificação mútua. Quando ouvimos com atenção e falamos com encorajamento, criamos um espaço onde as pessoas se sentem valorizadas e inspiradas a crescer.

Será que estamos criando momentos intencionais para refletir sobre nossas ações e ouvir o que nossa equipe tem a dizer? Como podemos, assim como Jesus, nutrir uma cultura de feedback que promova crescimento e maturidade? A lição de Jesus é clara: feedback não é sobre criticar, mas sobre construir.

"Senhor, ajuda-me a criar espaços seguros para o feedback em meus relacionamentos. Que eu ouça com humildade e fale com graça, promovendo crescimento mútuo. Amém."

Lucas 10 – O Mínimo Irredutível Relacional

"Disse Jesus: 'Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá.'" (Lucas 10:28)

Ao dialogar com o mestre da Lei, Jesus nos ensina que o amor é o cerne do Reino de Deus. Amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo representa o mínimo irredutível da fé e também a base de toda comunicação relacional. O amor que Jesus afirma que devemos ter por Deus não se trata apenas de sentimentos; é muito mais do que isso. Trata-se de um amor relacional que envolve corpo, alma, mente e coração. Jesus nos convida a alinhar nossas palavras sobre o amor em direção a uma vida relacional holística com nosso Criador.

A comunicação é uma forma de construir relacionamentos que refletem a graça de Deus. Amar ao próximo começa com a capacidade de amar a nós mesmos, mas como podemos nos amar sem uma referência? É por isso que o amor começa em Deus. Quando nos relacionamos

com Ele, compreendemos quem somos, nossos limites, valores e identidade. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais aptos nos tornamos para amar o próximo de forma autêntica. Jesus nos convida a entender o amor na perspectiva divina: *“Ame o próximo como eu amei vocês.”* Assim como Ele deseja nos ama, devemos amar o nosso próximo. Esse amor é sagrado e eterno, refletindo o coração de Deus em nossas palavras e ações.

O amor relacional não é teórico. Ele se manifesta em atos práticos, como perdoar, servir e encorajar. É o que valida às nossas palavras e da credibilidade à nossa mensagem de vida. Não basta declarar nosso amor a Deus e ao próximo. Precisamos demonstrar isso em nossos gestos e escolhas diárias. Assim, nossa comunicação deixa de ser apenas um meio para se tornar um reflexo do Reino de Deus em ação.

"Senhor, ajuda-me a alinhar minhas palavras ao Teu amor. Que minha comunicação seja um reflexo da Tua graça, trazendo transformação e vida aos que me ouvem. Amém."

Lucas 11 – A Oração

"Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta." (Lucas 11:10)

Jesus nos convida a uma oração prática, onde cada pedido, busca e clamor são expressões de um convite para um relacionamento ativo com Deus. Essa “porta” não existe apenas para pedirmos algo a Deus, mas para nos encontrarmos com Ele. Nossa busca deve ir além do desejo de recompensas. É um convite para estar em Sua presença, conhecer Seu coração e desfrutar do relacionamento para o qual fomos criados. A comunicação com o Pai não deve

ser um ritual mecânico, mas um diálogo honesto e perseverante, que revela nossa dependência e confiança em Sua bondade.

Quando nossa comunicação com Deus se torna superficial, permeadas de interesses, corremos o risco de transformar a oração em palavras vazias. Porém, Deus não precisa de nossos discursos elaborados, Ele quer ouvir o que está em nossos corações. Ele está aberto às nossas dúvidas, medos e anseios. A oração não é sobre encontrar as palavras certas, mas sobre abrir o coração com sinceridade, sabendo que Ele nos ouve e deseja responder.

Quando as palavras falham, estar em Sua presença pode ser uma expressão profunda de adoração. Esse silêncio, longe de ser vazio, está cheio de significado. Ele nos ensina a ouvir a voz de Deus e a descansar na certeza de que Ele está presente. É um lembrete de que, às vezes, a melhor forma de orar é simplesmente contemplar Sua grandeza e permitir que Sua paz preencha nosso coração. Essa oração transforma nosso relacionamento com Deus. Cada momento de busca nos aproxima mais d'Ele, fortalecendo nossa fé e alinhando nossas vidas com Sua vontade.

"Senhor, ensina-me a buscar-Te com verdade. Que minha oração seja um reflexo do meu coração, e que eu encontre em Ti tudo o que preciso. Amém."

Lucas 12 - Hipocrisia: O Fermento que Corrompe a Comunicação

"Tenham cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia." (Lucas 12:1)

Jesus adverte que a hipocrisia é como o fermento, começa de forma sutil, mas rapidamente se espalha, contaminando nossas palavras, ações e comunidades. A hipocrisia cria uma fachada

de aparências que esconde a verdadeira essência do coração. No entanto, essa prática vai contra o valor essencial da comunicação no Reino de Deus: a verdade.

A hipocrisia nasce do medo, do temor humano de sermos descobertos, julgados ou rejeitados. Esse medo nos leva a criar máscaras, versões de nós mesmos que julgamos mais aceitáveis aos olhos dos outros. Contudo, Jesus nos lembra que essa proteção é verdadeira, pois Deus conhece o íntimo do nosso ser e nada permanece oculto diante Dele. A integridade na comunicação é um reflexo do caráter transformado pelo Espírito Santo.

Jesus nos chama a abandonar as máscaras e a abraçar a integridade. Isso significa alinhar nossas palavras às nossas ações e permitir que a verdade do Reino seja visível em tudo o que fazemos. A comunicação verdadeira não é apenas sobre o que falamos, mas sobre quem somos. É um exercício de coragem e fé, onde escolhemos refletir a luz de Cristo em um mundo que valoriza a superficialidade.

"Senhor, ajuda-me a abandonar as máscaras e a comunicar com verdade. Que minhas palavras e ações reflitam a integridade do Teu Reino. Amém."

Lucas 13 - Comunicação que Transforma

"Então Jesus perguntou: 'Com que se parece o Reino de Deus? Com que o compararei? É como um grão de mostarda que um homem semeou em sua horta. Ele cresceu e se tornou uma árvore, e as aves do céu fizeram ninhos em seus ramos.'" (Lucas 13:18-19)

Jesus usava metáforas para transmitir verdades profundas. Ao comparar o Reino de Deus a um grão de mostarda, Ele ensina que a transformação começa com pequenas ações. Assim como o grão de mostarda, que começa pequeno e cresce até se tornar uma árvore que acolhe

as aves, nossas pequenas palavras e gestos podem oferecer vida, amor, descanso e refúgio. São os pequenos atos diários de bondade, quando fundamentados no amor e na verdade, que geram frutos duradouros e impactam as pessoas ao nosso redor.

Nossas palavras, mesmo que pareçam pequenas aos olhos de muitos, têm o poder de influenciar e transformar gradualmente os ambientes em que estamos. Isso nos chama à intencionalidade em tudo o que comunicamos, alinhando palavras e ações como instrumentos de restauração de vidas.

Quando comunicamos o Reino de Deus, criamos espaços onde outros podem encontrar cura e transformação. Que nossas palavras sejam como sementes, trazendo o impacto do Reino a todos que encontramos.

"Senhor, ajuda-me a ser intencional ao comunicar, semeando palavras que cresçam e transformem como o grão de mostarda."

Lucas 14 - Comunicação e os Nossos Valores

"Se um de vocês tiver um filho ou um boi, e este cair num poço no dia de sábado, não irá tirá-lo imediatamente?" (Lucas 14:5)

Jesus nos ensina que nossas ações e palavras são reflexos diretos dos valores que habitam em nossos corações. O que comunicamos, seja por palavras ou ações, sempre nasce do que consideramos mais importante.

A pergunta que Ele faz em Lucas 14:5 foi um confronto as regras religiosas sobre o sábado, revelando a verdadeira prioridade do Reino, indicando que a compaixão e a humanidade estão acima da tradição religiosa.

A comunicação não é apenas sobre o ato de falar, mas viver o que falamos. Se nossos valores estão alinhados com o Reino de Deus, isso se refletirá em nossas interações diárias. Jesus nos mostra que nossas escolhas, sejam em palavras ou atitudes, expõem aquilo que realmente valorizamos.

A pergunta não é apenas o que estamos dizendo, mas *de onde* nossas palavras estão vindo. Jesus nos desafia a alinhar nossos valores com a sua verdade, para que tudo o que comunicamos revele o amor e a verdade de Deus.

"Senhor, ajuda-me a alinhar meus valores com o Teu Reino. Que minhas palavras e ações sejam um reflexo autêntico do que habita em meu coração e um testemunho da Tua verdade. Amém."

Lucas 15 - Respondendo com Sabedoria e Graça

"Este homem recebe pecadores e come com eles." (Lucas 15:2)

Jesus enfrentou críticas constantes durante o Seu ministério, especialmente por andar com os que eram rotulados como "pecadores". Sua resposta às acusações nos ensina como lidar com críticas de maneira sábia. Em vez de reagir, Jesus escolhe comunicar com propósito, revelando o coração de sua missão.

Ao ser acusado de estar com pecadores, Jesus responde com a brilhante parábola do Filho Pródigo, comunicando que seu propósito é resgatar aqueles que estavam perdidos. Ele transformou o momento de acusação em uma oportunidade para ensinar sobre a compaixão e a graça.

Jesus nos desafia a repensar como reagimos às críticas e acusações, a nossa tendência natural diante desses momentos é reagir, seja para nos defender ou atacar. No entanto, Jesus nos convida a responder com sabedoria aos conflitos.

O princípio é deixar de ser conduzido pelos impulsos dos sentimentos e, por meio da sabedoria e graça de Deus, aprender a responder em vez de simplesmente reagir, quando enfrentamos conflitos ou questionamentos que confrontam nossos valores. Esses momentos nos oferecem a oportunidade de fazer com que nossa comunicação reflita os valores do Reino de Deus.

"Senhor, ajuda-me a responder às críticas com graça e sabedoria. Que minhas palavras e ações reflitam o Teu amor, mesmo em momentos de tensão e acusação. Amém."

Lucas 16 - Comunicação e as Escolhas

"Vocês não podem servir a dois senhores. Amando um, desprezarão o outro." (Lucas 16:13)

Jesus nos desafia a avaliar nossos valores e a forma como eles moldam nossas palavras, decisões e ações. Sua afirmação é um convite à integridade, nossos corações e mentes não podem estar divididos, isso fragmenta nosso foco e compromete a clareza da nossa comunicação.

Quando nossos valores estão desalinhados, nossa comunicação se torna ambígua. Dizemos uma coisa, mas nossas ações refletem outra. Essa incoerência tira nossa credibilidade e prejudica muito nossos relacionamentos. Jesus nos ensina que a verdadeira comunicação nasce de um coração íntegro, onde os valores do Reino guiam não apenas nossas palavras, mas também nossas escolhas.

Jesus nos convida a escolher com sabedoria quais "senhores" governam nossas vidas. Quais valores e crenças realmente priorizamos? A verdade é que quando nossos corações estão alinhados com os valores do Reino, comunicamos de maneira transformadora! Que possamos refletir sobre o que estamos priorizando e escolher o caminho da verdade que nos leva para uma vida abundante com Deus e com o próximo.

"Senhor, ajuda-me a alinhar meus valores com os Teus. Que minha comunicação seja clara e verdadeira, refletindo o Teu Reino em tudo o que faço. Amém."

Lucas 17 - Qual a resposta diante de um conflito?

"Se o seu irmão pecar contra você, repreenda-o e, se ele se arrepender, perdoe-lhe." (Lucas 17:3)

Os conflitos podem ser inevitáveis. Porém, Jesus nos dá um caminho claro sobre como enfrentá-los de forma direta, baseados no amor. O primeiro passo é reconhecer o conflito, sem tentar fugir ou minimizar a situação. Isso requer honestidade consigo mesmo e com o próximo, além da disposição para iniciar o diálogo em busca da resolução, da reconciliação e do perdão. No entanto, não se trata apenas de confronto, esse espaço é uma oportunidade para o crescimento mútuo, demonstrando a graça de Deus.

Muitas vezes evitamos as chamadas “conversas difíceis” por medo da reação do outro ou pela grande insegurança que envolve muitos. Todavia, evitar o confronto acaba criando barreiras ainda maiores, levando ao distanciamento e à indiferença. Quando agimos assim, perdemos a

oportunidade de trazer restauração aos relacionamentos. Jesus nos chama a sermos intencionais, enfrentando o conflito com verdade, sempre temperada com amor.

O perdão é uma parte essencial da comunicação no Reino. Não somos responsáveis por garantir o arrependimento do outro, mas somos chamados para estar prontos a perdoar quando ele ocorre. O perdão não invalida a dor, mas abre espaço para a cura e reconexão. Assim como Deus não nos trata com indiferença após nossos erros, somos chamados a fazer o mesmo com os outros.

"Senhor, ajuda-me a enfrentar os conflitos com coragem e graça. Que minhas palavras sejam cheias de amor, trazendo reconciliação e verdade a todos os meus relacionamentos. Amém."

Lucas 18 - Construindo Intimidade

"Jesus chamou à parte seus discípulos e lhes disse: 'Estamos subindo para Jerusalém, e tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do Homem se cumprirá.'" (Lucas 18:31)

A comunicação de Jesus com Seus discípulos nos ensina como a intimidade relacional é construída. Ao chamar os doze para perto, Ele compartilhou informações sobre Seu destino, abrindo Seu coração para aqueles com quem caminhava. De diversas maneiras, Jesus buscou intimidade e profundidade nos relacionamentos com Seus discípulos.

Ele não reteve Sua “agenda”. Pelo contrário, escolheu prepará-los, mesmo sabendo que muitas vezes eles não compreenderiam imediatamente Suas palavras. Essa disposição para compartilhar, mesmo em meio à vulnerabilidade, é um convite para que sigamos esse exemplo em nossos próprios relacionamentos.

Muitas vezes, nossas inseguranças nos impedem de nos abirmos, levando-nos a reter informações ou criar barreiras para proteger nossos próprios interesses. Porém, Jesus nos mostra que a verdadeira intimidade requer confiança. Ele nos ensina que comunicar com sinceridade fortalece os relacionamentos e cria um ambiente onde a verdade pode ser compartilhada sem reservas.

Como temos comunicado com aqueles que estão mais próximos de nós? Estamos dispostos a criar espaço para conversas transparentes que nutram confiança e compreensão? Assim como Jesus, somos chamados a cultivar relacionamentos onde clareza e presença sejam os alicerces, permitindo que a comunicação fortaleça não apenas palavras, mas também corações.

"Senhor, ajuda-me a comunicar com clareza e sinceridade, refletindo a Tua graça em meus relacionamentos mais íntimos. Que minha vida seja um exemplo de confiança e verdade. Amém."

Lucas 19 - Por Onde Jesus Começa?

"Hoje houve salvação nesta casa!" (Lucas 19:9)

Jesus nos ensina que toda transformação começa no coração. Ao longo de seu ministério, Ele não apenas lidou com os sintomas externos do comportamento. Jesus olhava para os valores que governam as escolhas e ações. Esse era o grande confronto ao estar na presença de Jesus. Suas interações com a mulher samaritana, Nicodemos e o jovem rico exemplificam esse princípio: sua agenda não era sobre aparências ou performances, mas no que habitava no centro dos corações, o que ele chamou de “tesouros escondidos”.

A verdade é que comunicamos o que valorizamos. Palavras, gestos e decisões fluem diretamente do que consideramos importante. *“Onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração”* (Mateus 6:21), Jesus traz o discernimento de que o coração humano é o centro das escolhas. Por isso, Ele começa seu ministério de restauração transformando de dentro para fora. Não há verdadeira mudança de comunicação ou relacionamento sem primeiro ajustar o que está no coração.

Se queremos mudar como nos relacionamos e nos comunicamos, então precisamos começar pelo coração. O que temos valorizado? Onde está o nosso tesouro? Jesus nos convida a permitir que Ele transforme o interior para que nossa comunicação e ações sejam um reflexo verdadeiro do Reino de Deus. Essa é a comunicação transformada que Jesus busca em nós: uma expressão autêntica de valores redimidos.

"Senhor, transforma meu coração. Que meus valores sejam alinhados aos Teus, para que minha comunicação reflita a Tua verdade e graça. Amém."

Lucas 20 – Respostas que Inspiram

"E não conseguiram apanhá-lo em nenhuma palavra diante do povo. E, admirados com a sua resposta, ficaram em silêncio." (Lucas 20:26)

A interação de Jesus com os líderes religiosos é um exemplo de comunicação com discernimento. Diante das tentativas de acusações, Jesus não reage ou foge das situações, ele responde de maneira que desarma os acusadores e os deixa admirados. Essa habilidade de comunicação nos ensina sobre a importância de sermos intencionais, prudentes e edificantes em nossas palavras, especialmente em momentos de conflito.

Jesus nos mostra que comunicação não é apenas sobre o que dizer, mas como e quando dizer. Aprendemos aqui que nossas palavras têm o poder de inspirar respeito quando refletem sabedoria e verdade. Não se trata de ganhar debates, mas de comunicar de maneira que edifique e transforme. Isso exige que sejamos sábios em como ouvimos, pensamos e respondemos. Já ouvi alguém dizer que ao invés de aumentar nosso tom de voz, devemos melhorar nossos argumentos. Assim deve ser quando buscando alinhar nossas palavras aos valores do Reino.

E nós? Como lidamos com situações em que nossas palavras são desafiadas ou mal interpretadas? Quando nossas palavras são guiadas pelo discernimento até mesmo nossos opositores podem ser levados a refletir.

"Senhor, ajuda-me a falar com sabedoria e a ouvir com discernimento. Que minhas palavras reflitam a Tua verdade e inspirem respeito e transformação. Amém."

Lucas 21 - Como Comunicamos em Tempos Difíceis?

"Cuidado para não serem enganados. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: 'Sou eu!' e 'O tempo está próximo'. Não os sigam." (Lucas 21:8)

Em sua sabedoria, Jesus preparou os discípulos para enfrentar os momentos difíceis que viriam pela frente. Ele não escondeu a realidade dos desafios, pelo contrário, falou sobre as perseguições e dos tempos incertos que estavam por vir.

Essa abordagem de Jesus confronta nossa tendência moderna de evitar tensões e suavizar mensagens difíceis em nossos púlpitos. Ele sabia que esconder a realidade só formaria pessoas despreparadas e suscetíveis ao engano. Assim, Jesus treinou sua equipe para

discernir, não viver sob o domínio do medo e usar momentos de provação como oportunidades para proclamar a verdade, Suas palavras afirmavam que cada adversidade seria uma oportunidade para testemunhar sobre o Reino de Deus.

Esse exemplo nos convida a refletir sobre como preparamos aqueles que estão sob nossa liderança, sejam nossos filhos, amigos ou discípulos. Será que estamos preparando as pessoas para enfrentar a vida com ousadia no Senhor? Ou estamos protegendo excessivamente, diminuindo tensões que poderiam desenvolver resiliência? Jesus nos ensina que o discipulado inclui expor à realidade, ensinar sobre a graça em meio às dificuldades e mostrar que a esperança no Reino de Deus está acima de qualquer tribulação.

Quando confrontamos os desafios de frente, assim como Jesus fez, aprendemos a viver pelo propósito pelo qual fomos criados. Isso nos fortalece para não apenas superar as dificuldades, mas também transformar cada momento difícil em uma oportunidade de testemunho e assim glorificarmos a Deus.

"Senhor, ajuda-me a liderar e preparar aqueles ao meu redor para enfrentar a vida com coragem e fé. Que minha comunicação inspire resiliência e esperança nos momentos difíceis. Amém."

Lucas 22 - Quando as Palavras São Provadas

"Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça." (Lucas 22:32)

A intercessão de Jesus por Pedro nos ensina sobre as vulnerabilidades humanas diante dos momentos de medo e pressão. As palavras de Pedro que eram cheias de “paixão” e coragem, não resistiram a provação do sinédrio quando Jesus foi preso. O discípulo foi confrontado, o

medo o levou a reagir, negando o Mestre que anteriormente ele havia prometido seguir até a morte.

Essa história nos desafia a refletir sobre como reagimos sob pressão. As emoções rapidamente tomam o controle, fazendo com que nossas palavras contrariem nossos valores e compromissos. Pedro foi confrontado diante do peso daquela situação e as suas respostas revelaram mais do que ele gostaria de admitir: um coração que precisava de crescimento e humildade.

Quando nossas palavras são postas à prova, precisamos buscar a sabedoria que vem de um coração humilde e dependente de Deus. O que está governando a sua comunicação? Nossas palavras precisam ser orientadas por um espírito de discernimento e graça. Assim como Pedro foi restaurado, somos chamados a permitir que Jesus nos molde mesmo diante das nossas falhas, aprendendo a responder movidos pela fé.

"Senhor, ajuda-me a responder com humildade e confiança, mesmo diante do medo. Que minhas palavras reflitam a Tua graça e que eu cresça através dos meus erros, tornando-me mais parecido contigo. Amém."

Lucas 23 - Integridade Diante da Adversidade

"Pilatos decidiu fazer a vontade deles." (Lucas 23:24)

O julgamento de Jesus diante de Pilatos revela uma verdade desconfortável sobre liderança: a pressão da opinião pública pode nos levar a manipular nossas palavras, contrariando nossos valores. Pilatos sabia que Jesus era inocente. Por três vezes tentou libertá-lo, mas sucumbiu

ao clamor da multidão. Seu desejo de agradar os líderes religiosos e evitar um tumulto superou a verdade.

Essa história nos desafia a refletir sobre como comunicamos e tomamos decisões, especialmente quando estamos sob pressão. Pense na linguagem que adotamos em momentos difíceis, facilmente as palavras que saem da nossa boca, se tornam em um lugar para nos escondemos da realidade.

Com alguma frequência, somos confrontados com a escolha entre agradar à multidão ou manter nossos princípios. O mundo valoriza a popularidade, mas o Reino de Deus nos chama para uma liderança corajosa e fundamentada na verdade. Quando estamos seguros em Deus, nossa comunicação reflete os valores do Reino, mesmo que enfrentemos oposição.

Se não tivermos clareza sobre os nossos valores, seremos facilmente levados pelos clamores da maioria ou pelos medos internos. No entanto, quando nossos corações estão alinhados com os princípios de Deus, encontramos a graça para comunicar integridade, mesmo em meio à adversidade.

"Senhor, ajuda-me a liderar com coragem e comunicar com integridade. Que minhas decisões sejam guiadas pelos Teus valores e não pelo medo. Amém."

Lucas 24 - Conversas Transformadoras

"Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?" (Lucas 24:32)

A conversa no caminho de Emaús é uma das demonstrações grandiosa do estilo transformador de Jesus. Dois discípulos, confusos e desanimados após a crucificação,

encontram-se caminhando ao lado de um "estranho". Eles não sabiam, mas estavam na presença do próprio Cristo ressuscitado. Enquanto Ele falava, algo começou a mudar dentro deles. Suas palavras não apenas explicavam as Escrituras, elas conectavam-se profundamente com seus corações, reacendendo a esperança outrora perdida.

Ele não quer apenas informar; Ele transforma. Suas palavras são carregadas de significado e poder. Ele usa histórias, exemplos e verdades para tocar os corações, iluminar a mente e inspirar ações. Seu estilo de comunicação é profundamente relacional, é um convite contínuo à mudanças.

O que fez os corações dos discípulos arderem enquanto Ele falava? Foi a combinação da graça e seu estilo de comunicação. Jesus, o maior *storyteller* que o mundo já conheceu, mostrou que a verdadeira influência não vem de discursos eloquentes, mas de conversas cheias de significado e vida. Suas palavras continuam mudando vidas porque falam diretamente ao coração. Ele nos inspira que, quando nos comunicamos dessa forma, tocamos as pessoas ao nosso redor, cooperando para a transformação.

"Senhor, ajuda-me a seguir o exemplo de Jesus em minha comunicação. Que minhas palavras inspirem, conectem e transformem, trazendo luz e esperança àqueles que me ouvem. Amém."

